

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES**

**LUIZ RICARDO PAULUK**

**OS MONGES (BONS) REBELDES: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE  
MONÁSTICA NA ABADIA DA RESSURREIÇÃO DE PONTA GROSSA (PR)**

**PONTA GROSSA  
2023**

**LUIZ RICARDO PAULUK**

**OS MONGES (BONS) REBELDES: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE  
MONÁSTICA NA ABADIA DA RESSURREIÇÃO DE PONTA GROSSA (PR)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Área de História, Cultura e Identidades.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosangela Wosiack Zulian.

Coorientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Carla de Melo Martins

**PONTA GROSSA  
2023**

P333 Pauluk, Luiz Ricardo  
Os monges (bons) rebeldes: um estudo sobre a identidade monástica na Abadia da Ressurreição de Ponta Grossa (PR) / Luiz Ricardo Pauluk. Ponta Grossa, 2023.  
127 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Wosiack Zulian.  
Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins.

1. Abadia da Ressurreição. 2. Identidade religiosa. 3. Representações. 4. Práticas religiosas. I. Zulian, Rosangela Wosiack. II. Martins, Patrícia Carla de Melo. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 200.9

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Luiz Ricardo Pauluk**

### **OS MONGES (BONS) REBELDES: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE MONÁSTICA NA ABADIA DA RESSURREIÇÃO DE PONTA GROSSA (PR)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 4 de dezembro de 2023, pela seguinte banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Wosiack Zulian (UEPG) - Orientadora

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** PATRICIA CARLA DE MELO MARTINS  
Data: 14/12/2023 09:28:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Carla de Melo Martins (UFMA)- (Coorientadora)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** EDSON ARMANDO SILVA  
Data: 14/12/2023 15:27:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Edson Armando Silva (UEPG)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANDREA MAZUROK SCHAETAE  
Data: 14/12/2023 11:31:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea Mazurok Schactae (IFPR)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ROSANGELA WOSIACK ZULIAN  
Data: 14/12/2023 13:35:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## **Agradecimentos**

A Deus, pela força e orientação divina que me permitiram chegar até aqui e pela iluminação concedida para enfrentar os desafios que surgiram durante esta jornada.

A minha amada esposa, Susane Palcka, pela paciência, apoio incondicional e amor constante. Sua presença na minha vida sempre foi a mais importante motivação minha para continuar crescendo.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando em todos os momentos.

Aos professores do mestrado, cujo conhecimento e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho. Cada um de vocês contribuiu de maneira única para o meu crescimento acadêmico.

À minha orientadora, a Professora Rosângela W. Zulian, cuja dedicação e orientação constante foram cruciais para o sucesso desta dissertação. Suas orientações e conselhos moldaram este trabalho e minha trajetória acadêmica de forma inestimável.

A todos os amigos, especialmente Cleverson T. Gerônimo Junior que acompanhou o processo do começo ao fim, colegas e pessoas que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista, meu profundo agradecimento.

Agradeço a todos os que acreditaram em mim e me incentivaram ao longo desta jornada.

Por fim, dedico essa dissertação a minha filha Esther Palcka Pauluk.

A Cruz Sagrada seja a minha luz, não seja o dragão o meu guia. Retira-te, satanás!  
Nunca me aconselhes coisas vãs. É mau o que tu me ofereces. Bebe tu mesmo os  
teus venenos!

(Oração da Medalha de São Bento)

## Resumo

O objetivo desse trabalho é compreender como os monges da Abadia da Ressurreição, localizada em Ponta Grossa (PR), construíram sua identidade monástica. Trata-se de um mosteiro beneditino que foi fundado no ano de 1981 por um grupo composto majoritariamente de postulantes, ou seja, pessoas que ainda não haviam feito seus votos monásticos perpétuos. Estes jovens foram liderados pelo único monge do grupo, chamado D. Lucas Torrel de Almeida Costa, o qual possuía influências que poderiam ser consideradas progressistas, o qual teria marcado a identidade deste mosteiro até hoje, fazendo com que estes monges fossem chamados de "(bons) rebeldes". Utilizando o referencial teórico da Nova História Cultural, destacando os historiadores Roger Chartier e Michel de Certeau, propomos uma análise da representação e das práticas presentes nesse Mosteiro, as quais foram publicadas em documentos oficiais (chamados "projetos monásticos") e no canal do YouTube pertencente a Abadia da Ressurreição. Neste canal, os monges publicam informações, entrevistas, fragmentos de ritos religiosos, bem como divulgam seu mosteiro e seu cotidiano. Assim, esta pesquisa visa lançar luz sobre a evolução da identidade monástica na Abadia da Ressurreição e como ela é comunicada ao público através das mídias contemporâneas.

Palavras-chave: Abadia da Ressurreição; Identidade religiosa; Representações e práticas religiosas;

## **Abstract**

The objective of this work is to understand how the monks of the Abadia da Ressurreição, located in Ponta Grossa (PR), constructed their monastic identity. It is a Benedictine monastery that was founded in 1981 by a group composed mainly of postulants, that is, people who had not yet taken their perpetual monastic vows. These young people were led by the only monk in the group, called D. Lucas Torrel de Almeida Costa, who had influences that could be considered progressive, which would have marked the identity of this monastery to this day, causing these monks to be called “(good) rebels”. Using the theoretical framework of New Cultural History, highlighting historians Roger Chartier and Michel de Certeau, we propose an analysis of the representation and practices present in this Monastery, which were published in official documents (called “monastic projects”) and on the YouTube channel belonging to the Abbey of the Resurrection. On this channel, the monks publish information, interviews, fragments of religious rites, as well as publicizing their monastery and their daily lives. Thus, this research aims to shed light on the evolution of monastic identity at Resurrection Abbey and how it is communicated to the public through contemporary media.

**Keywords:** Resurrection Abbey; Religious identity; Religious representations and practices;



## **Lista de Tabelas**

TABELA 1 – Total de vídeos encontrados e duração .....	p. 48
TABELA 2 – Vídeos selecionados .....	p. 49

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1: A história e identidade dos monges da Abadia da Ressurreição</b> ....	19
1.1 <i>Questões da pré-fundação do Mosteiro da Ressurreição</i> .....	22
1.2 <i>Os primeiros tempos e o priorado de D. Lucas (1981-1990)</i> .....	28
1.3 <i>O priorado e abadiado de D. André (1991 até a atualidade)</i> .....	31
<b>Capítulo 2: Análise de três projetos monásticos</b> .....	37
2.1 <i>O projeto monástico de D. Grégoire Lemercier</i> .....	38
2.2 <i>O projeto monástico de D. Lucas</i> .....	40
2.3 <i>O projeto monástico da Abadia da Ressurreição</i> .....	42
2.4 <i>A atual abadia: uma síntese de três projetos monásticos</i> .....	45
<b>Capítulo 3: Os discursos dos monges presentes no YouTube: uma análise de discurso</b> .....	47
3.1 <i>“Essa vontade realmente é coisa de Deus”: a identidade monástica a partir da afetividade</i> .....	50
3.2 <i>“Esse é um trabalho já extraordinário”: a relação ambivalente com os sacerdotes</i> .....	55
3.3 <i>“A beleza faz parte da vida”: arte, tradição e a vida rural</i> .....	57
3.4 <i>“Eram chamados bons rebeldes”: O signo da rebeldia</i> .....	61
3.5 <i>A identidade monástica: uma síntese</i> .....	65
<b>Considerações finais</b> .....	67
<b>Apêndice A - Mosteiro da Ressurreição - Globo Repórter de 1995</b> .....	73
<b>Apêndice B - Léo Visita - Mosteiro da Ressurreição</b> .....	77
<b>Apêndice C - Em Foco com monge Dom Ruberval</b> .....	82
<b>Apêndice D - Videoreportagem Em visita ao Mosteiro da Ressurreição - Ponta Grossa/PR - Parte 01</b> .....	91
<b>Apêndice E - Conheça o Mosteiro da Ressurreição</b> .....	94
<b>Apêndice F - Vozes do Silêncio - Mosteiro da Ressurreição</b> .....	98

<b>Apêndice G - PGM 20 04 15 Entrevista - Dom Bento e João da Cruz .....</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice H – Quem é Dom André Martins.....</b>	<b>105</b>
<b>Apêndice I - Mosteiro da Ressurreição .....</b>	<b>117</b>
<b>Apêndice J – D. André, OSB, para os acadêmicos do Curso de Canto Gregoriano e Polifonia Sacra .....</b>	<b>119</b>
<b>Apêndice L - Mosteiro ou Abadia? Conversa com Dom Mateus de Salles Penteadó, OSB. ....</b>	<b>121</b>

## Introdução

Na pós-modernidade<sup>1</sup>, as instituições e identidades vivenciam uma profunda crise (Hall, 2014). O mesmo vale para as organizações religiosas. Com as transformações sociais ocorridas ao longo do século XX e no início do século XXI, as diversas formas de expressar a espiritualidade passaram por significativas transformações. Deste modo, praticamente, todas as grandes identidades religiosas precisaram se reinventar. A globalização e a disseminação das novas tecnologias deram origem a novas formas de comunicação e acesso à informação, o que permitiu aos indivíduos questionarem e reavaliarem suas crenças e valores. Além disso, a secularização e a diversificação religiosa também contribuíram para a crise de identidade destas instituições.

Os monges beneditinos da Abadia da Ressurreição são um exemplo de como a identidade monástica se reinventa, mesmo numa instituição conservadora, como é a Igreja Católica Apostólica Romana. Este mosteiro se localiza na cidade de Ponta Grossa, interior do Paraná, aproximadamente, 100 km da capital Curitiba. Estes monges ficaram famosos no Brasil por conta de uma prática bastante peculiar: eles compõem e cantam o canto gregoriano em português, chamado de neogregoriano. Na década de 1990, começaram a lançar CDs, os quais lhes conferiram a fama. A adaptação do canto gregoriano para o português pode ser vista como uma forma inovadora de preservar a tradição e, ao mesmo tempo, torná-la mais acessível e relevante para o público contemporâneo.

Desde então, os monges da Abadia da Ressurreição têm expandido sua presença midiática. Eles mantêm um *site* na internet, que oferece informações sobre o seu mosteiro, bem como uma loja virtual para a venda de seus produtos. Além disso, estão presentes em redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, e não hesitam em conceder entrevistas a jornais, que são posteriormente publicadas na Internet.

---

<sup>1</sup> A pós-modernidade pode ser compreendida através de seu caráter de mudança constante e rápida. Stuart Hall argumenta que as sociedades modernas são definidas por diferenças e divisões sociais que produzem uma variedade de identidades. Nesse sentido, as mudanças da pós-modernidade obrigam os indivíduos a jogarem o “jogo das identidades”, escolhendo a identidade que melhor lhes convém em determinadas circunstâncias. Hall destaca que as identidades são contraditórias e as contradições atuam tanto dentro como fora da mente de cada indivíduo. Além disso, nenhuma identidade é singular, e a identificação não é automática, podendo ser ganha ou perdida. Dessa forma, o autor aponta para a complexidade das identidades na pós-modernidade, que exigem uma compreensão mais ampla e crítica dos processos de identificação e suas implicações sociais e políticas. (Pina, 2015, p. 214).

O objetivo de nosso trabalho é entender como os monges da Abadia da Ressurreição construíram a sua identidade monástica. Ao nos depararmos com esse objeto de pesquisa, podemos levantar algumas indagações: Como fazem para conciliar o afastamento social que caracteriza o monacato com sua presença midiática? Estes monges, que se consideram tradicionais, inovam nas suas tradições. Isso incorre em contradições? Como as práticas cotidianas do mosteiro apontam para a representação do que é ser monge para eles? Como a análise de seus discursos nas mídias sociais, principalmente no *YouTube*, pode ajudar a compreendermos essa identidade monástica?

Para respondermos essas questões, e outras ainda que estão por vir no decorrer da dissertação, precisamos apresentar nosso referencial teórico, pois uma teoria da História sem prática desemboca no sonambulismo, enquanto uma prática histórica sem teoria resulta em dogmatismo (Certeau, 1982, p.55). Tendo isso em vista, ao refletirmos o conceito de identidade, precisamos considerar alguns aspectos. Para Hall (2014):

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. (p. 8-9).

Assim, se faz útil compreender esse conceito dentre várias perspectivas. A noção de identidade tem sido objeto de investigação em diversas áreas das ciências humanas, remontando às origens na Filosofia e na Psicologia, bem como na Psicanálise. A área dos Estudos Culturais, que surgiu como um fruto da pós-modernidade nas Ciências Humanas e Sociais, tem levantado questões acerca da construção de identidades a partir de diferentes perspectivas, como as sociológicas, linguísticas e comunicacionais. Diante disso, surgiram diversas formas de categorizar este conceito, tais como a identidade nacional, étnica, social e, evidentemente, a identidade religiosa (Silva; Silva, 2009, p. 202). De forma geral, podemos compreender essas formas do seguinte modo:

Tanto para a Antropologia quanto para a Psicologia, a identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros. Tal sistema possui representações do passado, de condutas atuais e de projetos para o futuro. Da identidade pessoal, passamos para a identidade

cultural, que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos. (Silva; Silva, 2009, p. 202).

Essa noção de identidade, ligada à construção egóica, foi reconhecida por Hall (2014) como um dos fatores que estabilizaram o mundo social moderno (Hall, 2014, p. 7), mas, na sociedade contemporânea, entrou na crise social que apresentamos inicialmente. Para esse autor, as antigas identidades modernas estão “descentradas” (HALL, 2014, p. 8).

Nessa perspectiva, a psicanálise freudiana pode contribuir com a ampliação desse conceito. Freud (1921/2010, p. 60), no livro *Psicologia das massas e análise do Eu*, reconhece que, em sua visão psicanalítica, a identificação (ou seja, o processo inconsciente de construção da identidade) como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva. Essa ideia de que a construção da identidade está ligada aos afetos nos será bastante relevante adiante, quando falarmos da construção da identidade religiosa.

Freud descreverá esse processo de identificação mais profundamente no texto *O Eu e o Id* (1923/2011). Após o desmoronamento do complexo de Édipo, o qual é fundante da estruturação psíquica, a criança é levada a identificar-se com a mãe ou com o pai, apesar de conservar, em alguma medida, a relação com a outra função (Freud, 1923/2011, p. 40). O resultado é cisão psíquica comum na neurose: a existência de um Eu e de um resíduo das primeiras identificações infantis: o Super-eu ou ideal do Eu (Freud, 1923/2011, p. 42).

É esse ideal que norteará a identidade do sujeito na visão psicanalítica, à qual Freud sintetiza numa frase: “Assim (como o pai) você *deve* ser; ela compreende também a proibição: ‘Assim como o pai você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz;” (Freud, 1923/2011, p. 42-43, grifos do autor). Deste modo, percebemos que existe uma contradição necessária no cerne do conceito psicanalítico de identificação, a qual é de grande valor para nossa análise da identidade monástica.

Finalizando esses apontamentos sobre o conceito de identidade, explicitamos que na pós-modernidade encontramos as velhas identidades em crise, assim não mais possuindo eficácia como garantidora da estabilização da ordem social. Por outro lado, os processos de construção da identidade estão mergulhados nos complexos inconscientes da vida afetiva, a qual não é coesa, ampliando os efeitos das contradições inerentes na construção das identidades.

Voltemos agora para a questão da identidade religiosa. É preciso olhar para

aquilo que é próprio deste tipo de identidade, a qual se forma através de “verdadeiras comunidades emocionais” (Sanchis, 1995b, p. 93). Articulado a essa visão sobre a comunidade religiosa, também compreendemos que a religião deve ser entendida como uma forma de “ordem ou organização mental” (Certeau, 1982, p. 133).

Deste modo, não podemos pensar que a formação de um sentimento religioso existe apenas por razões racionais. Neste ponto, observamos uma certa consonância com a análise de Sanchis (1995a) sobre o campo religioso. Segundo sua perspectiva, este campo, em seu dinamismo, se constrói e se reconstrói constantemente, sobretudo, na sociedade atual. Com as transformações pós-modernas, as instituições religiosas não devem ser mais consideradas como uma norma de referência, mas sim como um dos elementos que entra na composição da identidade religiosa (Sanchis, 1995b, p. 92).

Ainda concordamos com este autor que as organizações religiosas surgem não como sincretismos. Isso ocorre porque esse termo estabelece uma hierarquia entre religiões “puras” e religiões “misturadas”. Em vez disso, elas surgem a partir de uma operação de “bricolagem” entre religiões e religiosidades distintas.

A modernidade contemporânea (“pós-modernidade”?) parece, ao contrário, propiciar ao indivíduo a possibilidade de recriar pessoalmente seu universo religioso (ou “pararreligioso”), por uma operação (universalmente apelidada, nesta literatura, de “bricolagem”) através da qual são ecleticamente reaproximados, sobrepostos e/ou refundidos elementos oriundos das várias tradições, nativas e importadas, que a mobilidade geográfica das pessoas e dos produtos culturais põe hoje a sua disposição. (Sanchis, 1995a, p. 09).

Assim, a identidade religiosa também segue composta por contradições e efemeridades, comum na pós-modernidade, bem como os elementos psíquicos e emocionais próprios da composição da identidade. São esses os elementos que constroem essa “bricolagem”. Ela se forma em contato com a representação do sagrado, o qual se expressa em suas práticas.

Ao utilizarmos os conceitos de práticas e representações para formular o conceito de identidade religiosa como um conjunto de representações sobre o sagrado estamos agora nos inserindo na perspectiva da Nova História Cultural. Esta abordagem histórica pode ser entendida como um produto de uma série de novos questionamentos que os historiadores vêm levantando desde a década de 1960, os quais impactam a forma de ler e produzir a História (Denipoti; Joasilho; Lopes, 2010, p.52-3). Destacamos aqui a relação seguinte:

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (Chartier, 1991, 176-7).

Para finalizarmos, nossa reflexão teórica sobre a construção da identidade monástica deve ser conduzida pelo pensamento voltado aos conceitos, novamente, de práticas e representações.

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (Chartier, 2002, p. 17).

Não é suficiente, portanto, analisar a construção da identidade religiosa partindo apenas das relações econômicas e das condições materiais de existência. Para pensarmos a origem da identidade dos monges estudados, devemos entender que eles constroem determinadas relações de sentido que devem ser compreendidas dentro de suas próprias comunidades emocionais.

Chartier defende que os mecanismos de apropriação da realidade (que é sempre uma realidade social) e sua posterior representação coletiva, informam ao historiador as visões de mundo existentes num determinado momento. Cada grupo ou, num âmbito maior, cada sociedade se percebe de acordo com uma complexa interação entre, de um lado, as normas vigentes e, do outro, as formas como elabora essas normas no seu cotidiano. (Andrade, 2013, p. 28).

Assim, como um processo de construção identitária, as representações sociais são alvo de disputas, nas quais, tensões podem ser identificadas. Isso não significa que as formas institucionalizadas não têm importância. Afinal, são elas que marcam a existência do grupo (Andrade, 2013, p. 28), mas, concomitantemente, as identidades religiosas se formam também por processos mentais e inconscientes. Esses processos são contraditórios e emocionais, portanto, psicológicos, os quais nem sempre se harmonizam bem com o que espera a instituição.

Esses pressupostos estão presentes em nossas análises dos discursos monásticos da Abadia da Ressurreição. A prática cotidiana do mosteiro está marcada pela sua presença midiática, da qual destacamos os vídeos do *YouTube* publicados pelos monges da abadia e por usuários da plataforma. No tópico seguinte, conduzimos nossa reflexão para a questão do uso dos vídeos do *YouTube* como fonte



histórica e para a utilização da metodologia que optamos nessa pesquisa, a Análise do Discurso.

Ao disponibilizar publicamente vídeos em seu canal do *YouTube* e conceder entrevistas a outros canais, as quais estão publicizadas na mesma plataforma, os monges integram a vida digital às suas práticas cotidianas. Ao falar sobre suas vidas, de seu dia-a-dia e suas concepções de mundo, discursam sobre suas próprias representações sociais. Assim, esse material se constitui como uma possibilidade de fontes históricas para o ofício do historiador.

De forma mais abrangente, em nossa pesquisa, dentro de uma perspectiva de análise social da contemporaneidade, não podemos deixar de considerar a *Internet* como um importante fenômeno atual. O sociólogo Castells (2003) é uma das principais referências dos estudos sobre o que entendemos por sociedade de rede. Sobre a rede mundial de computadores, esse autor afirma:

Nesse sentido, a Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (Castells, 2003, p. 287)

Na internet, um dos principais sites de divulgação de conteúdo por mídia audiovisual é o *YouTube*. Já há algum tempo essa plataforma tem sido tomada como objeto de pesquisa por diversos cientistas sociais, dentre os quais os historiadores podem ser encontrados.

“[as] novas tecnologias possuem um lado intimidador, que mexe com relações de poder há muito estabelecidas e arraigadas em todos os círculos profissionais, inclusive na história”. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais colocam em questão a necessidade de novas práticas e pontos de reflexão em meio ao campo da história, bem como um olhar atento do/a historiador/a para com elas. (Carneiro; Laitano, 2019, p. 240).

Nesse sentido, optamos por uma metodologia de trabalho com essas fontes. O primeiro passo foi estabelecer critérios para a seleção dos vídeos. Os vídeos deveriam ter como tema a Abadia da Ressurreição e seus monges, seu cotidiano e sua perspectiva religiosa. Deveriam conter, necessariamente, falas e discursos dos próprios monges membros deste mosteiro. Não foi necessário que o vídeo fosse produzido e divulgado oficialmente pelo canal do Mosteiro da Ressurreição, mas também de autoria dos meios de comunicação local e dos próprios usuários da

plataforma.

Assim, propomos três categorias: 1) vídeos “oficiais”, ou seja, produzidos pela própria instituição; 2) vídeos produzidos pelas mídias locais, portanto “profissionais” e; 3) vídeos amadores, produzidos e publicados pelos usuários comuns do *YouTube* (mais detalhes sobre a seleção dos vídeos serão expostos no capítulo 3 desta dissertação). Após os vídeos terem sido selecionados, foram transcritos, a fim de transformá-los em fonte documental e textual (e anexados ao final desta dissertação).

Tendo em mãos este material, como proceder metodologicamente? Barros (2022) defende que a análise de fontes históricas na *Internet* pode requerer a sua combinação teórico-metodológica para a análise de seu conteúdo. Segundo este historiador, devemos evocar metodologias que já são familiares aos historiadores ao trabalharem com a grande variedade de fontes tradicionais já existentes. Neste ponto, precisamos lançar mão de um procedimento teórico-metodológico de análise discursiva: a Análise do Discurso. Para iniciarmos nesta questão, é preciso reconhecer que um discurso é uma prática (Orlandi, 1999, p. 55 *apud* Zulian, 2009, p. 15). Nesse momento, não é possível escapar de reflexões pós-estruturalistas francesas, sobretudo aquela orientada pela filosofia foucaultiana, para compreendermos o conceito de discurso.

Mas o que é um discurso? Seria melhor perguntar: Como funciona um discurso, o que é que ele presta ou não presta? O discurso, assim podemos constatar com uma certa simplificação, é uma “práxis regulada”, que em cada caso estabelece o que, por quem, em que contexto em que forma o material pode ser expresso. (Waldenfels, 2016, p.250).

Nesta perspectiva, definir o que é um discurso está ligado à compreensão das estruturas e regras que o ordenam. Essas regras devem ser entendidas, portanto, em formações discursivas. Estas, por sua vez compreendem um conjunto de regras anônimas e históricas, determinadas por um tempo e espaço, ou seja, um contexto e para determinada área social, econômica e geográfica (Maingueneau, 1997, p. 14).

Assim, ao nos propormos a analisar o discurso monástico, não devemos desarticulá-lo de seu contexto micro e macrohistórico. Quando falamos de análise de discurso, nos situamos, portanto, numa operação de interpretação histórica desse mesmo discurso, buscando também compreender as regras que o ordenam, conforme podemos ler na seguinte citação:

A conjuntura intelectual é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a

“escritura”, a linguística, o marxismo e a psicanálise. (...) O analista do discurso vem, dessa forma, trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como todo hermeneuta, ele supõe que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível. (Maingueneau, 1997, p. 10-11).

Por isso, nossa análise deve ir além do conteúdo, mas sim perceber certos sentidos ocultos (ou inconscientes) na fala dos monges presentes nos vídeos. Essa forma de compreender o discurso deve olhar para esse sentido oculto, o qual pode ser capturado nos ditos e não-ditos nas falas dos monges.

É importante destacar aqui que se tratam de estratégias e de táticas próprias do campo religioso que estudamos. Para Michel de Certeau, essas táticas demonstram formas de sobrevivência das práticas sociais, portanto são mecanismos de defesa (Andrade, 2013, p. 25) (curiosamente, um conceito psicanalítico). Isso se traduz de forma observável, pois os discursos dos monges promovem o Mosteiro da Ressurreição, inclusive em suas necessidades econômicas.

Uma pergunta importante a se destacar na análise do discurso: Quais são as táticas e mecanismos de defesa utilizados nas falas dos monges nos vídeos em que participam? Uma vez que discurso é uma prática, quais as representações que estão orientando a prática discursiva? Existem tensões e contradições entre a fala dos monges e a identidade monástica apresentada “oficialmente”? Se há, quais são?

Utilizaremos essas questões para orientar nossa análise. Para isso, no terceiro capítulo, estaremos aplicando essas considerações teórico-metodológicas a um certo número de vídeos, as quais atendem nossos critérios de seleção do corpo de fontes. Assim, é necessário também definir quais são as práticas estudadas nesta pesquisa e, com isso, determinar as fontes históricas sobre as quais nos debruçamos. Tendo em vista a produção de vídeos existente e disponibilizada na plataforma *YouTube* pela Abadia da Ressurreição, vemos que há uma quantidade significativa de discursos proferidos pelos monges que compõem este mosteiro.

Como afirmamos anteriormente, essa análise não pode ser desarticulada do contexto histórico no qual as falas dos monges são proferidas. Por isso, no primeiro capítulo desta dissertação, estaremos apresentando uma historiografia sobre o Mosteiro da Ressurreição, a partir de publicações científicas e literárias que foram publicadas anteriormente. Nosso objetivo é ampliar a visão histórica sobre o processo de constituição desse mosteiro até a atualidade, bem como oferecer um fundamento para nossas análises. Para esse aprofundamento, será necessário lançar um olhar

histórico para as questões da Igreja Católica ao longo dos séculos XIX e XX. Também, não podemos deixar de compreender a história da Ordem de São Bento e das experiências monásticas que antecederam a criação do Mosteiro.

Devemos notar que há poucos estudos acadêmicos sobre a Abadia da Ressurreição. Na área de Ciências Sociais e Humanas foram publicados apenas um artigo acadêmico (Schactae, 2003), uma dissertação de mestrado (Schactae, 2002), ambos na área de História, e uma tese de doutorado (Brandellero, 2011) na área de Ciências das Religiões. O capítulo 1 desta dissertação utilizou essas referências para contextualizar a Abadia da Ressurreição. Existem, porém, outras obras destinadas ao público não acadêmico que, por vezes, oferece informações interessantes sobre nosso objeto de pesquisa. Deste modo, buscamos demonstrar que o trabalho representa um avanço sobre o tema.

No segundo capítulo, apresentamos uma análise de três projetos monásticos que, ao longo do processo de constituição e existência do Mosteiro, influenciaram as práticas dos monges que o fundaram. Trata-se de três visões distintas sobre a vida monástica, mas que se relacionam mais ou menos diretamente antes e no decorrer da fundação do mosteiro que estudamos.

No terceiro capítulo desta dissertação, estaremos analisando com mais profundidade as afirmações e contradições existentes na identidade monástica que estudamos. Buscaremos, através da Análise de Discurso, compreender a identidade apresentada nos vídeos publicados na plataforma *YouTube*, sempre buscando manter a relação com o processo histórico de constituição. Desta forma, intentando encontrar os sentidos possíveis e ocultos do que é ser monge na Abadia da Ressurreição, aprofundando nossa análise da construção de sua identidade religiosa.

Cabe destacar que esta dissertação amplia o conhecimento sobre a história da Abadia da Ressurreição, tanto em seu passado como em seu presente. Identificamos que as ideias que originaram essa instituição surgiram em um momento mais remoto do que o ano de 1981, marco histórico oficial da fundação do Mosteiro. Buscamos regressar a um outro “Mosteiro da Ressurreição”, que surgiu no México, na década de 1960 e que tinha como nome *Monasterio Benedictino de Nuestra Señora de la Resurrección*. Não é por acaso a coincidência dos nomes, pois o mosteiro pontagrossense recebeu este título como homenagem ao mosteiro mexicano, o qual foi também marcado por uma profunda “rebeldia” de seu fundador em relação às normas da Igreja Católica, conforme demonstraremos ao longo da dissertação.

## Capítulo 1: A história e identidade dos monges da Abadia da Ressurreição

Para compreendermos a identidade dos monges da Abadia da Ressurreição precisamos estabelecer alguns pontos historiográficos de relevância. Como veremos a seguir, observamos que algumas das características da identidade dos monges desta abadia já estavam presentes em seu processo de formação, o qual remonta a décadas antes da fundação do mosteiro. Para compreender essas características, utilizando a bibliografia atual sobre este mosteiro, propomos uma síntese historiográfica da Abadia da Ressurreição.

Deve-se destacar que sua história, assim como a construção de sua identidade, não ocorreu ausente de conflitos e contradições. Em suma, os monges deste mosteiro, ligados à Ordem de São Bento, construíram para si um ideal monástico próprio, a partir de sua própria leitura, apropriação e representação da Regra de São Bento e do que deveria ser a vida do monge.

Mas antes de nos dedicarmos ao nosso objeto de estudo especificamente, podemos nos questionar sobre o que seria a Regra de São Bento, a qual lhes serve de ordenamento e qual sua história. Ela teria sido escrita no século VI por Bento de Núrsia (480-540), com o objetivo de regradar a vida dos seus monges (Manzares, 1995, p. 56-7). No cristianismo, apesar do monasticismo não ser um fenômeno exclusivamente cristão, podemos encontrar monges desde o século III (Burns, 1968, p. 263).

Ademais, existem diversas formas de subdividir o monasticismo cristão (Farah, 2017, p. 40), mas destacamos a forma cenobítica, a qual teria sido originada por S. Pacômio, no século IV, a qual submeteu os monges à uma regra que organizava a sua disciplina e os ligava à um abade e a um mosteiro específico (Bettencourt, [20--], p. 53), conseqüentemente, à comunidade. Podemos considerar que a Regra de São Bento é herdeira da tradição cenobítica, pois sofreu influência de diversas tradições monásticas cristãs como o próprio Pacômio, Basílio, e na Regra do Mestre, uma obra anônima, da qual Bento transcreveu algumas partes (Schactae, 2002, p. 15).

Além da Regra de São Bento, a única fonte histórica que temos da vida de seu autor são os diálogos do Papa S. Gregório Magno (590-604), no qual encontramos uma biografia de Bento (Farah, 2017, p. 42). Sobre essa biografia, pode-se dizer que:

Podemos perceber (...) que São Gregório Magno traz duas características da personalidade de São Bento: a maturidade e a humildade; afirmando que

desde jovem São Bento já se mostrava maduro em suas atitudes, e que ele escolheu a vida humilde, em relação ao usufruto dos bens materiais. E, através de uma metáfora, São Gregório afirma que São Bento fez uma escolha de se afastar do mundo de bens materiais, pois esse mundo possuía apenas “flores murchas”. (Farah, 2017, p. 44).

Bento teria estabelecido um grupo de monges em Monte Cassino, Itália, por volta do ano de 530, o qual pode ser considerado o primeiro mosteiro beneditino. Porém, a Regra de São Bento não se conservou íntegra ao longo do processo histórico.

Há vários códices medievais da Regra de S. Bento, anteriores ao Ano Mil, de que a tradição cassinense constitui um filão de transmissão, sobretudo através do códice cassinense N.º 175, de inícios do século X (915-934), o mais antigo códice iluminado da Regra de S. Bento; na verdade, porém, este códice já é um comentário à Regra e **não existe o autógrafa nem um códice que possa considerar-se coetâneo de S. Bento**. (Dias, 2011, p. 18, grifo nosso).

Portanto, não existe consenso histórico sobre a autenticidade da Regra de São Bento que os monges beneditinos seguem na atualidade. Apesar de São Bento ser considerado “o Patriarca dos monges ocidentais” (Bettencourt, [20--], p. 55), sua influência na vida medieval foi mais relevante a partir do Renascimento Carolíngio no século IX (Dias, 2011, p. 20). Assim sendo, quando estudamos uma instituição beneditina no Brasil, como é o caso da Abadia da Ressurreição, devemos ter em mente que estamos focando em uma tradição específica, que não é única e nem representa a totalidade da Ordem de São Bento, tradição esta que deve ser entendida em relação com a história desta instituição.

No Brasil, a criação dos primeiros mosteiros beneditinos data do final do século XVI: Salvador (1581, elevado à abadia em 1584), Rio de Janeiro (1585), Olinda (1590) e São Paulo (1598) (Bettencourt, [20--], 207), estando essas fundações ligadas às renovações do Concílio de Trento (Dias, 2011, p. 235). Neste período, os mosteiros formaram uma Província, embora permanecessem dependentes da Congregação Beneditina Portuguesa. A independência dos monges viria a se consolidar junto com a Independência política do Brasil em relação a Portugal quando, em 1827, seria criada pelo Papa Leão XII a Congregação Beneditina Brasileira, a primeira instituída fora da Europa (Dias, 2011, p. 248), o que não foi recebida sem conflitos:

A independência do Brasil em 7/IX/1822 provocou forte crise entre os beneditinos ali residentes, para além de levar à separação política de Portugal. Mesmo vários monges que estavam no Brasil pediram para regressar à pátria e ser perflhados na Congregação Beneditina Portuguesa, caso do ex-provincial Fr. António do Carmo e mais três monges, que

apresentaram tal pedido ao Capítulo Geral de 1828, «em atenção à perseguição que naquele Império se tem suscitado contra os Europeus», graça que lhes foi concedida. (Dias, 2011, p. 241).

As adversidades enfrentadas pelas instituições católicas decorreram, dentre outros fatores, das divergências entre o Império Brasileiro e as ordens monásticas durante os séculos XVIII e XIX. As disputas entre o poder eclesiástico e o poder secular tiveram um grande impacto nessas instituições. Após a expulsão das Ordens Religiosas de Portugal em 1834, o monaquismo brasileiro, sem sua base geradora, sofreu uma crise durante o Império e a proclamação da República.

A revitalização desses mosteiros quase extintos foi possível graças aos monges alemães da Congregação de Beuron, que prestaram assistência a partir de 1895 (Dias, 2011, p. 242). Dom Gerardo van Caloen teria chefiado, então, a restauração monástica com a vinda de monges e vocacionados enviados pela Congregação Beneditina de Beuron, muito florescente na Alemanha e em outros países da Europa. Essa restauração, com compromisso com a produção de um modelo de neocristandade, estava em consonância com as demais modificações que ocorreram no Brasil nos primeiros anos da República. Entre 1890 e 1916, a Igreja se concentrou principalmente na consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma maior presença na sociedade, buscando antecipar o modelo da neocristandade.

Embora este modelo tenha surgido em 1916, os vinte e cinco anos anteriores foram caracterizados por adaptações institucionais para enfrentar os desafios de existir em uma república secular. Ao optar por ceder em vez de lutar contra a separação legal entre a Igreja e o Estado, os líderes da Igreja evitaram o anticlericalismo (Mainwaring, 2004, p. 42-3). Aos poucos, a transformação na vida católica brasileira durante o século XX vai reconstruindo seu lugar na sociedade brasileira. Dom Sebastião Leme (1882-1942) é uma figura de grande relevância para o reestabelecimento de um relacionamento menos crítico entre a Igreja e o estado brasileiro (Lima, 2001, p. 160).

A Igreja Católica, durante o século XX, foi adaptando seu modo de operar na sociedade na medida em que essa se seculariza. As tentativas eclesiásticas de construção da neocristandade arrefeceram nas décadas que se sucedem, enquanto a própria Igreja assume mais uma posição de diálogo com o mundo moderno do que uma orientadora e “mestra” da vida.

Essa posição da Igreja Católica se oficializa no Concílio Vaticano II, na tentativa de transformar e reconstruir a ação da Igreja na sociedade ocidental significativamente mais secularizada do que anteriormente, o que inclui o Brasil. Em nosso país, o catolicismo passa a sofrer influência de leituras da religião mais progressistas, o que cria uma situação de tensão entre as identidades católicas possíveis. Essa tensão identitária serve de pano de fundo para o entendimento de nosso objeto de pesquisa, conforme veremos adiante.

### *1.1 Questões da pré-fundação do Mosteiro da Ressurreição*

O Mosteiro da Ressurreição foi fundado oficialmente no ano de 1981, mas as primeiras discussões envolvendo sua criação datam do final da década anterior. Nos anos de 1970, um grupo de jovens postulantes (ou seja, os quais ainda não haviam se tornado monges) do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, liderado pelo Mestre de Noviços D. Lucas Torrel de Almeida Costa, estava em desacordo com algumas das práticas que ali ocorriam e iniciou uma série de reuniões para discutir a criação de um novo mosteiro (Schactae, 2002, p. 19). Deve-se destacar que essas reuniões não possuíam o consentimento do abade (Schactae, 2003, p. 110) que governava o mosteiro naquele momento.

Podemos identificar três motivos que levaram esse grupo de jovens a se desligar do Mosteiro de São Bento e criar um novo mosteiro: 1. O desejo de viver uma vida monástica longe da cidade, uma vez que o Mosteiro de São Bento está localizado em área urbana (Schactae, 2002, p. 19); 2. Retornar à tradição beneditina (conforme sua própria interpretação da Regra de São Bento) (Schactae, 2002, p. 01); 3. Retornar às “fontes” da Igreja Católica, conforme o ordenamento do Concílio Vaticano II (Dom Abade André Martins *apud* Brandellero, 2011, p. 96) (a relação com esse evento será analisada adiante, e é fundamental para compreendermos a identidade monástica deste grupo).

Um aspecto pessoal da história de D. Lucas teria influenciado esses jovens a pensarem em criar um novo mosteiro. Este monge havia tido uma experiência em Cuernavaca, no México, caracterizada como “muito original” (Brandellero, 2011, p. 95). Viviam a tradição beneditina centrando numa celebração “viva”, em espanhol, o que seria proibido na época, pois se trata de um período pré-concílio Vaticano II. O



prior belga D. Grégoire Lemerrier (1912-1987)<sup>2</sup>, padre e monge beneditino, o qual comandava essa comunidade, removeu a formalidade entre os membros deste mosteiro e que a vida entre eles fosse marcada pela fraternidade. Mas o que chama mais a atenção sobre D. Lemerrier foi sua tentativa de criar um mosteiro beneditino orientado pela psicanálise.

Esse mosteiro mexicano, criado em 1950, tinha o nome de “Nossa Senhora da Ressurreição” (Litmanovich, 2018, p. 195), o que motivou D. Lucas a nomear o futuro mosteiro com o mesmo nome em sua homenagem, conforme a pesquisa de Brandellero (2011):

Tinha havido uma experiência monástica muito original em Cuarnavaca (SIC), no México, com um prior que era belga e constituiu toda a comunidade nativa. Antes do Concílio, ele fez o mosteiro nos moldes beneditinos, mas todo centrado na celebração viva em espanhol, que naquela época era proibido. Segundo o prior belga, Lemerrier, queria que não houvesse formalidade entre eles e que a fraternidade fosse vivida entre todos. Deu o nome de Ressurreição, que era uma coisa nova na Igreja. Este mosteiro depois desandou para o lado da terapia, da psicologia freudiana e a Santa Sé fechou. Quando Dom Lucas veio para Ponta Grossa, ele quis dar o nome de Ressurreição, por ser o núcleo da nossa fé, mas também em memória da experiência de Cuarnavaca (SIC). (Martins, 2010, *apud* Brandellero, 2011, p. 95).

A partir de 1958, D. Lemerrier começou a chamar psicanalistas para auxiliar na resolução de problemas na vida afetiva e na vocação dos monges. Nos anos que se seguiram, formalizou a atuação psicanalítica em seu mosteiro, integrando os psicanalistas Gustavo Quevedo e Frida Zmud para conduzir análises de grupo com os monges.

Mais tarde, na segunda metade da década de 1960, Lemerrier, após sofrer diversas intervenções do Santo Ofício, criou uma comunidade ecumênica secular chamada “Emaús” (Litmanovich, 2018, p. 195). Esta “rebeldia” do Prior, que poderia ter levado à sua excomunhão, pode ser entendida como um ponto chave da interpretação da identidade monástica do Mosteiro da Ressurreição presente no grupo fundador.

Ao que nos parece, a “rebeldia” de D. Grégoire pode ter levado D. Lucas a questionar a ordem estabelecida no Mosteiro de São Bento e iniciar as reuniões as

---

<sup>2</sup> De fato, há poucas pesquisas no Brasil que versem sobre D. Lemerrier. Podemos destacar, porém, a tese de doutorado *Deus analisado: os católicos e Freud: a recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica* (Araújo, 2012). Nesse sentido, nosso trabalho propõe a abertura de pesquisas sobre essa figura tão emblemática na história da Ordem de São Bento e, podemos dizer, da própria Igreja Católica.

quais, mais tarde, resultariam na fundação do Mosteiro da Ressurreição. O nome da instituição, como citamos acima, seria um indício do quanto o prior belga teria influenciado o Mestre de Noviços. Além disso, como veremos na análise dos discursos dos vídeos (Capítulo 3), vemos que o atual abade do mosteiro não recusa a caracterização de “rebelde”, mas se apropria dela, ressignifica, e incorpora na identidade dos monges que estudamos. No próximo capítulo, estaremos analisando com mais profundidade as características da visão que Lemercier tinha da vida monástica.

As reuniões comandadas por D. Lucas, em São Paulo, não foram, desde cedo, recebidas com tranquilidade pelos membros da Congregação Beneditina Brasileira e houveram tensões e divisões (Brandellero, 2011, p. 94). No mês de junho do ano de fundação do Mosteiro de Ponta Grossa (PR), este grupo (sem a presença de D. Lucas, o qual ainda estava envolvido com suas responsabilidades em São Paulo), partiu para Ponta Grossa para fundar o Mosteiro da Ressurreição. Em novembro do mesmo ano (Brandellero, 2011, p. 96), uma Junta Abacial no Rio de Janeiro, que teria enxergado nestes jovens certa “rebeldia” e “desobediência”, reuniu-se para fechar o mosteiro nascente ou expulsá-los da Congregação Beneditina do Brasil<sup>3</sup>:

Em novembro de 1981, “reuniu-se uma junta abacial no Rio de Janeiro, inclinada a decidir-se pelo fechamento da fundação, ou sua exclusão da Congregação Brasileira”. A convocação da “Junta Abacial” revela que havia uma tensão dentro da Congregação com relação à nova fundação. (Schactae, 2002, p. 20).

A situação do mosteiro precisou da intervenção do Vaticano para regularizar a situação (deve-se atentar para o fato de que o Vaticano da década de 1960 condenou as práticas inovadoras do mosteiro mexicano, mas, sob influência do Concílio Vaticano II, concede a esses monges “rebeldes” a autorização para experimentar uma nova forma de ser monge beneditino). Em novembro de 1981, a permissão para a fundação do mosteiro, *ad experimentum* por três anos, chegou ao Brasil (Schactae, 2003, p. 110). Ao que nos parece, supostamente, o Bispo de Ponta Grossa naquele momento, D. Geraldo Micheletto Pellanda, teria ido a Roma interceder

---

<sup>3</sup> Os mosteiros brasileiros separaram-se da Congregação Beneditina Portuguesa depois da Independência política, em 1827 e foram no mesmo ano erigidos pelo Papa Leão XII em Congregação própria, com o nome de Congregação Beneditina do Brasil. As abadias que a compunham eram: São Sebastião da Bahia, São Bento de Olinda, Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro e Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (tradicionalmente todos são chamados Mosteiros de São Bento). (Mendes, 1997).

pela criação do novo mosteiro (Schactae, 2002, p. 20).

Neste momento, podemos levantar certas indagações. Como compreender, de forma contextualizada, essa tensão existente entre os próprios beneditinos? Como monges que se identificam como “tradicionais” podem ser vistos como “rebeldes” por outros membros da mesma congregação?

Parte das respostas para essas perguntas pode ser entendida a partir do contexto mais geral da Igreja Católica deste período, que vivia uma adaptação em relação ao Concílio Vaticano II (1962-1968), que ocorreu na década anterior. Por isso, neste momento, se faz necessário apontar para alguns elementos, os quais são essenciais para se compreender a relação entre a origem do Mosteiro da Ressurreição e o contexto da Igreja Católica.

Ainda no período pré-conciliar (ou seja, antes da década de 1960), o Papa Pio XII e seus antecessores haviam desenvolvido dentro da Igreja um movimento de “volta às fontes”. Portanto, o clima de “retorno à tradição”, o qual está presente nas ideias dos primeiros monges deste mosteiro, já era uma realidade dentro da Igreja Católica. Essa noção de voltar às fontes, própria do início do século XX, embasou o movimento da “Nova Teologia”<sup>4</sup>. Assim, pode-se perceber que já haveria na Igreja do século passado indícios de transformação (Bettencourt, [20--], p. 201).

O Papa João XXIII (1958-1963), o qual sucedeu a Pio XII, foi responsável por convocar o Concílio. Manifestou, em seu papado, uma forte preocupação ecumênica (ou seja, de diálogo com os demais cristãos, com os judeus e com membros de outras religiões). É preciso lembrar que estamos muito próximos, temporalmente falando, do final da II Guerra Mundial (1939-1945). Deste modo, o antissemitismo seria um aspecto de importância para a sociedade ocidental deste período, pois este sentimento estaria muito próximo do fascismo e do nazismo, que marcaram as

---

<sup>4</sup> “Toda essa **fermentação cultural** não podia deixar intacta a **teologia**. Ainda que na sua maioria os teólogos preferissem continuar ligados aos clássicos manuais escolares em latim, repetindo uma temática absolutamente obsoleta, despontavam movimentos que refletiam o novo sujeito social. Desde o primeiro esforço da Escola de Tubinga, depois da Escola Romana no século passado, até o último esforço antes do Vaticano II feito pela *Nouvelle Théologie*. Já temos aí os principais elementos do que será a teologia do Vaticano II. A teologia sistemática vinha sendo estimulada pelas riquezas que o processo de *volta às fontes* descobria. Nesse esforço de repensar a fé cristã numa perspectiva de pensamento moderno, sobretudo marcado pelas descobertas científicas, merece relevo único o esforço de Teilhard de Chardin (1881-1955). Ainda que seus escritos datem da década de 20, contudo só vieram maciçamente à luz depois da sua morte. Entretanto, revelam já o que significam as exigências desse novo sujeito moderno. *Tratava-se de um diálogo teológico da fé cristã com o pensamento moderno* em todos os seus setores. Daí surgirá a abundante e maravilhosa produção teológica da década de 50 e 60, em oposição à esterilidade dos manuais”. (Matos, 1997, p.335, grifos do autor).

décadas anteriores.

Consequente, devemos também acrescentar que o Papa João XXIII modificou radicalmente o estilo do papado: pela primeira vez o Papa estava mais próximo das pessoas hierarquicamente inferiores.

Saía a pé, caminhava pelas ruas da cidade; visitava sacerdotes, doentes e prisioneiros, mostrando sempre fisionomia amigável e bem humorada; estes seus traços foram considerados nos Fioretti do “Papa Buono”. (Bettencourt, [20--], p. 203).

Pensando na relação complementar entre práticas e representações, é possível conjecturar que as atitudes desse Papa alteraram a ideia que se tinha do clérigo católico. Não é por acaso que, após isso, o clericalismo típico da Igreja pré-conciliar entra em crise. Há assim uma diminuição da distância hierárquica dentro da Igreja Católica, que inclusive irá, depois do Concílio, culminar no “protagonismo leigo” típico de nossa época (Mainwaring, 2004, p. 69).

Porém, não devemos pensar que o Concílio e as transformações na Igreja ocorreram ausentes de tensões. A existência de grupos distintos dentro da Ordem de São Bento se relaciona com as divisões inerentes ao Concílio Vaticano II, conforme se pode perceber:

A liberdade de expressão, defendida por João XXIII, levou cedo à formação de **dois agrupamentos**: uma corrente mais *progressista*, que reunia – no decorrer das sessões – uma maioria dos Padres Conciliares, e uma corrente mais *tradicional*, a qual pertenciam várias personalidades importantes da Cúria Romana (...). (Matos, 1997, p. 306, grifos do autor).

O Concílio revela uma disputa identitária dentro da própria Igreja Católica entre os sacerdotes tradicionais e os progressistas, apontando para uma crise de identidade da Igreja (que perdura até hoje). Vale a pena destacar que, no Brasil, o clero desta época se dividia em três facções distintas: os tradicionalistas (que buscavam endossar a estratégia da neocristandade), os modernizadores conservadores (que defendiam uma mudança na Igreja para cumprir sua missão no mundo moderno) e os reformistas (com posições sociais mais progressistas) (Mainwaring, 2004, p. 56-57). Portanto, a identidade católica neste período também estava multifacetada, o que deve ser levado em conta na compreensão do processo histórico de nascimento do mosteiro que estudamos.

Assim como o Concílio Vaticano II foi preparado desde o final da década de 1950, não devemos nos espantar que movimentos semelhantes ocorressem em

lugares mais distantes do centro da Igreja. A experiência do mosteiro em Cuernavaca, a qual influenciou D. Lucas, pode ser contextualizada deste modo, uma vez que existem características presentes nos dois contextos (destacamos: anticlericalismo ou flexibilização da hierarquia, e o uso do vernáculo na liturgia).

O Papa João XXIII morreu antes de o Concílio ser finalizado. Coube ao Papa Paulo VI (1963-1978) dar continuidade aos objetivos de seu antecessor. No intuito de integrar as expressões da Igreja Católica aos valores do mundo moderno, podemos destacar aqui a renovação da liturgia, a qual agora deveria ser mais comunitária e acessível aos fiéis (Bettencourt, [20--], p. 203). Desta forma, um novo ritual da missa foi elaborado e aplicado agora na língua vernácula de onde fosse realizada. Vemos aqui uma coincidência entre o intuito dos monges do Mosteiro da Ressurreição de promover o canto gregoriano em português exatamente no contexto em que a própria liturgia foi modificada com objetivo de ser acessível ao homem moderno.

Esses são aspectos do chamado *aggiornamento*, ou atualização, da forma da expressão da Igreja Católica. Parece-nos que o retorno à tradição proposto pelo grupo original do Mosteiro da Ressurreição está alinhado com parte significativa das propostas do Concílio Vaticano II, sem deixarmos de perceber que essas propostas já estavam de forma nascente na Igreja pré-conciliar. Aqui podemos propor que a noção de tradição dos monges está relacionada à obediência ao Vaticano, e não há repetição exata do passado, uma vez que a cúpula da Igreja Católica decidiu que essa expressão estaria incoerente com o contexto atual.

Neste ponto, buscamos demonstrar que o nascimento do Mosteiro da Ressurreição está ligado ao *aggiornamento* da Igreja Católica. Não é, portanto, um evento desarticulado de uma situação histórica específica, mas sim faz parte de um sistema de práticas e representações que já vinham se implementando na Igreja Católica desde décadas antes, pelo menos. Não estando desarticulado com o contexto mais geral da Igreja, podemos propor que a origem do Mosteiro da Ressurreição seja um reflexo da crise de identidade católica, a qual é institucionalizada no Concílio Vaticano II. Com esse sentido histórico, podemos concordar com a fala do abade D. André: “O Mosteiro da Ressurreição nasceu como um dos frutos do Vaticano II” (Dom Abade André Martins *apud* Brandellero, 2011, p. 96).

## 1.2 Os primeiros tempos e o priorado de D. Lucas (1981-1990)

Antes de ter obtido a aprovação de Roma, o grupo originário do Mosteiro dirigiu-se a Ponta Grossa. Como citado anteriormente, foram acolhidos pelo Bispo local, D. Geraldo, o qual abriu a diocese para diversas ordens religiosas (Schactae, 2002, p. 17). Este mesmo bispo foi o primeiro a se manifestar interessado e comprometido com a criação de um mosteiro beneditino em Ponta Grossa (Brandellero, 2011, p. 95). Também, um dos motivos da escolha do Paraná seria a praticamente inexistência de vida monástica no sul do país neste período.

Percebemos que, neste momento, uma questão de grande importância identitária para os monges pode ser observada: a beleza da paisagem e as dificuldades climáticas presentes neste local. Essas características podem ser encontradas em vários relatos sobre a história do Mosteiro, como, por exemplo, o seguinte:

Encantados com a beleza do local, de imediato os monges compreenderam a razão da região seduzir a todos que por ela passam. Porém, o vento fino e incessante, típico dos Campos Gerais, parecia prenunciar os tempos difíceis que teriam pela frente. Os primeiros meses foram de privação total. O dinheiro que possuíam mal dava para custear a alimentação e os gêneros de primeira necessidade. Um casarão de madeira, quase um arremedo de mosteiro, foi construído graças às doações de madeiras e serrarias ponta-grossenses. Sua rusticidade evidenciava a simplicidade e a pobreza que tomaram conta do cotidiano monástico. (Chaves, 2006, p. 22).

A vida monástica do Mosteiro da Ressurreição propriamente dita nasce quando estavam localizados ao lado do santuário Mãe da Divina Graça (entre 1981-1985), próximo ao parque estadual da Vila Velha, em situação de austeridade, frio causado pelo “vento fino” e, ao mesmo tempo, numa contemplação da beleza da paisagem. Esse fato, repetido em diversas narrativas sobre a origem do Mosteiro da Ressurreição parece conferir identidade aos monges e, assim sendo, a identidade monástica deste grupo se configura em relação, num sentido macro, à Regra de São Bento e num sentido específico, à sua própria história marcada por questões ambientais.

D. Lucas, sendo líder do grupo original, foi o primeiro Prior do Mosteiro da Ressurreição. Permaneceu à frente deste por cerca de 9 anos. Nestes primeiros anos, as condições de vida foram precárias. Os recursos financeiros e materiais eram providas do trabalho artesanal dos monges e de doações (Brandellero, 2011, p. 97).

Mas, em 1983, graças a doação de uma instituição europeia e das Irmãs

Missionárias Servas do Espírito Santo foi possível adquirir o terreno onde o mosteiro está localizado atualmente (Schactae, 2002, p. 18). Em 1984 iniciou-se a construção e no ano seguinte os monges puderam mudar-se para o novo local. Também no ano de 1984, o período de experiência concedido pelo Vaticano terminou e o mosteiro foi elevado à condição de Priorado Simples, dependente do Abade Presidente da Congregação Beneditina do Brasil (Schactae, 2002, p. 26) (num processo normal, o Mosteiro da Ressurreição deveria ficar sob a jurisdição do Abade do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, o que não ocorreu).

Por fim, em 1987, o Mosteiro da Ressurreição adquiriu o estatuto de Priorado Conventual, tendo número suficiente de monges, quando conquistou sua autonomia de noviciado e patrimônio próprio (Schactae, 2002, p. 26). Neste ponto, podemos perceber que certas tensões que até então pareciam adormecidas ou que, pelo menos, não apareceram nas narrativas da história do mosteiro, tomaram força:

Desde as primeiras reuniões, ainda na Abadia de Nossa Senhora da Assunção, o grupo divergia nas concepções sobre vida monástica, principalmente com relação às do Prior D. Lucas, que propunha um “projeto secularizado” em contraposição com as concepções da maioria, que buscava uma “vida contemplativa”, retornando aos ideais monásticos propostos por Bento e pelo Decreto *Unitatis Redintegratio*, do Vaticano II, que por sua vez propunha a busca dos bens espirituais do Oriente, (...). (Schactae, 2002, p. 24)

Vemos que, novamente, a identidade dos monges entra em disputa. Esses conflitos fariam com que o grupo pedisse a renúncia de D. Lucas da posição de Prior, o que ocorreu em novembro de 1990 e em abril seguinte, D. André Martins, atual abade, foi eleito Prior do mosteiro.

Na descrição do projeto monástico escrita por D. Mateus S. Penteado (o qual nos debruçaremos com mais detalhes no próximo capítulo, assim como o projeto de D. Lucas), o projeto secularizado de D. Lucas se caracterizava pela recusa dos “sinais sagrados”, como os hábitos (vestimenta) que os monges utilizam, bem como outros rituais. Rejeitavam também a clausura e a valorização da liturgia (Brandellero, 2011, p. 99).

Por outro lado, é possível analisar o projeto monástico para o Mosteiro da Ressurreição a partir da perspectiva do próprio D. Lucas. Em sua visão do monacato, o monaquismo deveria ser predominantemente laico e o mosteiro deveria contar com um número de sacerdotes ordenados mínimo, proporcional às necessidades da própria comunidade. Defendia que os monges deveriam celebrar integralmente o

Ofício Divino, com o saltério semanal, dividido nas sete horas canônicas. Defendeu, às vistas do que chamou de “*situación de gran miseria y opresión en que se encuentra América Latina*” (Costa, 1981, p. 361), uma vida de trabalho com as próprias mãos em que todo o excedente, se houvesse, fosse distribuído aos pobres da melhor forma possível, exercitando assim o compartilhar (“*compartir*”) (Costa, 1981).

É possível interpretar que, para D. Lucas, existiria uma certa aversão ou afastamento entre o clero e os monges, sendo que os sacerdotes ocupariam um mínimo necessário. É possível inferir que D. Lucas tenha sofrido influência de linhas mais progressistas (aqui destacamos D. Lemercier) da Igreja Católica deste período, adotando em seu projeto monástico a “opção preferencial pelos pobres” e o “protagonismo leigo”, em detrimento de uma versão clericalizada da espiritualidade católica. Essa perspectiva, teria provocado um choque de identidades entre os próprios membros fundadores do Mosteiro da Ressurreição. Sobre esse conflito identitário, podemos encontrar as seguintes afirmações:

A maioria dos fundadores não compartilhava do ideal monástico do Prior. Segundo D. Mateus, ele “(...) tinha em mente um projeto de índole completamente diferente, bastante secularizado, em nada ligado à tradição beuronense e ao que ela representava(...)”. Porém, para a maioria do grupo, a vida monástica no Mosteiro deveria estar relacionada à dos monges que vieram de Beuron e foram responsáveis pela restauração da Congregação Beneditina do Brasil, no final do século XIX e início do XX, a qual “(...) valorizava a vida conventual, a clausura, o silêncio, a celebração litúrgica e o trabalho - inclusive manual. (...)” O projeto monástico do Mosteiro, segundo D. Mateus, tem como finalidade um retorno à tradição monástica nas suas origens, no Oriente Cristão. Este retorno é proposto pelo Vaticano II, o qual se refere às tradições espirituais do monaquismo Oriental e recomenda que os Católicos se aproximem das riquezas espirituais do Oriente, nas quais se encontra a tradição cristã. (Schactae, 2002, p. 25).

Agora, com o novo Prior, o grupo poderia construir uma vida contemplativa e mais ligada à identidade que assumiria para si. Nesse momento, temos aspectos históricos suficientes para propor mais algumas reflexões sobre a identidade monástica a qual estudamos.

Inicialmente, tendo o grupo formador, liderado por D. Lucas, divergido da identidade do Mosteiro de São Paulo, podemos elencar alguns pontos de contradição: para o grupo, o monge deveria viver afastado da cidade, enquanto o mosteiro paulista estava distante da tradição beneditina e que deveriam se adequar às propostas do Concílio Vaticano II. Especialmente, estes dois últimos aspectos estão ligados à concepção do que é ser um monge católico tradicional: retorno à tradição e obediência ao Papa.



Curiosamente, nos chama a atenção que a inspiração para iniciar os debates veio da experiência “desobediente” de Cuernavaca. Aparentemente, D. Lucas teria levado essa influência para dentro do Mosteiro de São Bento. Essa mesma visão seria vista décadas depois como um projeto “secularizado”, o qual se contrapõe ao ideal de vida contemplativa defendido por D. André.

Vemos aqui uma delimitação da identidade monástica do Mosteiro da Ressurreição. Nem tanto seguiria a vida urbana de São Paulo, mas também não iria aderir à vida “secularizada” proposta por D. Lucas. Parece, dadas as devidas proporções e contextos, que reflete a própria divisão existente entre os prelados do Concílio Vaticano II, entre os tradicionais e os progressistas.

O que a narrativa histórica acima aponta é que não existe uma concepção unificada dentro da própria Ordem de São Bento do que é ser monge, afinal, ela se divide em Congregações com características distintas (Schactae, 2002, p. 15). Fundamentalmente, a narrativa aponta para três concepções diferentes e irreconciliáveis.

Podemos explicar isso a partir do conceito de apropriação da própria Regra de São Bento. O que está em jogo nesta disputa de identidades monásticas é, dentre outros fatores, a forma como a Regra de São Bento é lida e aplicada na prática de vida. Existe, portanto, na leitura da Regra, certas representações que estariam orientando as práticas e legitimando esta ou aquela autoridade. A forma como se apropria da regra reflete no modo de vida dos monges, na localidade do mosteiro, nas práticas e estratégias de sobrevivência – enfim, na própria forma de viver a sua proposta religiosa.

Esses aspectos fundamentam nossa proposição de que a criação do Mosteiro da Ressurreição reflete uma nova forma de ser monge beneditino. Evidentemente, não se desliga da continuidade histórica da própria Ordem de São Bento, mas também não a reproduz tal e qual ela foi edificada. Possivelmente, essa seria o ponto central da tensão identitária católica na contemporaneidade, a qual impacta diretamente a vida dos monges que analisamos.

### *1.3 O priorado e abadiado de D. André (1991 até a atualidade)*

Conforme apontamos acima, com D. André como segundo Prior do mosteiro, os monges passaram a identificar o seu estilo de vida como contemplativo, distinguido

assim do que D. Lucas havia idealizado anteriormente. Organizaram a vida do mosteiro em torno da oração, estudo e trabalho.

“quando mudou de Prior é que a coisa definiu. (...). A partir de 91 que nós assumimos definitivamente a identidade que nós temos hoje. Que é uma caminhada, (...), nós estamos abertos a mudanças que apareçam. Mas basicamente nossa idéia é continua sendo a mesma de retornar os espíritos, não a letra, mas o espírito do monaquismo antigo. Isso é tradição, não é arqueologia, mas é viver um valor, então é preciso ir até a fonte. Uma pessoa quando quer se conhecer ela tem que ver suas origens. (...). Então é a mesma coisa para nós, nossa identidade está lá no século ..., tá no evangelho, que foi lido por homens e mulheres no século IV e V, (...).” (Penteado *apud* Schactae, 2002, p. 27).

Um ponto de destaque é que os primeiros CDs de canto neogregoriano, uma das características da Abadia da Ressurreição pela qual são reconhecidos nacionalmente, foram lançados na década de 1990. Esse aspecto estaria, na visão destes monges, em consonância com o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II. Esta forma de expressar a espiritualidade seria uma tentativa de facilitar o “diálogo com o mundo moderno”, que é uma das propostas centrais do Concílio e das adequações empreendidas pela Igreja Católica desde a década de 1960.

É sob o báculo de D. André que o Mosteiro se torna Abadia. Em 1997, recebe o reconhecimento da Santa Sé e sua consolidação como Abadia, gozando agora de total independência (Schactae, 2002, p. 23). Ao ser fundado, um mosteiro é um priorado simples, dependente de um abade externo. Alcançando um número suficiente de monges, se torna priorado conventual e finalmente abadia. Porém, não deixa de ser um mosteiro, pois apenas muda a sua condição jurídica (Schactae, 2002, p. 19).

Houve também uma transformação na estrutura de pertencimento da Abadia da Ressurreição. Em 2008, os monges decidiram mudar de Congregação Monástica. Até então, estavam vinculados à Congregação Beneditina do Brasil. Então, decidiram solicitar a incorporação à Província Hispânica da Congregação Beneditina Sublacense, o que foi concedido pela Santa Sé. Essa situação pode ser analisada da seguinte forma:

O Mosteiro da Ressurreição deixa a Congregação Beneditina do Brasil, porque os mosteiros masculinos estão todos nas cidades e não são flexíveis ao pluralismo. Os monges da Congregação não vêm com bons olhos comunidades com propostas diferentes de vida monástica. O Mosteiro da Ressurreição nunca foi bem aceito pelos monges, diferentemente das monjas. A Congregação Beneditina Sublacense ou de Subiaco é uma Congregação internacional e pluralista e a maioria de suas comunidades adota um gênero de vida semelhante ao Mosteiro da Ressurreição. Há uma

ligação espiritual maior com os mosteiros sublacenses do que da Congregação Brasileira. (Brandellero, 2011, p. 105-6).

Podemos entender que as relações tensas com a Congregação Beneditina do Brasil permaneceram incipientes desde os primeiros ideais dos monges na origem do Mosteiro da Ressurreição. A identidade monástica pode ser tomada de forma relacional: se tomarmos como referência a Congregação Beneditina do Brasil, os monges que estudamos podem ser considerados como “rebeldes” – inclusive, assim foram descritos na década de 1980. Mas, se tomarmos por referência a visão monástica de D. Lucas, o qual seria um herdeiro da visão de D. Lemercier em Cuernavaca, no México, os monges se percebem como “tradicionais” e o projeto do primeiro prior do mosteiro seria então entendido como “secularizado” e, por esse motivo, recusado.

Sobre essa recusa, é interessante apontar um dado de análise das fontes (a qual nos aprofundaremos nos próximos capítulos). A experiência psicanalítica que teria influenciado D. Lucas não é citada em nenhum dos vídeos pesquisados, nem aparece nos discursos oficiais sobre a história do Mosteiro da Ressurreição. Mesmo o nome do mosteiro, fato mais explícito da influência de D. Lemercier em D. Lucas, é mais relacionado ao mistério católico da Ressurreição de Cristo do que reconhecido como uma homenagem ao mosteiro “psicanalítico” de Lemercier. Deste modo, poderíamos entender que houve uma tentativa de apagamento da influência de D. Lemercier na história da Abadia da Ressurreição?

Voltando à questão do pertencimento às Congregações, devemos perceber que a divisão de Congregação é uma característica da Ordem de São Bento. Sobre isso, se afirma o seguinte:

Ao começar o III Milênio cristão, a Confederação da Ordem Beneditina conta 21 Congregações de Monges, mais um grupo de mosteiros ligados ao Abade Primaz, segundo os dados do *Catalogus Monasteriorum* OSB, 2000: Os mosteiros beneditinos agrupam-se por Congregações e são classificados em Abadias, Priorados Conventuais, Priorados Simples e Celas. Estas duas últimas categorias são casas dependentes dum mosteiro autónomo. Por sua vez, os monges podem ser professos solenes, professos simples, noviços ou oblatos regulares. Muitos monges são sacerdotes, embora continue a classe dos irmãos leigos ou conversos. (Dias, 2011, p. 252).

Dessa forma, é possível compreender que a Ordem de São Bento se divide em diversos segmentos, com características e identidades próprias. Assim, podemos compreender o pano de fundo que ocorrem as divisões identitárias dentro da própria Ordem.

Um momento de reafirmação da identidade destes monges foi quando a localização geográfica do próprio mosteiro passou a gerar tensões. Em 2014, com o crescimento do bairro da Chapada, onde o Mosteiro está localizado atualmente, e o aumento do contato com pessoas externas à vida monástica, os monges adquirem um terreno em Itaiacoca, distrito de Ponta Grossa.

Curiosamente, além da questão geográfica, há a memória de D. Geraldo, bispo que os acolheu na diocese também é um importante fator de escolha. Quando vieram de São Paulo, na década de 1980, o terreno que o Bispo havia cedido aos monges era próximo da futura localização. Seria um eco ao “retorno às fontes”, promovido pelos jovens monges na época originária?

Na questão da prática social destes monges, diversas ações precisaram ser adequadas para cumprir o objetivo da mudança. A Abadia é independente e, portanto, é responsável pelas suas próprias condições materiais e financeiras. Assim, os monges adotaram estratégias de *marketing* e venda dos bens religiosos (como as velas, CDs, livros, busca por doações, etc.). A comunicação com o “homem moderno” (expressão associada à linguagem do Concílio Vaticano II) é atravessada por questões econômicas e materiais e, portanto, também se buscou aprofundar a linguagem publicitária do próprio mosteiro, a qual está implicada em suas publicações.

Justamente, nesse sentido comunicativo, podemos destacar outro marco histórico de especial relevância para esta pesquisa, que é a criação do canal do *YouTube* da Abadia da Ressurreição, em 2015. O canal é composto por vídeos dos cantos gregorianos, homilias, celebrações litúrgicas, entrevistas, entre outros. Deste modo, se revela um importante acervo de fontes para análise histórica, sendo uma parte significativa do corpo de fontes para esta pesquisa, conforme veremos adiante.

Para além disso, a própria existência do canal pode ser entendida como um aspecto identitário desses monges. Apropriam-se de uma das principais formas de expressão própria da contemporaneidade (devemos citar também que a Abadia possui página no *Facebook*, perfil no *Instagram* e no *Spotify*). Assim, se harmonizam ao seu próprio modo ao *aggiornamento* característico do Concílio Vaticano II.

Outro exemplo de comunicação com o público contemporâneo é a publicação do livro “Eis o servo fiel e prudente: a vida de São Bento” (2020), que tem autoria do próprio Abade do Mosteiro da Ressurreição, D. André. Este livro tem por objetivo apresentar a vida de São Bento, conforme a perspectiva de seu autor, para servir de exemplo para outros mosteiros, comunidades religiosas e devotos do santo

beneditino. Inclusive, o autor do livro reconhece a sua consonância com os ideais do Concílio Vaticano II. Escreve na introdução:

Romper a distância dos séculos para termos nosso Pai São Bento próximo a nós faz também parte do escopo de nosso estudo. Por sua vida, narrada pelo Papa São Gregório, poderemos com maior segurança e liberdade de espírito **continuar o *aggiornamento* da vida consagrada**, que a Igreja pediu aos monges, como também a todos os religiosos, por ocasião do Concílio Ecumênico Vaticano II. (Martins, 2020, p. 28, grifo nosso).

Aos olhos do historiador, tomando este livro como fonte histórica, nos interessa mais compreender como o abade percebe a vida de São Bento e, portanto, como lidera o mosteiro e seus monges a partir da representação que constrói da vida beneditina, da Regra e da biografia de São Bento. O livro é, antes de tudo, um discurso de um monge beneditino ponta-grossense a um público indefinido, mas certamente vinculado ao mesmo contexto histórico: a atualidade<sup>5</sup>.

Desta forma, corresponde também, assim como as outras formas discursivas (como, por exemplo, as publicações na internet), a uma prática da vida religiosa própria do Mosteiro da Ressurreição. De certo modo, a publicação do livro enquanto prática social está vinculada a identidade monástica, a qual estamos analisando neste trabalho. Assim, podemos compreender que ser monge beneditino do Mosteiro da Ressurreição contempla o ato de comunicar-se com público por meio de diversas formas distintas.

A exposição histórica que desenvolvemos neste capítulo mostra que a identidade dos monges do mosteiro estudado é repleta de complexidades. Não seria exagerado pensar nessa identidade no plural. Podemos pensar que certas características – como uma espécie de “rebeldia” – acompanham os monges deste mosteiro desde sua criação. Talvez fosse mais coerente propor que estes monges leem as orientações da ordem beneditina e as representam de seu próprio modo.

A omissão dos dados históricos do mosteiro mexicano de “Nossa Senhora da Ressurreição” nos chama a atenção. É possível que, com essa prática, busquem desvincular da imagem “secularizada”, na qual D. Lucas conduziu a criação do Mosteiro da Ressurreição. O signo de “rebeldia” está presente nas três lideranças (mesmo que significado de formas diferentes). D. Grégoire Lemercier foi, em algum nível, o líder espiritual de D. Lucas (ou, pelo menos, sua inspiração). Este, além de ter

---

<sup>5</sup> Devemos apontar que, apesar de ser uma fonte de grande importância, pois revela os pensamentos do Abade sobre o santo de referência da Abadia da Ressurreição, a análise de sua visão não foi feita nesta dissertação. Assim, propomos que este livro possa ser fonte de estudos sobre esta Abadia.

convocado as reuniões que resultaram na criação do mosteiro da Ressurreição, o fez sem o consentimento de seu abade.

Deste modo, o processo de fundação do mosteiro que estudamos foge ao que seria considerado normal para a Congregação Beneditina do Brasil. Devemos lembrar também que D. Lucas foi o preceptor de D. André, quando este era um jovem postulante em São Paulo. A criação do canto neogregoriano nasce de um desejo deste abade de reestruturar a tradição conforme aquilo que ele considerou como correto. De certo modo, assim, André também tem a sua “rebeldia”. Mudar de congregação, deixando uma que seria mais rígida (Congregação Beneditina do Brasil) para outra mais aberta (Congregação Beneditina Sublacense-cassinense) pode ser interpretado como uma materialização deste intuito.

Desta forma, possuímos elementos para propor uma chave de leitura a qual deve estar em mente nas análises que nos propomos a realizar a seguir, nos capítulos posteriores. De alguma forma, nos parece que a identidade monástica destes monges está ligada, com maior ou menor grau, à uma certa “rebeldia”, ou seja, uma reinvenção do que é ser monge beneditino conforme a leitura que os mesmos fazem da representação religiosa desta Ordem.

Tendo suficientemente contextualizado a história de origem da Abadia da Ressurreição, teremos mais condições de analisar os projetos monásticos que estão por trás da identidade dos monges estudados. Assim, poderemos perceber que a representação do que é ser monge é produzida através de um processo histórico. Nessa perspectiva, portanto, os três projetos analisados no próximo capítulo devem ser vistos como historicamente relacionados.

## Capítulo 2: Análise de três projetos monásticos

Neste capítulo, iremos nos debruçar sobre os três projetos monásticos que, de alguma forma, marcaram a história da Abadia da Ressurreição. São eles: o projeto de D. Grégoire Lemerrier, o projeto de D. Lucas Torrel de Almeida Costa e o projeto de D. Matheus Salles de Penteado (o qual ainda hoje orienta as práticas deste mosteiro).

Precisamos especificar, desde o início, que não estamos utilizando a expressão “projeto” para delimitar um documento formalizado, mas sim uma representação presente em publicações escritas por esses três autores. Podemos recorrer a Gilberto Velho (1994), o qual apresenta uma abordagem da relação entre trajetórias individuais e coletivas, na perspectiva de projeto e campo de possibilidades:

Entendendo-se projeto como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”, isto é, a forma pela qual o indivíduo busca delinear sua trajetória, o mesmo constitui, portanto, uma dimensão da cultura, na medida em que é sempre expressão simbólica. Campo de possibilidades refere à dimensão sociocultural, “ao espaço para formulação e implementação de projetos”, elemento que parece englobar tanto as questões de normatização e institucionalização quanto um espaço para a criação e atuação dos indivíduos. Assim, “[...] as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades”. (Velho, 1994, p. 4).

Este campo de possibilidades pode ser compreendido a partir de uma noção de imaginário, conforme nos apresenta Carvalho (1993):

O imaginário é a maneira pela qual as pessoas estruturam seu mundo, lhe dão significado. Por menos educadas que sejam, as pessoas sempre encontram uma maneira de dar sentido à sua vida, às suas relações, ao mundo que as cerca. É uma necessidade do ser humano, é parte essencial de sua cultura. O imaginário não é por isto mesmo externo às coisas, superposto à realidade. Ele é a forma inteligível pela qual as coisas existem para o ser humano. Nesse sentido, imaginário e discurso se aproximam: são formas de representação da realidade. O discurso trabalha com conceitos, o imaginário com imagens e símbolos, mas ambos são representações que frequentemente se combinam. (Carvalho, 1993, p.15).

Os projetos monásticos estão carregados de um imaginário sobre o que seria a vida em um mosteiro beneditino. Deste modo, entendemos que, ao estabelecer seus ideais, os autores de cada projeto explicitam o que esperam desta forma de vida religiosa. Assim sendo, é necessário focarmos nossa análise em fontes escritas e, por assim dizer, oficiais. Essas fontes são: os escritos de Lemerrier, publicados no livro *Psicanálise e Religião* (1977), no artigo *La fundación del Monasterio de la*

*Resurrección* (Costa, 1981) e no texto *Mosteiro da Ressurreição: síntese histórica e projeto monástico* (Penteado, 1997).

Nessas produções, seus autores deixam transparecer o ideal de vida monástica beneditina que defendem, ao mesmo tempo que apresentam visões históricas dos respectivos momentos de suas vidas como monges. Também, seus autores compartilharam a vida monástica em algum momento em sua trajetória de vida. Portanto, de alguma forma, os projetos defendidos se entrelaçam, se confrontam e assumem uma relação própria de continuidade e ruptura – características que apresentamos no capítulo anterior. Seguimos inicialmente com a exposição sobre prior belga D. Grégoire Lemercier, o qual teria inspirado D. Lucas em seu projeto monástico.

### 2.1 O projeto monástico de D. Grégoire Lemercier

Em 1950, após duas tentativas frustradas de fundar um mosteiro beneditino no México, o padre belga D. Grégoire Lemercier<sup>6</sup> inaugurou um mosteiro chamado Nossa Senhora da Ressurreição. O seu contexto diocesano era amplamente voltado a uma visão progressista do *aggiornamento* católico que se instituíra no período pré-conciliar. O bispo de Cuernavaca, D. Sergio Méndez Arceo (1907-1993) possuía um caráter voltado ao pensamento progressista da Igreja Católica, e amplamente favorável ao socialismo: “Dom Sergio era uma ponte entre a Igreja e o movimento socialista” (Litmanovich, 2018, p. 205).

Esse bispo também favoreceu a utilização da psicanálise no Mosteiro de Nossa Senhora da Ressurreição. Dentre suas características pastorais, podemos citar a autorização do uso do vernáculo (destacamos que o vernáculo no canto neogregoriano é a característica emblemática do Mosteiro da Ressurreição), distribuição de Bíblias em Espanhol, diálogo ecumênico com os demais cristãos, renovação arquitetônica (igrejas circulares) e a missa virada para o povo (Litmanovich,

---

<sup>6</sup> Grégoire Lemercier nasceu em 1º de dezembro de 1912 em Liège, na Bélgica. Estudou Teologia em Louvain, no ano de 1928, que também é um centro de disseminação da psicanálise. Tornou-se monge na Abadia de Mont-César, perto de Louvain, na Bélgica. Em 1944, se dirigiu ao México para dar início às comunidades monásticas beneditinas. Participou diretamente no Concílio Vaticano II como conselheiro teológico do bispo de Cuernavaca, D. Sergio Méndez Arceo. Após implementar a prática psicanalítica de grupo em seu mosteiro, recebeu uma série de advertências e proibições do Santo Ofício entre 1961 e 1967, ano em que, no mês de junho, renunciou aos votos monásticos e se desligou da Igreja Católica. No ano seguinte, se casa com Graciela Rumayor. Faleceu em 28 de dezembro de 1987.



2018, p. 208).

Essas características constroem um clima de rompimento com a hierarquia, o qual o padre Lemerrier irá se apropriar ao pensar seu projeto monástico. Um primeiro aspecto que podemos destacar, ao nos depararmos com seu texto, é justamente uma visão crítica ao clero:

O conhecimento de si mesmo, que constitui a essência da psicoterapia analítica, gera a sinceridade muitas vezes brutal para consigo mesmo e para com os outros, eliminando pouco a pouco a hipocrisia que frequentemente caracteriza o comportamento religioso, como Jesus provou com os fariseus. Esta sinceridade, que facilita o diálogo aberto com superiores e companheiros, tende a acabar com os cochichos que são Bento tanto detestava. (Lemerrier, 1977, p. 34).

Portanto, podemos propor que ele enxergava uma frequente hipocrisia no clero. Essa visão de desconfiança e fechamento ao diálogo por parte dos ministros ordenados poderá explicar as razões que levaram a se desligar da Igreja Católica e sua insubordinação à autoridade eclesiástica no final da década de 1960. A diminuição da hierarquização ocorre concomitantemente ao processo desse monge ao repensar o papel do Abade. Para ele, a paternidade do Abade corresponde à paternidade de Jesus Cristo no mosteiro (Litmanovich, 2018, p. 211).

No final de sua trajetória no mosteiro beneditino, havia abandonado sua autoridade para que suas falas se tornaram meditações pessoais, com as quais pretendia tocar o fundo da alma dos monges, comunicando sua própria experiência com Cristo (Lemerrier, 1977, p. 45). Suas alocações nas missas de domingo podem ser entendidas como um momento onde ele expressa sua própria leitura do cristianismo. Assim, seguindo nossa lógica de análise, um traço característico do mosteiro de Nossa Senhora da Ressurreição é o pensamento teológico de D. Lemerrier – afinal de contas, não hesita em afirmar que o mosteiro é *dele* (Lemerrier, 1977, p.45.).

A princípio, D. Lemerrier concebe que o espaço do mosteiro é um lugar de construção do equilíbrio espiritual, o que não poderia ocorrer sem o equilíbrio psíquico. É nesse contexto que, ao se deparar com as limitações que possuía para selecionar candidatos à vida monástica, decide inserir a psicanálise como um “complemento espiritual” para os candidatos ao monasticismo. Podemos propor que, para ele, as próprias instituições eclesiásticas não seriam capazes de oferecer um espaço para que esse equilíbrio fosse atingido. A ajuda de psicanalistas viria justamente para saciar essa necessidade.

Um outro ponto de destaque da identidade monástica defendida pelo Prior é que o monge é um eunuco (Lemercier, 1977, p. 40). De alguma forma, isso traria certas questões a serem trabalhadas pela psicanálise, o que justificou a presença de uma psicanalista mulher como uma das responsáveis pela análise dos monges de seu mosteiro. Evidentemente, a presença feminina foi questionada pelos representantes da Igreja. Esse ponto pode ser destacado pelo fato de que D. Lemercier revolta-se gradualmente contra o celibato. Podemos afirmar isso a partir do fato de que, após ter deixado os votos monásticos e a vida católica, casou-se (Litmanovich, 2018, p. 220).

Podemos propor uma síntese de sua visão monástica. Grégoire Lemercier adotou uma postura bastante anticlerical (não se submete à autoridade do Vaticano). Vê o mosteiro e a vida monástica como algo incompleto, e por isso recorre a psicanálise como “complemento espiritual”. A língua dentro do mosteiro deve ser o idioma vernáculo (desde a década de 1950, pelo menos), indicando a proximidade que deve existir entre os monges. Nessa perspectiva de vida, a sexualidade também tem o seu papel: primeiro numa negativa, “o monge é um eunuco”, para depois ser afirmativa, pois o próprio Lemercier abandona os votos monásticos para se casar. O Centro Psicanalítico Emaús, criado após sua renúncia aos votos, acaba por personalizar sua visão: ecumênica e humanista (anticatólica), analítica e independente – ou seja, um rebelde no final das contas.

## *2.2 O projeto monástico de D. Lucas*

Dentre os três monges estudados neste capítulo, o que temos menos informações biográficas é D. Lucas Torrel de Almeida Costa<sup>7</sup>. Entretanto, se não há muitas fontes sobre a biografia de D. Lucas, ao menos podemos conhecer de forma mais direta seu pensamento. O mesmo publicou cerca de quatro artigos (todos com um viés católico progressista, que se assemelha muito ao pensamento da Teologia da Libertação, enaltecendo as conferências de Medellín e Puebla) na revista

---

<sup>7</sup> Sabemos que na década de 1960, esteve em Cuernavaca, no mosteiro Nossa Senhora da Ressurreição e que essa experiência o impactou de maneira que desejou homenagear a fundação de D. Lemercier, nomeando o mosteiro ponta-grossense de forma quase homônima (Brandellero, 2011, p. 95). Seria exagerado supor que ele foi analisado no mosteiro de Cuernavaca? Do mesmo modo, sabemos que esteve em São Paulo, no mosteiro de São Bento como Mestre de Noviços até 1981 (Schactae, 2002, p. 19). Nossa pesquisa aponta que, em 1975, ele recebeu D. André no Mosteiro de São Bento, conforme nosso Apêndice H. Após 1991, dez anos depois da fundação do Mosteiro da Ressurreição, tornou-se Prior do Mosteiro de São Bento, em Vinhedo (SP) (Schactae, 2002, p. 26).

*Cuadernos Monasticos*, uma publicação da *Conferencia de Comunidades Monásticas del Cono Sur* (SURCO). Dentre eles, encontramos o texto *La fundación del Monasterio de la Resurrección*, o qual utilizaremos em nossa análise.

O primeiro ponto a destacar é que D. Lucas afirmava que as reuniões que realizaram na década de 1970 eram espontâneas e não comprometidas. Descobriu-se que partilhavam do mesmo ideal em vários aspectos, conforme citado abaixo:

*Durante varios años, en conversaciones espontáneas y no comprometidas, fuimos poniendo en común nuestros ideales de vida monástica. Poco a poco fuimos descubriendo que comulgábamos en varios aspectos de un mismo ideal. A partir de cierto momento, comenzó a concretizarse la idea de realizar la fundación de un nuevo monasterio que se preocupara por un retorno a los orígenes, una mayor fidelidad a la Santa Regla y con una presencia peculiar en nuestro continente y en nuestro país. A partir de entonces, comenzamos a reunirnos con frecuencia para rezar y reflexionar juntos sobre la manera de llevar a cabo este proyecto de vida monástica. (Costa, 1981).*

Veremos adiante que esses ideais não seriam tão harmônicos como pode se pensar em seu projeto monástico<sup>8</sup>, conforme, inclusive, destacamos no Capítulo 1. Entretanto, vamos destacar os pontos que o então Prior do Mosteiro da Ressurreição destaca: Em primeiro lugar, D. Lucas defende um monaquismo predominantemente laico; o sacerdote é visto como tendo uma função eminentemente ativa. Além disso, afirma sobre a questão pastoral no Brasil:

*Además de esa función eclesial, el presbiterado tiene una dimensión más grave todavía: frente a la urgente necesidad de sacerdotes en que se encuentra el Brasil, una comunidad monástica predominantemente clerical tendría obligatoriamente que asumir una pastoral activa inserta en la Pastoral de la diócesis donde se encuentra. (Costa, 1981).*

Além da questão pastoral, nos parece razoável pensar que existiria um certo nível de incompatibilidade entre a vida monástica e a vida do sacerdote. Quando o monge assumisse essa posição, seria um serviço a mais ou adicional (extraordinário). O número de sacerdotes seria reduzido ao mínimo necessário para as necessidades da comunidade.

Podemos ver o lema beneditino *Ora et Labora* influenciando em dois pontos. Na questão da oração, o autor destaca a celebração do Ofício Divino de forma integral, não se distanciando assim da Regra de São Bento. Mas é na questão do trabalho que

---

<sup>8</sup> Um ponto a destacar é que o próprio autor utiliza a expressão “projeto monástico” para se referir às características elencadas. O mesmo foi escrito entre junho e dezembro do ano de 1981, assim sendo, nos primeiros meses de existência do Mosteiro da Ressurreição e quando ele ainda estava localizado no Parque Estadual da Vila Velha.

podemos perceber o pensamento progressista de D. Lucas, quando se expressa na seguinte citação:

*Frente a la situación de gran miseria y opresión en que se encuentra América Latina, una pobreza evangélica abrazada con generosidad, nos lleva mucho más eficazmente a una liberación interior y a un compromiso y solidaridad con nuestro pueblo. A semejanza de este pueblo, decidimos vivir del trabajo de nuestras propias manos, es decir, obtener nuestro sustento solamente con lo que podamos producir. Todo lo que supere las necesidades de la comunidad será distribuido a los pobres de la mejor forma posible. Además, como dimensión de pobreza, nuestra comunidad prescindirá de todo trabajo asalariado. (Costa, 1981).*

Tendo em vista a realidade brasileira, estariam exercitando o “compartilhar”. Assim, a vida monástica não se fecharia em si mesma, mas estaria aberta à recepção das pessoas: “*Compartir los afectos, los bienes, las decisiones, la misión, la Palabra de Dios, etc*” (Costa, 1981).

Ao concluir esse documento, é mencionado que o nome “Mosteiro da Ressurreição” foi escolhido para honrar o mistério central da fé cristã, ou seja, a Ressurreição de Cristo. Deste modo, oculta a influência da experiência no mosteiro mexicano de D. Lemercier, a qual pode ser inferida a partir de uma análise ideológica.

Em resumo, podemos dizer que D. Lucas replica ao seu próprio modo a rebeldia iniciada por Grégoire Lemercier. Ao conduzir as reuniões sobre a fundação de um novo mosteiro, conforme citamos no primeiro capítulo, ele confronta a hierarquia à qual estava submetido para apresentar ideais próprios, marcados pelo progressismo católico, entre os monges. O ato de criação do Mosteiro da Ressurreição de Ponta Grossa faz eco ao próprio ato de criação do Centro Psicanalítico Emaús, onde ideias originais, não necessariamente ligadas à tradição beneditina, puderam ser disseminadas.

A repetição histórica chama a atenção. Poderíamos dizer, conforme nossa análise seguinte, que o Mosteiro da Ressurreição, ao rejeitar o projeto “secularizado” do primeiro prior, restaura também uma certa ortodoxia, no sentido de recuperar a tradição beneditina – objetivo qual fica explícito no projeto monástico que analisaremos a seguir.

### 2.3 O projeto monástico da Abadia da Ressurreição

O autor deste documento é D. Mateus de Salles Penteado. Ele fez parte do

grupo fundador da Abadia da Ressurreição e possui uma história atrelada à vida de D. André Martins, o abade do mosteiro. Ele é o entrevistado no Apêndice L e, neste vídeo, retoma, num intervalo de 25 anos, certos aspectos da história do mosteiro conforme sua visão.

Este documento não tarda a estabelecer um momento de ruptura com o pensamento do líder anterior, conforme se expressa:

Esse grupo de jovens professos e noviços acabou encontrando apoio e incentivo no então vice-mestre (logo depois mestre) de noviços, D. Lucas Torrell de Almeida Costa, que, no entanto, tinha em mente um projeto de índole completamente diferente, bastante secularizado, em nada ligado à tradição beuronense e ao que ela representava. Novas adesões de interessados na fundação aconteceram, mas visando este segundo projeto. (Penteado, 1997).

D. Mateus deixa clara a existência de “ideias discrepantes e irreconciliáveis” entre os membros do grupo fundador, D. Lucas e os ideais do Mosteiro de São Bento. Utiliza a expressão “radical divergência interna” para se referir à essa tensão existente entre esses monges, mesmo que não estivesse apresentada de forma clara e evidente. É dito de forma categórica que o Prior não comungava em nada com o ideal do grupo fundador, o qual era contemplativo.

O documento tem um grau de erudição maior que o de D. Lucas. Há citações da Bíblia Sagrada, da regra de São Bento e outros documentos referentes a ordem beneditina. O autor busca legitimar a criação do mosteiro da Ressurreição a partir de motivos teológicos e não sociológicos. Assim, percebemos uma mudança de mentalidade ao notar o rompimento com o ideal progressista ao alterar o embasamento do texto.

Essa mudança de concepção sobre a vida monástica está identificada com a reforma beuronense. O autor cita que as características desta reforma são: o favorecimento da vida conventual, a clausura, o silêncio, a liturgia tradicional e o trabalho (este, aliás, nunca desvinculado da própria identidade monástica em diversas perspectivas). Sobretudo, essas características estariam proporcionando uma vida contemplativa.

Ao analisar este documento, Schactae (2003) destaca que o texto de D. Mateus expressa três temporalidades: a longa duração, quando se refere às práticas existentes nos mosteiros do século VI e na Congregação Beneditina do Brasil; a história vivida, isto é, como os fundadores se apropriaram destas práticas; e a necessidade de se construir uma representação, na qual a longa duração e o vivido

se constituem em identidade do grupo, significando que as suas práticas resultam de um processo relacional, o qual ocorre entre a construção de uma representação e as necessidades do grupo.

O que está em jogo não é apenas a construção de uma identidade do monge do mosteiro da Ressurreição, mas também da condição de monge da Ordem Beneditina, herdeiro de uma tradição que remete ao fundador da Ordem e, conseqüentemente, a monges de gerações anteriores, de quem herdou a forma de vida monástica. Para D. Mateus, a vida monástica foi resultado do exemplo. (Schactae, 2003, p. 119).

O autor do documento não deixa de destacar que o processo de criação do Mosteiro da Ressurreição está relacionado com o que chamou de “‘clima’ eclesial no Brasil no final dos anos 70 e início dos 80” (Penteado, 1997, p. 02). Este contexto estaria marcado pelo surgimento da Teologia da Libertação (Schactae, 2003), mas também por divisões internas dentro da própria Igreja Católica, a qual separaria o clero em progressistas, modernistas e conservadores (Mainwaring, 2004), semelhante à divisão presente no Concílio Vaticano II.

Podemos entender que, o surgimento deste mosteiro ocorreria numa relação resultante das forças internas presentes na Igreja Católica deste período. Deste modo, podemos compreender a aparente contradição de o mosteiro ser tradicionalista, mas ao mesmo tempo propor ideias bastante inovadoras. O próprio documento afirma que a “Tradição” é uma coisa viva e, portanto, as práticas dos monges não são mera reprodução daquelas que os influenciaram e antecederam.

Podemos perceber nesse texto que existem certas permanências nas representações e práticas monásticas. Destacaremos três delas. A primeira é a questão da castidade, pois D. Mateus a ponta que a separação do mundo seria um prolongamento do celibato (Pentado, 1997, p. 04). Este ponto marcado pelo tema da genitalidade foi alvo de considerações e críticas de D. Lemercier que apresenta o monge como um eunuco, conforme vimos anteriormente. O afastamento da sociedade, portanto, também adquire um caráter de domínio das pulsões genitais, evidentemente, sem reduzir-se a isso.

Em segundo lugar, D. Mateus destaca o valor do trabalho e a decisão de não manter empregados dentro da clausura em serviços de manutenção do mosteiro (cozinha, limpeza, lavanderia, etc.) (Penteado, 1997, p. 05). Os trabalhos domésticos devem ser realizados pelos próprios monges. Essa questão do trabalho foi apontada também por D. Lucas em seu projeto monástico, analisado no tópico anterior.

Obviamente, esse valor está expresso no *Ora et Labora* da própria regra de São Bento.

Em terceiro lugar, observamos o caráter, por assim dizer, “anticlerical” exposto neste documento. Não se trata de negar a importância do sacerdócio e ordenado dentro do mosteiro, mas sim demonstrar que a vida monástica se sobressai em relação à vida do sacerdote (Penteado, 1997, p. 05). Essa questão da relação dos monges com o clero são pontos expostos na concepção tanto de D. Lemercier quanto de D. Lucas. Mas essa questão da relação entre monges e padres será melhor avaliada em um dos tópicos do próximo capítulo.

Em resumo, o documento de D. Mateus apresenta a história e os ideais da Abadia da Ressurreição, evidenciando as tensões internas entre os fundadores e a adoção da reforma beuronense como base para uma vida monástica contemplativa. O texto aponta para um diálogo entre tradição e contexto atual, resultando em um mosteiro tradicionalista com perspectivas inovadoras, cujas práticas e representações monásticas mantêm certas características fundamentais ao longo do tempo.

#### *2.4 A atual abadia: uma síntese de três projetos monásticos*

É possível dizer que a Abadia da Ressurreição atualmente comporta uma síntese dos três projetos monásticos apresentados neste capítulo. Pode-se perceber uma relação de continuidades e descontinuidades em relação aos três projetos.

Em primeiro lugar, o que une os três projetos é a identidade beneditina e sua fidelidade à Regra. Porém, ao nos depararmos com projetos tão distintos, podemos pensar que as leituras que fazem do ideal monástico e das representações são fundamentalmente distintas. Ao se deparar com o texto como a Regra de São Bento, cada grupo a percebe de forma distinta e, ao representá-la de diferentes modos, constroem práticas que fazem sentido no contexto em que se produzem.

Essa diferença de representações fica bastante clara na passagem do projeto de D. Lucas para o projeto de D. Matheus. A vida passa de “secularizada” ou “aberta ao compartilhar”, para usar as palavras de D. Lucas, para uma vida “contemplativa” ligada à tradição beuronense. É curioso destacar que ambos os projetos visam justamente a tradição. No final das contas, é o próprio conceito de tradição que está em jogo na afirmação dos ideais monásticos, uma vez que a própria ideia de ser um mosteiro beneditino remonta antiquíssima tradição da Ordem de São Bento.

Assim, os três autores buscam legitimar-se como representantes do ser monge beneditino. Buscaremos no próximo capítulo ampliar a leitura sobre a identidade monástica na Abadia da Ressurreição a partir do que os próprios monges publicam por meio de vídeos na rede social *YouTube*. Tendo em vista o processo histórico do qual as falas resultaram, podemos lançar mão do procedimento metodológico de Análise de Discurso, o qual em alguma medida já utilizamos neste capítulo, para então compreender os sentidos das falas desses monges.

É possível perceber, conforme prossegue a análise, a influência dos três projetos monásticos. Evidentemente, o projeto de D. Matheus é o que mais se destaca. Entretanto, poderemos ver a presença incipiente (e até mesmo velada ou, poderíamos dizer, inconsciente) dos outros dois projetos nas falas dos integrantes do Mosteiro da Ressurreição.



### Capítulo 3: Os discursos dos monges presentes no *YouTube*: uma análise de discurso

A Análise de Discurso é um procedimento metodológico que busca contribuir para a compreensão das formações discursivas contemporâneas. O analista de discurso pressupõe que existe um sentido oculto nos discursos, o qual deve ser captado pela análise e que seria imperceptível sem uma técnica apropriada (Maingueneau, 1997, p. 10-11). Assim sendo, podemos nos questionar que sentidos podemos captar das falas dos monges da Abadia da Ressurreição em relação à sua identidade monástica? Quais sentidos ocultos podem ser captados pela análise do discurso?

Para isso, devemos olhar para o corpo de fontes que compõe nossa pesquisa. Trabalhamos com vídeos e entrevistas concedidas a repórteres profissionais e que foram publicadas na plataforma de vídeos on-line *YouTube* entre 2009 e 2022<sup>9</sup> em diversos canais. Essas entrevistas foram transcritas e compõem o corpo de apêndices, estando dispostas ao leitor no final dessa dissertação. Além dessas entrevistas, os monges da Abadia da Ressurreição mantêm sua atividade online em muitas plataformas digitais. Suas páginas no *Facebook* e no *Instagram* são constantemente atualizadas com novas publicações. O canal do *YouTube* traz a informação que foi criado em 16 de setembro de 2015.

O levantamento das fontes de pesquisa utilizou a seguinte estratégia de busca: os termos “Mosteiro da Ressurreição”, “Abadia da Ressurreição”, “monges beneditinos Ponta Grossa” e “monges Ponta Grossa” foram utilizados no mecanismo de busca do próprio *YouTube*. Ao assistir os vídeos encontrados, o próprio algoritmo da plataforma passou a indicar outros vídeos relacionados à Abadia a qual estudamos. Desta forma, a própria tecnologia do site auxiliou no levantamento das fontes. A coleta das fontes se encerrou no dia 31 de dezembro de 2022. Essa pesquisa inicial resultou nos seguintes números, os quais serão expostos na tabela:

---

<sup>9</sup> Esse recorte temporal corresponde ao momento que em se iniciaram as publicações e o corte final coincide com o momento de escrita desta pesquisa.

TABELA 3 – Total de vídeos encontrados e duração

VÍDEOS	Quantidade	Duração total
Vídeos oficiais	193	45h58min
Vídeos profissionais	22	4h38min
Vídeos amadores	1	1h18min
TOTAL	216	51h54min

Fonte: O autor

Os vídeos que chamamos de “oficiais” são aqueles que foram postados pelo próprio Mosteiro em seu canal. Esses vídeos são constituídos, em sua maioria, por gravações dos cantos neogregorianos, mas também por homilias, divulgação da abadia, reportagens, entrevistas com os membros do mosteiro, liturgias e fragmentos de ritos, entre outros. Os vídeos que chamamos de “profissionais” são aqueles que foram gravados e postados pelos veículos profissionais de comunicação, ou seja, a mídia. São compostos por vídeos exibidos em canais de televisão, programas de rádio e, inclusive, diretamente para o *YouTube*. A terceira categoria, a qual chamamos de “amadora” e consta de um único vídeo, trata-se de uma gravação de D. André Martins, o atual abade, apresentando uma conferência.

Dada a grande quantidade de material obtido, foram selecionados os vídeos que pudessem, potencialmente, auxiliar no entendimento da identidade monástica destes monges, conforme o objeto de estudo desta pesquisa. Como apontamos na Introdução desta dissertação, os vídeos selecionados devem conter: 1. Necessariamente, um monge falando como representante da Abadia da Ressurreição; 2. Este monge deve trazer informações históricas e identitárias sobre o mosteiro (pois muitos vídeos tratam de questões exclusivamente teológicas ou apresentação de ritos católicos); 3. As falas e entrevistas devem ser espontâneas, ou seja, o discursante não deve estar lendo ou dizendo algo que foi previamente ensaiado (ao menos aparentemente).

Após selecionados, os vídeos foram transcritos a fim de produzir documentos textuais para que possa ser analisado pelo método da Análise de Discurso. A transcrição buscou manter-se o mais fiel possível ao que os monges falaram sobre o mosteiro e seu cotidiano e anexadas como apêndices à essa dissertação, como já indicamos. Esta última seleção resultou nos seguintes números:

TABELA 4 – Vídeos selecionados

VÍDEOS	Quantidade	Duração total
Vídeos oficiais	1	22min
Vídeos profissionais	10	3h05min
Vídeos amadores	0	-
TOTAL	11	3h38min

Fonte: O autor

Para compreendermos os discursos apresentados nesses vídeos, devemos ter em mente que a identidade dos monges do Mosteiro da Ressurreição, conforme analisado por Schactae (2002; 2003), é representada em práticas como o Ofício Divino, o trabalho e o silêncio. No entanto, há outras práticas que também podem ser esclarecedoras dessa identidade, tais como o canto neogregoriano, a arte, a arquitetura e a recepção de pessoas externas.

O canto neogregoriano é uma prática significativa na Abadia da Ressurreição. Este canto é uma forma de música litúrgica que combina elementos do canto gregoriano tradicional com influências contemporâneas, principalmente a língua vernácula. É uma expressão artística que envolve a dedicação e o cuidado dos monges em manter essa tradição viva, transmitindo sua espiritualidade através do canto durante os rituais religiosos.

Além disso, a arte e a arquitetura presentes na Abadia da Ressurreição também são práticas reveladoras da identidade dos monges. Através da expressão artística e do *design* arquitetônico, os monges criam um ambiente que reflete sua espiritualidade e a vida monástica. As pinturas, esculturas e outros elementos artísticos presentes no mosteiro são expressões da busca dos monges pela beleza e pela transcendência, contribuindo para sua identidade única.

A recepção de pessoas externas também é uma prática importante no Mosteiro da Ressurreição e também compõe sua identidade. Os monges recebem hóspedes e visitantes, independente da religião, compartilhando sua vida e espiritualidade com o mundo exterior. Essa prática demonstraria a abertura dos monges à comunidade e sua disposição em compartilhar sua fé, sua rotina de oração, seu trabalho e seu silêncio com os outros, contribuindo para sua identidade acolhedora e hospitaleira – além de fazer ressonância às propostas ecumênicas promovidas pelo Concílio Vaticano II.

Portanto, a compreensão da identidade dos monges do Mosteiro da

Ressurreição vai além do Ofício Divino, do trabalho e do silêncio, abrangendo também as demais práticas, as quais citamos anteriormente. Essas práticas revelam a dedicação dos monges à sua espiritualidade, à vida monástica e à expressão de sua fé no contexto contemporâneo. Assim, podemos compreender conforme o seguinte:

Ser monge neste mosteiro também está associado à leitura realizada pelo grupo fundador expressa nas práticas que identificam os membros do grupo, isto é, o trabalho (horta, a limpeza etc.), a arte, os sete momentos de oração, as vestes, assim como o tempo e a localização geográfica do mosteiro, pois viver em um mosteiro rural é um elemento identificador.

O Mosteiro da Ressurreição mantém a tradição de uma vida de oração, estudo e trabalho, fora do mundo, em um mosteiro rural, porém, mantendo um diálogo com o mundo, que ocorre através da relação estabelecida pelos monges com a sociedade. A presença de várias pessoas no mosteiro e a aparição dos monges na mídia estabelece um diálogo não só entre dois mundos, “o sagrado e o profano”, mas também entre a “tradição e o moderno”. (Schactae, 2002, p. 98).

Essas representações e práticas produzem um ordenamento que atribui sentido às falas dos monges nos vídeos analisados. Existem certos elementos que são comuns na maioria das entrevistas. Esses elementos nos auxiliam para compreendê-las dentro de certos núcleos de sentido e, dentre estes, o principal é uma espécie de tensão identitária, a qual podemos expressar do seguinte modo: o Mosteiro da Ressurreição nasceu sob dois signos, sendo o primeiro o da “tradição” e o segundo da “rebeldia”, conforme apresentamos historicamente no primeiro capítulo.

Tendo em vista esse elemento central, podemos buscar compreender como se constitui essa identidade monástica a partir de diversas características. Prosseguimos com nossas análises na sequência.

### *3.1 “Essa vontade realmente é coisa de Deus”: a identidade monástica a partir da afetividade*

Uma importante consideração a ser apontada é a aproximação entre a religiosidade e a afetividade. Afinal, como aponta nosso aporte teórico, a religião na contemporaneidade é uma forma de organização coletiva, mental e afetiva (Sanchis, 1995b; Certeau, 1982). Percebemos em várias falas a presença da afetividade como determinante para o ingresso do futuro monge na vida religiosa. Podemos identificar alguns exemplos:

E no momento que eu estava entrando minha mãe falou assim, meu filho eu fiz de tudo pra você não entrar, né? Eu lhe xinguei, eu maltratei, eu fiz de tudo, né? Mas se você realmente está com esse, com esse sentimento, né?

E com essa vontade de entrar pra vida religiosa, porque realmente é uma coisa de Deus. Eu ainda vou lhe ajudar. Ela ainda foi me levar pro convento. (Apêndice A).

Nesta passagem, o sentimento de entrar para a vida religiosa, especificamente, revela a “coisa de Deus”. O sentir-se monge do futuro candidato<sup>10</sup> foi determinante para dobrar o desejo de sua mãe, a qual queria impedir-lhe o ingresso na vida religiosa. Nesse caso, em específico, a “vontade” atuou como um legitimador da escolha deste monge perante sua mãe, a qual queria impedir o ingresso do filho na vida monástica.

Outro monge afirma que o objetivo da vida monástica é provocar um desejo mais ardente de Deus, o que pode ser sentido como um afeto mais intenso pela manifestação religiosa:

O objetivo da vida monástica é viver para procurar e provocar, não só dentro daqueles... daqueles que vivem na comunidade, mas a gente fora também um desejo mais ardente de Deus. Nós, monges, não somos nem diferentes, nem melhores que qualquer outro cristão, porque você é um batizado, não, nós somos cristãos que procuram viver de maneira mais intensa, essa busca de Deus num lugar na igreja. (Apêndice D).

Este mesmo monge, em outro vídeo, após ser questionado sobre o que seria necessário para uma pessoa se tornar monge, nos apresenta uma descrição desse sentimento-chamado de Deus à vida monástica:

O primeiro lugar é chamado, não é? É um chamado misterioso, que até para nós se perguntar porque aqui nós não temos como responder. É algo que acontece assim, misteriosamente, mesmo, então a gente, em contato com o responsável pelas vocações, marca a data para conhecer. E aí, depois, então vem para fazer a experiência. (Apêndice E).

A vocação religiosa é descrita como misteriosa e provocativa. Deve produzir algo na afetividade daqueles que entram em contato com os monges. E ainda, neste mesmo vídeo, traz um sentimento como característica identitária: a alegria.

Sim, a nossa comunidade tem uma característica muito forte, muito positiva, que é justamente a alegria. É muito bonito, porque os cristãos testemunham Jesus Cristo, exatamente pela alegria. Então eu não acredito num monge numa monja no religioso, num padre, numa religiosa que vive o tempo todo azedo. Ele está dando um contra testemunho e a alegria é o maior testemunho que nós podemos dar de que estamos aqui livremente que fomos realmente chamados, que aceitamos o convite do senhor para viver livremente na sua casa. (Apêndice E).

---

<sup>10</sup> Apesar de todos os nomes serem facilmente identificáveis, optamos por manter a análise da forma mais impessoal possível, quando possível. Deste modo, buscamos manter um nível crítico de objetividade, uma vez que a identidade coletiva é o objeto de análise e não as considerações individuais de cada monge.

Podemos propor que a alegria, enquanto afeto, é um testemunho da liberdade e de que foram realmente chamados por Deus para a vida monástica. O contrário poderia ser aplicado aqui? Ou seja, que um monge “azedo” ou amargurado atestaria que seu sentimento-chamado não veio de Deus?

O abade D. André<sup>11</sup> relaciona o voto de estabilidade, que está previsto na Regra de São Bento (Schactae, 2002, p. 76), com a convivência constante entre os monges. Esse voto monástico criaria, em sua visão, um laço afetivo muito forte:

É claro que nós somos humanos, temos defeitos, dificuldades e fragilidades humanas, mas o contato fraterno aqui no mosteiro é muito bom. Isso nos une muito e nós temos um voto que se chama estabilidade então a gente não tem transferência de casa. E isso vai criando um laço afetivo entre nós muito forte, então, isso me encanta porque eu convivo, por exemplo, convivo com um dos irmãos aqui que vivemos juntos de São Paulo há 30 anos, há 31 anos. então nós temos nosso afetivo é muito mais forte do que com a família. Isso me encanta. (Apêndice F).

Outro monge compreende sua experiência afetiva e chamado ao monacato no Mosteiro da Ressurreição a partir de um sentimento de vazio e de infelicidade:

Eu trabalhava com a Paulinas né, trabalhava com a Paulinas aqui em Teresina e surgiu a oportunidade de ir a Ponta Grossa para conhecer um monge que residia lá. E eu fui sem compromisso nenhum. Assim, há 10 anos atrás, cheguei para ficar duas semanas, fiquei, fiquei mais de 15 dias, fiquei uns 20 dias. (...) Nesta ida, né? Eu convivendo com a comunidade, eles haviam acabado de gravar um CD pela Canção Nova chamado... é... Minha Casa É Casa de Oração e nós fomos a Canção Nova, gravar é... lançar esse CD. A ida com a comunidade, o retorno, clima de fraternidade, não é, rezar com os irmãos foram é mexendo comigo e me chamando atenção ao vazio que tinha, né? Eu lembro muito de um grande bispo da nossa, da nossa, da nossa região, que eu tenho um carinho muito especial, que é o Eduardo Zielski. Eu cheguei para ele uma vez, assim onde eu tenho tudo o que um jovem quer. Tenho dinheiro, ajudo os meus pais, tenho grandes amigos, mas por dentro eu sou tão infeliz, né? Tenho um grande vazio. E aí ele disse isso é vocacional, você tem que fazer uma experiência. (Apêndice G).

Há uma aproximação interessante: enquanto outro monge identifica o carisma com a alegria, este monge encontra a resposta para sua infelicidade na vida monástica.

Recorrendo novamente ao abade, podemos perceber como a afetividade ocupa um lugar central na sua decisão de tornar-se monge beneditino. Curiosamente, o que ele narra é justamente seu encontro com D. Lucas, o qual o acolheu no Mosteiro

---

<sup>11</sup> Tendo em vista a posição distinta que o abade ocupa na vida do mosteiro, não é possível não o identificar em suas falas sem prejudicar a análise. De certa forma, é ele quem articula a visão monástica e o estilo de vida, ou seja, o projeto monástico, dependeria da forma como esse sujeito histórico compreende a identidade monástica.

de São Bento, de São Paulo, e foi referido como “mestre” (Apêndice H). Afirmou o seguinte:

Eu sou filho único e na minha primeira fase de adolescência eu não estava nem muito ligado à Igreja apesar da minha família ser bastante católica. Mas eu comecei a sentir... não sei, não sei explicar bem... uma busca um pouco maior, um pouco mais profunda. (...) Eu tinha 18 anos e voltando do colégio. Eu passei na frente no largo de São Bento, passei na frente do mosteiro. Eu vi os sinos tocando lá. Tem sinos grandes e bonitos. E aí decidi. Eu vou entrar. Nunca me chamou atenção a igreja ali na praça, né? Até porque eu fazia parte da pastoral (...) que o colégio oferecia [acompanhamento vocacional]. (...) E aí entrei. Quando entrei na igreja, os monges estavam entrando em fila para celebrar as vésperas. Muito solene, órgão, tudo e aquilo me tocou profundamente e eu disse “é aqui, é isso que eu procuro”. E me marcou até hoje. Eu assim eu sei a data, 6 de agosto (...), 5:20 da tarde(...). Eu, nos dias seguintes, eu fiz a mesma coisa, aí eu vi que era mais simples, mas os monges entravam, cantavam a oração da tarde, saíam... Depois, na semana seguinte, lá havia um sacristão que era conhecido no centro da cidade, porque ele deixava a igreja em ordem. E ele me via com a pasta do colégio e aí ele não se aguentou... (...) Ele vem me perguntar quem eu era, eu disse que era aluno dos... dos salesianos e perguntou, por que que eu vinha todo dia à tarde. Eu disse, olha, eu gostei muito, gostaria de ser padre... então eu vou lhe apresentar um padre. E no dia seguinte, veio um padre [Esse é D. Lucas Torrel de Almeida Costa, Mestre de Noviços], que na época era muito jovem, então tinha facilidade (...) de trato, de trato com os jovens, né? E ali começamos, né? (Apêndice H).

Essa experiência inicial também é referida em outra fala de D. André, na qual afirma que seria indubitável que o lugar dele era no mosteiro (Apêndice A). Porém, devemos destacar a partir da historiografia que a relação entre “mestre e discípulo”, ou seja, entre D. Lucas e D. André, não ocorre de uma forma tão harmônica como é descrita em suas falas. Apesar de ter existido esse encontro, as visões sobre a vida beneditina eram bastante distintas e, mais tarde, já em Ponta Grossa, D. Lucas renunciará por levar um projeto monástico muito “secularizado”, conforme apontamos no 1º capítulo dessa dissertação.

Portanto, ao que nos parece, a relação entre os dois não é clara, pois, apesar de haver divergências significativas, o que os une é o desejo pela vida monástica beneditina e, também um questionamento em relação à identidade monástica do Mosteiro de São Bento, mas a compreensão de como deve ser essa vida os separa. D. Lucas representaria um projeto “secularizado”, ao qual apontamos indícios que seja influenciado pelo mosteiro de D. Lemercier, enquanto D. André propõe uma vida contemplativa.

Mas como compreender historicamente essas relações afetivas como

determinantes à vida monástica? Devemos lembrar que a ideia de que a experiência religiosa está ligada com a afetividade não é algo natural, mas sim uma característica da modernidade (sobretudo a partir do desenvolvimento do racionalismo após o Renascimento) e, portanto, uma construção social que precisa ser compreendida no processo histórico que a origina. Para sustentar essa ideia precisamos olhar para certos elementos históricos constitutivos da forma de experienciar a religiosidade no Ocidente medieval.

A identidade social em uma civilização agrária, como a medieval, era amplamente definida pela cultura e pelas relações políticas cristalizadas em direitos e deveres, limitando as opções individuais dos sujeitos históricos. A comunidade tinha um papel significativo na definição da identidade social, independentemente das características pessoais, como nascimento, filiação e idade:

Grande ou pequeno, fraco ou poderoso o indivíduo era em grande medida o que a comunidade definia, restringindo-se, ainda que não se eliminando de todo, a faixa das opções individuais capazes de, na interação com a sociedade, contribuir para a definição de sua identidade social. (Figueiredo, 2008, p. 20).

Com a chegada da cristandade na passagem da Antiguidade para o medievo surgiram experiências de foro íntimo, mas a busca pela autonomia e controle de si não eram metas da vida política e social da época. Na vida monástica, o foco estava na purificação e salvação individual, onde todos os fiéis seriam considerados iguais perante Deus. No entanto, essa forma de individualização se mostra limitada em relação às outras formas sociais do período (Ferreira, 2005, p. 26).

Durante quase toda a Idade Média, as relações sociais eram baseadas nas relações de linhagem e na relação contratual entre as famílias de diferentes hierarquias. A posição social dos indivíduos era estritamente determinada pela sua posição nessa hierarquia social, e a noção de indivíduo ainda não existia até o século XIII, quando começou a ser utilizada pelos escolásticos para designar qualquer ente singular não classificável em um grupo maior (Ferreira, 2005, p. 26)..

Assim, a identidade social na sociedade medieval era amplamente influenciada pela cultura, pela posição social e pelas relações políticas e religiosas da época. As opções individuais eram limitadas, e a busca por autonomia e controle de si não era uma meta socialmente valorizada. A noção de indivíduo só começou a surgir tardiamente, remetendo à natureza singular dos seres humanos.



Portanto, a ideia de que a experiência afetiva – ou seja, que o fiel *sentiu* o chamado de Deus – seria determinante na vida religiosa poderia ser estranha ao homem medieval. De fato, por exemplo, nas histórias dos santos medievais não faltam exemplos de experiência objetivas: Santo Antão apanhava fisicamente do demônio, São Francisco de Assis ouviu a voz de Jesus que ordenava reconstruir a Igreja, etc. A afetividade, nas hagiografias, é colocada em segundo plano na Idade Média, enquanto ela é considerada determinante na contemporaneidade.

Aqui encontramos um dos pressupostos de nosso aporte teórico: especialmente na contemporaneidade, as comunidades religiosas são comunidades emocionais. Deste modo, a Abadia da Ressurreição deve ser compreendida como uma comunidade em que monges que sentiram o chamado de Deus se reúnem para participar da vida monástica. Também é constitutivo dessa identidade a relação com o clero. Esse será o próximo tópico a ser observado.

### 3.2 *“Esse é um trabalho já extraordinário”: a relação ambivalente com os sacerdotes*

Historicamente, existe uma ambiguidade em relação aos monges e sacerdotes. Nem todos os monges são ordenados e as funções sacerdotais daqueles que receberam o sacramento da ordem são restritas às regras do mosteiro. Isso também ocorre na Abadia da Ressurreição.

Nos projetos monásticos de Grégoire Lemerrier e de D. Lucas, o sacerdócio é visto com certa reserva, mas isso também pode ser entendido na própria História da Igreja, já que a relação entre monges e ministros ordenados (bispos e padres) nem sempre foi harmoniosa. Desde o início da Idade Média, houve uma relevante rivalidade entre o clero regular (sacerdotes que vivem sob uma regra de vida, como a Regra de São Bento) e o clero secular (aqueles que exercem sua atividade em meio às coisas do mundo) (Baschet, 2006, p. 169-70).

Podemos perceber, de modo análogo, esse distanciamento na fala dos monges. Na Regra de São Bento, Capítulo 60, submete-se o sacerdote que deseja viver no mosteiro ao abade, inclusive nas funções sacerdotais. Além disso, em nada lhe será relaxado o ordenamento da Regra. Além disso, sua própria entrada na vida monástica é vista com desconfiança: não é de pronto que o sacerdote pode ser aceito como monge (São Bento, 2013, p. 111).

Nos vídeos que utilizamos como fontes, os monges que são também padres

realizam as funções sacerdotais de forma extraordinária, fora do normal. Ao ser questionado sobre o trabalho externo, um monge respondeu:

Todo o nosso trabalho acontece dentro do mosteiro. Então, nós não temos um trabalho externo, tudo o que nós fazemos é do portão do mosteiro para dentro. Claro que, às vezes, por necessidade, nós... Eu que sou padre ou outros padres do mosteiro. Saímos, por exemplo, para atender o hospital ou funerária, por exemplo, é... funeral. Às vezes, as pessoas não encontram o padre disponível, não tem um diácono e pedem no mosteiro... (Apêndice G).

É importante destacar que a principal função do padre é a celebração da Eucaristia, pois sem um sacerdote ordenado, não é possível a transubstanciação. A Eucaristia é o elemento central da fé católica e aquele que a distingue de outras correntes do Cristianismo (com exceção de algumas como, por exemplo, a Igreja Ortodoxa e de outras).

Assim, havendo um certo impasse entre a vida sacerdotal e a vida monástica, cria-se uma relação marcada por *ambivalência*, a qual se manifesta em diversos momentos. A ambivalência é um conceito psicanalítico que indica um conflito de investimentos pulsionais. Isso significa que a figura do sacerdote é compreendida de duas formas: ao mesmo tempo em que é necessária, também deve ser evitada e controlada ao mesmo tempo.

Freud (1912/2010) afirma o seguinte: “Tal ambivalência de sentimentos parece normal até uma certa medida, mas um alto grau de ambivalência dos sentimentos é sem dúvida uma peculiaridade dos neuróticos”. Nesse contexto, Freud está se referindo à relação entre paciente e psicanalista, mas as mesmas ideias podem ser extrapoladas para outras relações, uma vez que os mecanismos inconscientes permanecem análogos.

Em um desses momentos, o monge afirma que, por ser zona rural, existe um número menor de padres (Apêndice F). Em outro exemplo, é possível destacar que essa ambivalência aparece na fala de um dos monges, o qual viveu um conflito ao se decidir de ingressava no seminário para ser ordenado padre ou se ingressava na vida monástica:

Eu pertencia uma comunidade religiosa há seis anos e eu gostava muito, estava muito feliz lá, mas a perspectiva de que eu (...) fosse trabalhar numa paróquia... isso me, de alguma forma me assustava, pelo fato não de ficar sozinho, mas de caminhar sozinho, né? Eu sentia muito, mas não era digamos uma desilusão com os palotinos, absolutamente, mas era uma necessidade mais profunda que eu tinha de fazer esse encontro comigo mesmo, esse encontro com Deus e tudo aquilo se referir a mosteiro me fascinava, me fascinava. (Apêndice C).

Mais uma vez o afeto (neste caso, um medo de “caminhar sozinho”) foi um determinante influente na decisão pela vida monástica. Mas o que chama a atenção nesta fala é a visão que o entrevistado tem do sacerdote como aquele que caminha sozinho numa paróquia. A vida monástica, portanto, pode ser compreendida como o oposto da vida do sacerdote quando olhamos especificamente para o aspecto. Essa última observação não deixa de apontar para duas representações: o monge não está sozinho em sua solidão, enquanto o padre sim.

Como, enfim, explicar esse número reduzido de sacerdotes no Mosteiro da Ressurreição? É preciso perceber que essa ambivalência está presente nos três projetos monásticos que analisamos no Capítulo 2 e é, portanto, parte de uma série histórica. Na ambivalência em que um monge também é padre, as funções monásticas devem se sobressair às sacerdotais e os projetos monásticos estudados refletem essa ambivalência.

### 3.3 “A beleza faz parte da vida”: arte, tradição e a vida rural

A ideia de que a Abadia da Ressurreição se identifica como um mosteiro tradicional é repetida de forma constante, tanto nas entrevistas, como nos documentos e na sua historiografia. Um dos grandes objetivos do grupo fundador foi o de constituir um mosteiro tradicional (Schactae, 2002). O abade Dom André afirmou, ao se referir sobre a arquitetura do novo mosteiro (o qual será construído em Itaiacoca) o seguinte:

Então, meu irmão, nós tínhamos uma proposta, o grupo, quando saímos de São Paulo de é... constituir, organizar um mosteiro rural. Poucas origens... de São Bento, Monte Cassino é muito distante numa região rural (...) e nós fomos a Vila Velha que nos foi oferecido. Não pudemos é permanecer porque é um parque estadual. Enfim, aí conseguimos adquirir... o lugar onde nós estamos, onde o mosteiro está construído. Já na época, achávamos que a cidade ia se expandir e crescer, que é o que acontece, é que nós ficaremos num bairro. É o que está acontecendo. Nós não temos absolutamente nada contra um bairro, enfim, mas a forma de vida monástica muda. É, então nós dizemos assim, para não mudar de ideal, vamos mudar de local, né? E aí decidimos, decidimos, já tem mais de 10 anos essa decisão, mas nós não tínhamos ainda condições de dar o primeiro passo. Até o dia que Deus permitiu, por isso escolhemos esse local, (...) que é bastante preservado e de maneira que o motivo pelo qual nós estamos construindo é esse, né? Manter o ideal. (Apêndice H).

O esforço de construção do novo mosteiro é motivado pela estética de Monte Cassino, a qual combina a arquitetura com o contato com a natureza. Essa estética é marcada, em primeiro plano na visão destes monges, pela vida rural, comparável ao

bucolismo. Esse afastamento da cidade propiciaria a aproximação com o divino.

Exatamente, é... a área propícia para isso, muito propícia [para aproximar-se de Deus]. E se o bom Deus permitir, nós temos um projeto, não vamos fazer um monumento assim, né? Porque nem temos condições, mas a gente quer fazer um mosteiro tradicional. (...) São séculos que os monges fazem mais ou menos o mesmo estilo. (...) É bonito. A beleza faz parte da vida. É muito importante, inclusive para o encontro com Deus. (Apêndice B).

A arquitetura e o espaço do mosteiro remetem a outro aspecto tradicional: a recepção dos hóspedes. Tanto que esse é um dos critérios para a escolha do local do novo mosteiro, conforme se afirma o seguinte:

Olha, nós criamos, é o critério. Era muito simples: distante, mas com fácil, de fácil acesso. Nós não queremos um lugar onde as pessoas não cheguem. Nós queremos que as pessoas venham mosteiro, mas a relativa distância para que quem vive no urbano é exatamente né? Na, na cultura urbana, possa ter uma alternativa. (Apêndice H).

A recepção dos viajantes é preconizada como tradição monástica na própria Regra de São Bento, capítulo 53: “Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro, sejam recebidos como o Cristo” (São Bento, 2013, p. 99). Assim, se legitima no pensamento desses monges os esforços para aumentar a capacidade de recepção dos hóspedes. O mosteiro é um espaço religioso, mas ele deve ser também um espaço aberto e de acolhida não só para quem professa a fé católica (Apêndice C).

O mosteiro... mosteiro beneditino, sobretudo, é um lugar, na Igreja onde nós vivemos como consagrados e onde homens e mulheres, não só católicos, mas homens e mulheres de boa vontade podem entender, participar da nossa vida através das orações que nós rezamos, dos Salmos e também do silêncio que o mosteiro oferece. O mosteiro beneditino é um lugar de acolhida, antes de mais nada. (Apêndice I).

Porém, essa acolhida não se justifica apenas por si mesma. A evangelização, missão da Igreja, ocorre dentro do mosteiro sendo essa uma das funções da hospedaria (Apêndice J). Dessa forma, poderíamos compreender que o mosteiro estaria a serviço da evangelização para todos aqueles que, de algum modo, são atraídos para ele. Nesse ponto, é preciso observar que a arquitetura tradicional se revela como um chamariz. Podemos analisar essa situação a partir dos conceitos de tática e estratégia propostos por Michel de Certeau.

Michel de Certeau faz uma crítica sutil à redução dos sistemas de poder à simples reprodução dos sistemas de dominação. Ao propor as noções de “táticas” e “estratégias”, destaca a capacidade inventiva dos indivíduos, na tentativa de revelar a astúcia dos consumidores que, longe de serem passivos, criam o novo ao consumirem. Assim, sua síntese intelectual não configura um discurso, mas a astúcia de estar onde ninguém espera. As

táticas manifestam que a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem, sob os cálculos objetivos, a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (Zulian, 2009, p. 57).

O historiador define estratégia do seguinte modo:

Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um próprio', isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (Certeau, 1998, p. 99)

Consequente, define táticas nas seguintes palavras:

Chamo de táticas a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...]. A tática não tem lugar senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento 'dentro do campo de visão do inimigo', [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera, golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as 'ocasiões' e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. (Certeau, 1998, p. 100).

A atração que o mosteiro exerce sobre seus visitantes está ligada à própria sobrevivência da instituição, portanto seria uma tática conforme definimos acima. Não entendemos essa sobrevivência apenas em seu aspecto material, mas principalmente no objetivo central do Mosteiro da Ressurreição que é fazer permanecer viva uma tradição (ou a representação da mesma). Assim, muitas de suas práticas acabam girando em torno da noção de que estes monges representariam a tradição beneditina. É nesse sentido que afirmamos que receber os hóspedes acaba por fundamentar a identidade monástica destes religiosos, e, portanto, confere sentido à essas práticas e, ao mesmo tempo, ampliando sua influência no campo religioso e, assim, se configurando como uma estratégia.

A arquitetura e a localização geográfica são apenas um dos aspectos que, através da arte, carregam a manifestação de sua identidade monástica. Não podemos deixar de analisar outras manifestações, pois dificilmente poderíamos separar a identidade monástica de sua expressão artística. Por exemplo, a obediência é considerada uma arte (Apêndice A), e seria a maior dificuldade ao ser comparada com

a castidade. O monge é aquele que aprende a obedecer ao Abade e à Regra de São Bento, conforme a leitura de seu superior. Para outro monge, a iconografia é extremamente tradicional:

Aquilo que nós, eu costumo fazer uma distinção muito grande, Tradição com T grande, né? Um T maiúsculo e uma tradição com T minúsculo, né? Pela tradição, com T minúsculo, não vale a pena dar a vida, né? Mas pela Tradição, eu acho, a arte tradicional é essa, digamos, vale a pena consagrar uma vida. E ali nós usamos uma iconografia tremendamente tradicional. (Apêndice C).

Nessa mesma entrevista, o monge em questão fala que a arte contemporânea perdeu o senso do Sagrado. Nesse sentido, podemos pensar que a arte é vista neste mosteiro como uma hierofania, conceito que podemos compreender do seguinte modo:

De acordo com Eliade em cada experiência religiosa veremos que a linha divisória entre o sagrado e o profano é fundamental, mas é sempre fixada empiricamente pelo homem e pode ser modificada. Assim o sagrado é antes de tudo um fato (...). O sagrado é real, eterno e eficaz. O homem conhece o sagrado porque ele se manifesta, mostra-se diferente. A hierofania é o ato de manifestação do Sagrado. (Andrade, 2013, p.19-20).

O sentido de hierofania pode ser captado nas minúsculas da fala desse monge, revelado pela análise do discurso. Existe um peso a ser considerado quando se trata de “dar a vida”, uma vez que o sacrifício é um valor evangélico (como se expressa em João 15, 13, por exemplo). Só é possível pensar em dar a vida pela Tradição, grafada propositalmente com T maiúsculo, quando ela possui uma natureza divina. Nesse sentido, nesta visão monástica, a arte tradicional seria a única capaz de ligar-se à divindade. Vejamos como em outra fonte é ligada a iconografia à oração:

Eu já gostava muito de desenhar desde criança mas quando cheguei no mosteiro eu me deparei com a iconografia que era algo que eu não conhecia já tinha visto alguma coisa mas não... não me chamava a atenção eu percebo que a iconografia surgiu na minha vida junto com a vocação monástica minha vida no mosteiro me atraiu para a iconografia e vice versa, porque a iconografia é a oração e oração com a palavra de Deus e o monge dentro do mosteiro ele é um homem impregnado da palavra de Deus não pintar ícones e pintar a palavra de Deus. (Apêndice F).

A iconografia está ligada ao chamado, ou seja, à afetividade que une estes monges numa mesma comunidade emocional. A arte faz parte do sentimento que guiou este monge em específico até a vida monástica no Mosteiro da Ressurreição. É através do desenho que vive a sua identidade monástica. Poderíamos dizer, então, que a identidade do monge no Mosteiro da Ressurreição é artística e se manifesta de

diversos modos: música, arquitetura, obediência e iconografia. Em síntese, ser monge é ser um artista. Manter viva esta *ars vivendi* justifica os esforços para que a localidade do mosteiro seja mais tradicional possível, como já afirmamos anteriormente.

D. André afirma que é preciso mudar de local para não mudar de ideia, uma expressão bastante significativa conforme as análises que procedemos. É interessante como esse retorno ao Parque Estadual da Vila Velha também soa com o retorno às origens, conforme afirmado nesta mesma fonte.

Aqui podemos perceber a repetição de um movimento: o grupo fundador saiu de São Paulo com o objetivo de voltar à vida beneditina tradicional. Atualmente, o grupo busca voltar ao distrito de Itaiacoca como forma de restabelecer o estilo de vida monástico que foi idealizado anteriormente, pois o espaço geográfico não mais possibilitaria esta forma de viver. Ou seja, nesse contexto, o retorno ao Parque Estadual da Vila Velha, em Itaiacoca, que está planejado para um futuro próximo é significativo, pois representa um retorno às origens e à vida beneditina tradicional. A busca por um estilo de vida monástico mais autêntico leva o grupo a voltar ao distrito de Itaiacoca, buscando restabelecer a forma de viver idealizada inicialmente. Esse movimento de retorno às origens é visto como uma forma de preservar a tradição e a identidade monástica.

Esse retorno às fontes também está preconizado nos objetivos do Concílio Vaticano II. Como veremos adiante, essa questão de retorno ao passado ocorre, ao olharmos historicamente, de forma paradoxal. Ao mesmo tempo que não é possível apropriar-se totalmente do passado, pois este é incompatível com o contexto social presente, é essa leitura deste passado que orienta a vida monástica. Podemos perceber esse paradoxo ao analisar um signo que se repete na história destes monges: a rebeldia.

### 3.4 “*Eram chamados bons rebeldes*”: O signo da rebeldia

No tópico anterior, demos bastante ênfase no discurso tradicionalista dos monges do Mosteiro da Ressurreição. Esta ideia pode ser entendida de uma forma bastante contraditória, pois uma de nossas hipóteses principais repousa sobre esse signo da rebeldia. A identidade monástica deste grupo teria se constituído a partir de uma série de monges rebeldes, iniciando por Grégoire Lemerrier na década de 1960. Dessa forma, nossa principal percepção sobre a identidade monástica destes monges

seria a sua “tradição rebelde”. Seria essa tradição inventada?

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. (Hobsbawn, 2008, p. 9).

Ao que nos parece, as práticas que ocorrem na Abadia da Ressurreição se estabelecem em uma relação que é, ao mesmo tempo, complementar e contraditória com a identidade beneditina. Não podemos dizer que exista simplesmente uma ruptura com a Regra de São Bento, pois a proposta do mosteiro é viver de acordo com as orientações deste discurso, que possui origens medievais. Justamente pela questão da temporalidade, é impensável viver tal e qual os monges da Idade Média viviam. Portanto, uma ruptura se faz necessária em algum nível.

Historicamente, a Regra de São Bento é apropriada por esses monges. Isso significa que a leitura e interpretação da regra devem ser contextualizadas:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (Chartier, 2002, p. 24).

Chartier (2002) continua sua explanação se afastando da perspectiva da hermenêutica do sujeito universal e concorda com Norbert Elias que “coloca a descontinuidade fundamental das formações sociais e culturais, logo a das categorias filosóficas, das economias psíquicas, das formas de experiência” (Chartier, 2002, p. 25). Portanto, as apropriações devem ser compreendidas em sua historicidade, destacando que o ato de ler não é meramente transparente e independente das condições sociais em que essa prática ocorre.

Sendo assim, mesmo que haja uma continuidade a partir do texto da Regra de São Bento, não podemos entender que ela é lida e aplicada sem as intervenções históricas e sociais nas quais os monges da Abadia da Ressurreição se situam. A tradição é, portanto, “inventada” a partir da apropriação da identidade beneditina.

Dessa forma, é possível compreender como postulantes que gostariam de ser tradicionais foram vistos como rebeldes pelos seus superiores. Esse conflito de representações deixou marcas na história desse mosteiro e essas marcas também



são reinterpretadas de acordo com o contexto, como pode ser visto na seguinte fala de D. André:

Éramos chamados. (risos) Eram chamados bons rebeldes, até porque na época é... isso foi em 81. Nós usávamos calça jeans com uma jaqueta. Isso era, né? Imagina o monge usar calça jeans? Mas, enfim, nós éramos (...) chamados de rebeldes. E nós viemos com muita dificuldade do ponto de vista econômico, muito mesmo, e ficamos três anos no santuário de Vila Velha, aqui no parque estadual. (Apêndice H).

É importante destacar que esse adjetivo “bons” parece não corresponder com o conflito que ocorreu em 1981. Nesta entrevista e nos relatos históricos fica claro o desentendimento que existiu entre este grupo fundador e a Congregação Beneditina do Brasil. Assim, abre-se a pergunta: Quem os chamou de “bons rebeldes”? Provavelmente, essa característica foi autoatribuída e revela mais a visão dos monges sobre si mesmos do que uma visão externa.

Interessante apontar que nesta mesma fala, D. André aponta para o uso da calça jeans, a qual era socialmente ligada à própria rebeldia da juventude nas décadas de 1960 e 1970. Deste modo, manifestavam sua rebeldia inclusive na forma de se vestir. Houve diversas dificuldades que decorreram dessa rebeldia, impulsionadas pela própria representação de ser monge que o grupo carregava. Poderiam ter sido expulsos da ordem de São Bento, ao vir para Ponta Grossa passaram por dificuldades econômicas e ainda poderiam não ter sido aceitos pelo Vaticano após o período *ad experimentum*.

O valor desta rebeldia pode ser analisado por aquilo que estava em jogo nesse momento, como se dissessem que ou seriam monges rebeldes ou não seriam monges, vivendo essa contradição intrínseca (“bons” rebeldes vs. risco de não ser aceito). É preciso destacar que, quando o grupo fundador saiu de São Paulo, teria recebido a benção do Abade daquele mosteiro (o mesmo que não havia concordado com as reuniões lideradas por D. Lucas). Porém, as portas teriam se fechado e eles não poderiam retornar ao Mosteiro de São Bento: “Entendo, ele tinha que tomar a sua posição em relação à comunidade na qual ele comandava, né? Então ele nos disse, está muito bem, eu dou a benção, vocês vão, mas não há retorno” (Apêndice I).

Mas essa não seria a única peculiaridade rebelde deste grupo. O canto gregoriano em português, como uma invenção nova, é visto como uma característica desse grupo, conforme se afirma:

É exatamente, mas tinha uma peculiaridade, porque nós começamos a musicar e a compor é... em português, não é? Com a melodia gregoriana, quer dizer, nós respeitamos o modo gregoriano, mas na língua portuguesa. Eu tinha visto isso na Alemanha, tinha visto isso é na Holanda, sabe? Na Espanha, então, pensar “mas, por que que em português não podemos fazer?”, não é? E aí começamos e temos esse trabalho, é praticamente trinta anos já fazendo, não é? (Apêndice H).

Podemos rastrear a origem histórica desta prática nas experiências que o abade teve na Europa. Essa experiência é narrada em algumas fontes, conforme vimos na citação abaixo.

E quando terminou ofício de vésperas, eu perguntei à sacristã. E ela me disse: “olha, tem um monge da abadia de [inaudível] que compõe em gregoriano e compõe texto para melodias do hinário do gregoriano tradicional. E aí eu pensei, se em alemão é possível, em português, muito mais sendo a língua é neolatina mais nova, não é? (Apêndice L).

Parece que temos uma repetição nesta narrativa. D. André narra que sua decisão para ser monge surgiu quando entrou na igreja e ouviu os monges beneditinos cantando o Ofício das Vésperas. Agora, novamente no ofício de vésperas, ele ouve monges cantando o canto gregoriano em alemão e tem sua epifania: se é possível cantar em alemão, porque não em português? Nesse momento, se posiciona também de maneira ambígua em relação à tradição, pois o canto gregoriano deveria ser cantado em latim. Ao alterar a língua em que se canta, mas mantendo as normas de composição do canto, ao mesmo tempo em que perpetua a tradição, também a altera.

Percebemos aqui a característica que configura, de uma forma que nos parece mais significativa, a contradição da identidade monástica destes religiosos. Ao mesmo tempo que refletem a regra beneditina, apropriam-se dela conforme seu contexto histórico, e produzem uma identidade nova. Em outro momento (Apêndice D), é afirmado que a vida no Mosteiro da Ressurreição é uma forma de viver a tradição beneditina alternativa no Brasil. É interessante apontar que D. André confirma o signo da rebeldia. Quando o entrevistador chama o Abade de rebelde por querer mudar a localização do mosteiro, ele apenas consente (Apêndice H).

O último tópico que queremos apresentar nesta sessão é que, ao ser questionado sobre o nome do mosteiro, um monge responde que a razão pela qual o mosteiro recebeu o nome do mistério da ressurreição é devido a uma tradição encontrada em mosteiros antigos, especialmente os orientais (Apêndice L). Esses mosteiros costumavam receber como título um mistério da fé, seja dedicado a Virgem Maria, a um santo específico ou a um mistério da fé em si. No momento da fundação

do Mosteiro da Ressurreição, a maioria dos mosteiros brasileiros já existentes tinha um padroeiro santo, geralmente São Bento. Portanto, eles teriam decidido dar ao seu mosteiro o título do mistério central da fé cristã, que é a Ressurreição. Pois, a ressurreição é considerada o mistério central da fé cristã, o evento em que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, simbolizando a vitória sobre a morte e a promessa da vida eterna.

Entretanto, a partir de pesquisas anteriores que já apontamos, sabemos que D. Lucas escolheu o nome “Mosteiro da Ressurreição” como forma de homenagem ao Mosteiro de Nossa Senhora da Ressurreição, fundado por D. Lemercier. Essa informação é ocultada em diversas fontes. Estariam os monges querendo ressignificar esse símbolo da rebeldia. Lemercier foi de fato monge rebelde que afrontou diretamente o Santo Ofício e renunciou aos seus votos monásticos no final da década de 1960. Portanto, poderíamos pensar que o próprio signo da rebeldia também foi apropriado e trabalhado pelo atual Abade para que pudessem se adequar as condições históricas atuais da Igreja Católica. Porém, em nossa análise, este modo de proceder apenas reforça o quanto o signo da rebeldia é importante para a identidade desses monges, pois o encontramos em muitas de suas práticas principais, desde o nome do mosteiro, no canto neogregoriano e na própria visão que eles buscam apresentar ao mundo externo.

### *3.5 A identidade monástica: uma síntese*

Buscamos demonstrar que os monges do Mosteiro da Ressurreição apresentam uma identidade monástica caracterizada por elementos de rebeldia e apropriação da tradição beneditina. Embora busquem viver de acordo com as orientações da Regra de São Bento, reconhecem implicitamente a necessidade de uma ruptura em relação ao modo de vida dos monges da Idade Média.

Essa tradição pode ser considerada “inventada” devido às intervenções históricas e sociais que influenciam a interpretação da regra pelos monges. Eles são vistos (ou se intitulam) como “bons rebeldes”, um adjetivo que revelaria sua visão interna e a contradição intrínseca da sua identidade.

Uma das peculiaridades “rebeldes” do grupo é o canto gregoriano em português, que é uma invenção nova dentro da tradição beneditina. De fato, oferecem uma vida beneditina alternativa no Brasil. Essa prática foi inspirada pelas experiências

do abade na Europa, onde percebeu que era possível cantar em outras línguas além do latim. Ao manter as normas de composição do canto gregoriano, mas alterar a língua, os monges perpetuam e alteram a tradição ao mesmo tempo. Essa contradição é uma característica marcante da identidade monástica desses monges.

Além disso, o nome do mosteiro também carrega significados “rebeldes”. Enquanto a tradição oriental inspirou a prática de dar aos mosteiros o título de um mistério da fé, como homenagem ao Mosteiro de Nossa Senhora da Ressurreição fundado por D. Lemercier, a escolha desse nome também ressignifica o símbolo da rebeldia. Lemercier foi um monge rebelde, de fato, que desafiou o Vaticano e renunciou aos seus votos monásticos, tornando-se uma figura importante na história do mosteiro, mesmo que sua memória tenha sofrido uma possível tentativa de apagamento.

Também, o Mosteiro da Ressurreição pode ser entendido como uma comunidade emocional, onde os monges compartilham laços afetivos profundos e uma experiência coletiva de busca espiritual. A vida monástica é caracterizada por uma intensa proximidade entre os membros, que vivem em um ambiente fechado e se dedicam a uma rotina de oração, trabalho e convivência. Nesse contexto, a comunidade emocional do mosteiro se estabelece a partir de uma experiência “misteriosa” de chamado, a qual só pode ser descrita em termos afetivos.

A vida monástica é permeada por uma atmosfera de recolhimento e silêncio, que favorece a introspecção e a busca por uma conexão mais profunda com o sagrado. A prática da oração em conjunto também desempenha um papel importante na construção da comunidade emocional do mosteiro. Através do Ofício Divino, os monges se uniram em um mesmo propósito, buscando a elevação espiritual e a comunhão com o divino. Esse ritual coletivo, o qual ocorre de forma permanente em seu cotidiano, cria um sentimento de pertencimento e fortalece os laços emocionais entre os membros da comunidade.

## Considerações finais

No final desse percurso é possível pensar que, ao pesquisarmos a identidade dos monges da Abadia da Ressurreição, acabamos por estudar uma parte da história de uma representação, que é a de monge beneditino em nosso contexto específico. Essa representação é milenar, uma vez que inicia nos primórdios da Idade Média e sobrevive até os dias de hoje.

Apesar disso, ela é reinventada de forma bastante original em Ponta Grossa. Assim, essa representação sofre os efeitos da passagem do tempo, como o quase ocultamento da relação entre o mosteiro mexicano de Cuernavaca com o Mosteiro da Ressurreição de Ponta Grossa.

Essa relação vai além da mera repetição do nome. O que vemos é que essa relação produz, às vezes de forma bastante inconsciente, um “ato sintomático” que se traduz com o significante de “rebeldes”. Afinal de contas, todos os monges que assumiram a frente desses mosteiros tiveram seus momentos de rebeldia: Lemercier contra o Santo Ofício; D. Lucas contra o abade de São Paulo e contra a própria Congregação Beneditina Brasileira; D. André contra o projeto “secularizado” de D. Lucas.

Podemos inclusive propor que o priorado de D. Lucas representou uma ponte entre a identidade atual da Abadia da Ressurreição e o mosteiro de Cuernavaca. Esse elo foi quase apagado da história, se não fosse por uma tênue ligação apresentada em uma de nossas referências (Brandellero, 2011, p. 95). Assim pudemos analisar uma das possíveis origens dessa identidade monástica, que combina, harmonizando de seu modo, a rebeldia do grupo original com a tradição beneditina.

Assim, o que percebemos também é que a luta pela Tradição legitima a rebeldia dos monges. Todos eles se rebelaram pela luta em favor de manter a Tradição viva dos monges beneditinos, procurando representar em suas práticas o que compreendem pela vida monástica tradicional. Essa aparente contradição, talvez possamos propor dessa forma, é o que dá vida às suas práticas monásticas.

É curioso perceber que, com o abadiado de D. André, o Mosteiro da Ressurreição, mesmo com seu canto gregoriano em português, passa a ser um exemplo de espaço tradicional da Igreja Católica. Dessa forma, sob sua liderança, o tradicional é reinventado.

Essa “tradição rebelde” se expressa principalmente no uso do vernáculo do

canto neogregoriano, na tradução das orações e dos salmos, na recepção de hóspedes de todas as religiões, desde que possuam “boa vontade”. Enfim, o que percebemos é uma reinvenção da tradição beneditina, que conserva elementos, como a salmodia e o Ofício Divino, mas ao mesmo tempo insere os elementos novos, como o uso da tecnologia e das redes sociais, como parte de vida do mosteiro. Podemos compreender essa prática como táticas e estratégias que possibilitam a continuidade de sua existência.

Por fim, podemos propor que, mesmo rompendo várias vezes com diversas instituições dentro da Ordem de São Bento, jamais rompem com a Santa Regra. Porém, ela é recebida e apropriada dentro do próprio contexto histórico que esses monges habitam. Desta maneira, transforma e são transformados por eles, assim como repetem elementos que são, simultaneamente, novos e velhos. Em última análise, podemos dizer, com as diversas significações que a expressão pode adotar, que a identidade monástica desses religiosos é a dos “bons rebeldes”.

## Referências

- ANDRADE, S. R. História das Religiões e das Religiosidades: uma breve introdução. In: MARANHÃO FILHO, E. M. de A. (org.). **(Re)conhecendo o sagrado**: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- ARAÚJO, A. de. **Dos livros e da leitura no Claustro**: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). 2008. 343 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.
- ARAÚJO, R. T. de. **Deus analisado**: os católicos e Freud: a recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- BARROS, J. D. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, J. D. (Org.). **História Digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- BASCHET, J. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Tradução de M. Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BETTENCOURT, E. T. **Curso de História da Igreja por correspondência**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, [20--].
- BRANDELLERO, N. de F. **Ser monge na “Era do Vazio”**: um estudo do Mosteiro da Ressurreição e sua mensagem de felicidade na sociedade pós-moderna. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BURNS, E. M. **História da Civilização Ocidental**. Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.
- CARNEIRO, A. N.; LAITANO, B. G.; YouTube como fonte histórica: uma proposta de metodologia. In: BASSO, Alana et al. (Org.). **Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, v., p. 239-247.
- CARVALHO, J. M. A nova historiografia e o imaginário da República. **Anos 90**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 11–21, 1993.
- CASTELLS, M. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª. ed. Portugal: DIFEL, 2002.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, 11 (5), p.173-191, 1991

CHAVES, N. B. *Ora et Labora*. In: CHAVES (org.), Niltonci Batista. **Visões de Ponta Grossa: Mosteiro da Ressurreição, 25 anos**. Curitiba: Pós-escrito, 2006.

COSTA, L. T. A. *La fundación del Monasterio de la Resurrección*. **Cuadernos Monásticos**, vol. 58, jul-set, 1981. Disponível em: < [https://www.surco.org/sites/default/files/cuadmon/disponible\\_disponible-forma-gratuita/cuadernos-monasticos-58-2604.pdf](https://www.surco.org/sites/default/files/cuadmon/disponible_disponible-forma-gratuita/cuadernos-monasticos-58-2604.pdf) >. Acessado em: 15 mar. 2023.

DIAS, G. J. A. C. **Quando os Monges eram uma Civilização... Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo**. Porto (Portugal): Afrontamento, 2011.

DENIPOTI, C; JOANILHO, A. L.; LOPES, I. C. **Teoria da história IV**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

D'PONTA. FOTOS: Veja como estão as obras do novo Mosteiro da Ressurreição e saiba como você pode ajudar a concluir a construção, **Revista D'Ponta**, Ponta Grossa, 18 de mai. De 2021. Disponível em: <https://dpontanews.com.br/cultura/fotos-veja-como-estao-as-obras-do-novo-mosteiro-da-ressurreicao-e-saiba-como-voce-pode-ajudar-a-concluir-a-construcao/>. Acesso em: 26 de jun. de 2021.

FARAH, K. F. G. **Sob a luz da Regra de São Bento: Práticas e Suportes no Mosteiro de São Bento de Olinda (1778 – 1786)**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em História), 2017.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In FREUD, S. **Obras completas – Vol. 10**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In FREUD, S. **Obras completas – Vol. 16** Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In FREUD, S. **Obras completas – Vol. 15**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Glaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBSBAWN, E. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante.



6ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

LEMERCIER, G. **Psicanálise e Religião**. Tradução de Glória Vilella e Luiza Barreto Leite. Rio de Janeiro: Editora Brasília/ Rio, 1977.

FERREIRA, A. A. L. O múltiplo surgimento da Psicologia. JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Org.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIMA, M. C. de. **Breve História da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LITMANOVICH, J. A. A experiência psicanalítica no mosteiro beneditino de Ahuacatitlán Cuernavaca-Morelos, no México (1961-1967). In: JACÓ-VILELA, A. M., and OLIVEIRA, D.M., orgs. **Clio-Psyché: discursos e práticas na história da psicologia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indurski. Campinas: UNICAMP, 1997.

MAINWARING, S. **Igreja Católica e a política no Brasil**. Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANZANARES, C. V. **Dicionário de Patrística**. Tradução de Francisco Costa. Aparecida: Editora Santuário, 1995.

MARTINS, A. **Eis o servo fiel e prudente: a vida de São Bento: comentários aos II diálogos de São Gregório Magno**. Ponta Grossa (PR): Mosteiro da Ressurreição, 2020.

MATOS, H. C. J. **Introdução à História da Igreja**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997.

MENDES, J. P. **Congregação Beneditina do Brasil**, 1997. In: MOSTEIRO DA VIRGEM. Disponível em: <https://www.mosteirodavirgem.com.br/congregacao-beneditina-do-brasil/>. Acessado em 09 de novembro de 2022.

PINA, M. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. **Élisée – Revista de Geografia da UEG**, v. 4, n. 1, p. 213-218, 28 jul. 2015.

SANCHIS, P. As tramas sincréticas da história. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 28, p. 123-130, jun. 1995a.

SANCHIS, P. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)**. Petrópolis: Vozes-CEHILA, 1995b.

SCHACTAE, A. M. Mosteiro da Ressurreição na representação de um monge. **Rever**

(PUCSP), PUC São Paulo, v. 3, p. 108-131, 2003.

SCHACTAE, A. M. **O ser monge no Mosteiro da Ressurreição: práticas e rituais (1981-2000)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação (Mestrado em História), 2002.

SILVA, K. V. SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WALDENFELS, B. Michel Foucault – saída do pensamento. In: FLEICHER, M. (org.). **Filósofos do século XX**: uma introdução. Tradução de B. Dischinger. São Leopoldo (RS): Editoras UNISINOS, 1996.

ZULIAN, R. W. **Entre o *aggiornamento* e a solidão**: práticas discursivas de D. Antônio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa- PR (1930-1965). 2009. 429p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

## Apêndice A - Mosteiro da Ressurreição - Globo Repórter de 1995

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Mosteiro da Ressurreição - Globo Repórter de 1995
<b>Autor:</b>	Rede Globo
<b>Canal:</b>	Arilson Medim
<b>Upload:</b>	17/11/2009
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=xIE2QpTIQdc">https://www.youtube.com/watch?v=xIE2QpTIQdc</a>
<b>Acesso:</b>	20/12/2022
<b>ABNT:</b>	ARILSON MEDIN. Mosteiro da Ressurreição - Globo Repórter de 1995, 17 nov. 2009. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=xIE2QpTIQdc">https://www.youtube.com/watch?v=xIE2QpTIQdc</a> >. Acesso em 20 dez. 2022.

**Narrador:** Fundado quatorze anos atrás em Ponta Grossa, interior do Paraná, o Mosteiro da Ressurreição vive das vozes dos seus vinte monges.

Eles já gravaram três CDs de canto gregoriano. Música que, desde o ano quinhentos, é uma espécie de canto oficial da Igreja Católica. [Inaudível] tem permissão para assistir as mais melodiosas orações.

Viver a vida cantando. Seria bom, mas as regras são claras. *Ora e labora*. Trabalhar pelo menos oito horas por dia. O mosteiro também se sustenta com a fabricação de velas e das abelhas, o mel dos monges.

O dinheiro mantém a comunidade. Da horta e da criação de pequenos animais sai parte do que é servido nas refeições. Jovens ativos ainda aprendendo a cultivar o hábito da contemplação. Como conter o fogo da juventude numa vida de reclusão?

**Repórter:** Você quando era rapaz você namorava?

**Irmão Pacômio:** Namorava.

**Repórter:** Namorou muito?

**Irmão Pacômio:** Namorei sim.

**Repórter:** É mesmo?

**Irmão Pacômio:** Namorei.

**Repórter:** E você gostava de namorar?

**Irmão Pacômio:** Gostava. Claro. Claro que eu gostava.

**Repórter:** E você chegou a se apaixonar por alguma de suas namoradas?

**Irmão Pacômio:** Cheguei a me apaixonar sim. Bastante.

**Repórter:** Foi a sua última namorada?

**Irmão Pacômio:** Não, não. Namorei com várias, né? Mas essa é que ficou... até hoje tenho uma remota lembrança dela, né?

**Repórter:** Tem?

**Irmão Pacômio:** Mas... sim tem. Mas eu quero todo bem pra ela. Hoje... engraçado como Deus faz as coisas. Tive um pensamento de... de luxúria. Por exemplo, né? E hoje eu tinha um pensamento de luxúria e pensei em Jesus Cristo. Muito maior do que esse pecado, muito maior do que esse pensamento é a misericórdia de Deus. Aí fugiu.

**Dom Ruberval:** Apesar de todo mundo achar que a maior dificuldade é acordar cedo, é a castidade, é... eu acho, depois de doze anos, que é a obediência, porque renunciar as próprias vontades é uma arte que a gente tá sempre aprendendo de novo e cada... sempre experimentando a alegria, a liberdade que brota daí, mas também enfrentando o suor e o sangue que isso custa.

**Narrador:** A mais bela voz nasceu há vinte e oito anos no Rio Grande do Norte. Foi criada no bairro de Vigário Geral no Subúrbio do Rio. Tem oito irmãos, já trabalhou como auxiliar de contabilidade. Formou-se em Filosofia. Eurrêdo Souza foi menino de desprezar jogo de bola. Seis anos atrás apenas com a roupa do corpo decidiu louvar à Deus na Ressurreição.

**Repórter:** Você gostava de cantarolar outra música sem ser sacra?

**D. Eurrêdo:** Gostava, sim... as músicas da moda, as músicas correntes...

**Repórter:** Qual é a música que você mais gostava?

**D. Eurrêdo:** É Sampa. É Super Homem.

**Repórter:** Tenta lembrar um pedacinho pra mim.

**D. Eurrêdo:** (cantando) Um dia vivia a ilusão de que ser homem bastaria que o mundo masculino tudo me daria...

**D. André:** Eu me lembro perfeitamente que a primeira vez que eu cheguei no mosteiro e os monges cantando o Ofício com toda uma solenidade própria. Eu não tive mais dúvida e achei que meu local era ali. Nunca duvidei disso.

**Narrador:** Consagrar e oferecer a Deus. As mãos que erguem a Hóstia Sagrada criam painéis, santos e traços de artes espalhados pelo mosteiro. A voz que entoia o canto gregoriano se harmoniza com as mãos na arte da fé. Monge formado em Teologia Oriental, o paraense Ruberval Monteiro busca na serenidade do ateliê símbolos e sentidos que traduzam o cristianismo.

**D. Ruberval:** Quando eu tava pintando na capela, os irmãos participaram muito da... da pintura, né? Então isso é uma riqueza, por um lado e é também um limite por outro, porque qualquer opinião, qualquer gesto de aprovação, desaprovação, não deixa de

ferir o artista sobretudo no momento que ele tá pintando, porque a sensibilidade tá assim toda a flor da pele, né?!

**Repórter:** E que dúvida você carrega?

**D. Ruberval:** Olha, eu carrego várias dúvidas. A minha dúvida é sempre essa, mas será que eu vou manter esse entusiasmo sempre, né? Será que eu não vou envelhecer amargamente ou tristemente e tudo mais?

**Repórter:** E incerteza?

**D. Ruberval:** Olha eu responderia com... com João Guimarães Rosa que ele dizia que a vida é feita de umas poucas certezas e muitos dá-se um jeito, né? Então eu carrego pouca certeza, né? Uma certeza que eu carrego profundamente é o amor de Deus.

**Narrador:** Baiano, 24 anos de idade. Irmão Pacônio descobriu aos 17 que era o único entre dez irmãos que admirava padres e ladainhas. Pacônio fugia de casa para assistir à missa em Salvador, cidade onde nasceu. Deixava a namorada para acompanhar procissões. Um dia reuniu coragem e anunciou aos pais. Ia ser monge.

**Irmão Pacônio:** Eu fiz 17 anos, eu resolvi que seria religioso. Falei aos meus pais, tudo bem. Mas não pude entrar porque eles, assim, me impediram um pouco mesmo.

**Repórter:** Eles quem?

**Irmão Pacônio:** Meus pais eles não eram de acordo que eu entrasse na religião.

**Repórter:** Ah é? Que que eles diziam?

**Irmão Pacônio:** Eles diziam que que não era pra mim.

**Narrador:** Nós fomos encontrar nos Passos de Teixeira, cidadezinha uma hora de Salvador. Os sergipanos Edson, agricultor de 60 anos e dona Maria Anália, a mãe carola que pediu a Deus para o filho não inventar moda. Depois de dois anos eles reveem na fita de vídeo o filho vestido de monge e falando da batalha vencida.

**Irmão Pacônio:** Você faz o que quer na sua vida... Você já é homem. Agora minha mãe dizia você não vai nem por cima do meu cadáver. Ela falava assim comigo. Você não entra.

**Repórter:** A senhora não queria que ele fosse padre de jeito nenhum?

**Maria Amália:** Dizia não e ele dizia, minha mãe se prepara. Ele bateu assim no meu coração porque tem a tensão alta. Minha mãe se prepare que eu vou-me embora. Meu filho não faça isso. Vou minha mãe.

**Repórter:** Nesses dois anos eles na cabeça de vocês.

**Irmão Pacônio:** Você... você não, você não tem condição, você não vai entrar, que não sei o que, você não tem vocação com Deus. Mas eu que fui perseverante e entrei,

né? E no momento que eu estava entrando minha mãe falou assim, meu filho eu fiz de tudo pra você não entrar, né? Eu lhe xinguei, eu maltratei, eu fiz de tudo, né? Mas se você realmente está com esse, com esse sentimento, né? E com essa vontade de entrar pra vida religiosa, porque realmente é uma coisa de Deus. Eu ainda vou lhe ajudar. Ela ainda foi me levar pro convento.

**Repórter:** E você ouviu seu irmão?

**Maria do Socorro:** Aí a única coisa que eu posso dizer eu estou com muita saudade. Não aguento nem falar.

**Irmão Pacômio:** [inaudível]. Eu digo assim pra ela... eu posso dizer assim pra ela que realmente eu sou livre e posso dispor da minha liberdade pra servir a Deus.

## Apêndice B - Léo Visita - Mosteiro da Ressureição

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Léo Visita - Mosteiro da Ressureição
<b>Autor:</b>	Léo Passeti
<b>Canal:</b>	TVM PontaGrossa
<b>Upload:</b>	15/11/2011
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=i0t7hVmvohc">https://www.youtube.com/watch?v=i0t7hVmvohc</a>
<b>Acesso:</b>	09/01/2023
<b>ABNT:</b>	TVM PONTAGROSSA. Léo Visita - Mosteiro da Ressureição. 15 nov. 2011. Disponível em < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=i0t7hVmvohc">https://www.youtube.com/watch?v=i0t7hVmvohc</a> >. Acesso em 09 jan. 2023

**Léo Passeti:** Nós estamos hoje numa região que a gente quer mostrar para vocês em primeiríssima mão, com exclusividade, porque aqui, eu tenho certeza, que será o grande ponto do turismo religioso do Paraná.

Porque? Porque nessa região, que a gente vai mostrar para vocês, é que estará sendo construída em breve o novo Mosteiro da Ressureição, que como vocês sabem que havia aquela ideia dos nossos queridos monges saírem de Ponta Grossa ou não saírem de Ponta Grossa e, felizmente, o destino ou ajuda de Deus permitiu com que eles ficassem. Decidido está que eles fiquem.

Então, essa área fica localizada no Passo do Pupo, na entrada do Biscaia, uns 25, 30 km de Ponta Grossa, mais ou menos. Uma estrada razoavelmente boa, até boa, por sinal, não razoavelmente boa, mas boa e aqui mesmo, nem estando mosteiro, a gente já respira paz. É só você dar uma olhada nessa calma e nessa tranquilidade aonde parece que nem as águas se movimentam, aonde parece que toda a natureza vive. Nesse momento de paz.

E esse momento de paz que tenho certeza, você vai encontrar, e vai perceber e entender, porque, de repente, os monges escolheram este lugar. Porque o canto gregoriano quando aqui cantado, será colocado para todos neste vale maravilhoso. Será colocado para toda essa maravilha da natureza, porque eu acho que Deus, quando os colocou, quando os decidiu, decidiu que eles viessem para Ponta Grossa, saberia que cedo ou tarde, eles poderiam sim, estar nesse momento, nesse pedaço de paraíso e nós vamos encontrar com o nosso anfitrião, que é o nosso querido Dom Bento, que está aqui com a gente. Ele está aqui dando uma olhada e pensando que nós já estávamos conversando com ele e pensando, quanta coisa linda a gente vai fazer aqui, né, meu querido? Tudo bem?

**D. André:** Tudo.

**Léo Passeti:** Muito obrigado por nos receber aqui nesse momento que a gente quer participar e partilhar com os ponta-grossenses. Primeiro a alegria de sabermos que vocês não vão mais embora. Isso para a gente já é um motivo de festejar e segundo por esse paraíso maravilhoso que aqui está.

**D. André:** É, de fato, um paraíso. Eu tenho que concordar que é um paraíso. É... certamente poucos lugares. É. Não conheço tantos, mas poucos lugares... é... no mundo. Os mosteiros foram construídos, como poderá ser aqui.

**Léo Passeti:** Agora, senhoras, meus amigos, telespectadores, senhoras e senhores, olhem ali, olhem aquela, aquele, aquela colina, aquele morro, aquela obra de Deus maravilhosa. Ali será então, a grande sede do mosteiro, é isso?

**D. André:** É. Então nosso projeto é fazer toda a construção. São praticamente 8 alqueires em cima desse morro. Nós pensamos fazer todo o mosteiro, mais a igreja. A hospedaria, né? O espaço para receber as pessoas e aqui essa área toda que nós estamos vendo que é uma área ampla, é... fazemos um espaço aberto para as pessoas virem aproveitar a natureza, a beleza, enfim.

**Léo Passeti:** E é assim, nesse, nesse construir ali que a gente vê que parece que Deus, colocou aquilo para ser construído mesmo essa..., vou deixar esse espaço, porque a gente já visualiza, embora eu saiba um pouquinho só do projeto, não muito, mas eu já visualizo ali é... construído, já visualiza.... Visualizo ali é a hora do canto gregoriano, na hora do cantar, parece que está mais próximo de Deus e até porque com essa imensidão que está à volta, a impressão que o canto vai chegar mais longe ainda e ecoará mais longe.

**D. André:** Exatamente, é... a área propícia para isso, muito propícia. E se o bom Deus permitir, nós temos um projeto, não vamos fazer um monumento assim, né? Porque nem temos condições, mas a gente quer fazer um mosteiro tradicional. Não é. São séculos que os monges fazem mais ou menos o mesmo estilo. É bonito.

**Léo Passeti:** Bonito, agradável.

**D. André:** Agradável. A beleza faz parte da vida. É muito importante, inclusive para o encontro com Deus.

**Léo Passeti:** Agora, aqui a gente vê que, como são 50, são 50 alqueires, isso?

**D. André:** 50 alqueires.

**Léo Passeti:** 50 alqueires. Então nós vemos que algumas baixadas, obviamente que pode ser... aproveitadas até para nós... Vemos que tem bastante água. Água, me parece ser uma algo em abundância nessa região.

**D. André:** Sei, é, temos muita água. Temos mata virgem que para nós até muito interessante para preservá-las. E também um projeto, fazer acesso a esses... esses lugares. Nós temos outros lagos lá embaixo...

**Léo Passeti:** Com trilhas? Aí aí vamos, vamos chegar até aqui mais um pouquinho mais próximo para a gente poder pegar umas imagens que nós vemos que aqui já tem os projetos de outros tanques e tal, mas aqui poderia se fazer, de repente, uma hospedaria... Aliás, a hospedaria vai estar lá em cima, mas aqui não poderia se fazer como, como não necessariamente assim, um hotel fazenda, com alguns chalés, ou então com uma espécie de um hotel que não para ter requerendo aquele luxo todo,



mas dando conforto às pessoas, porque eu acho que as pessoas, mesmo aqui de Ponta Grossa, vão estar querendo vir desfrutar um final de semana, uma semana inteira, de repente, aqui nesse contato direto com essa natureza que demonstra cada vez mais que Deus realmente é esse grande ser que nos deu tudo isso de presente.

**D. André:** É, nós temos projetos disso aí, né... de fazermos.... Nós não chamamos de chalé. Nossa expressão técnica é eremitério.

**Léo Passeti:** Olha que bonito é realmente quando a pessoa pode vir se sentir um pouquinho...

**D. André:** Eremita, eremita. Claro que com o conforto básico, hoje em dia é impensável, né? Mas o que que diferenciaria um chalé de um eremitério? É em todo o eremitério, assim, uma pequena capela ou oratório, mas com o conforto necessário para que uma pessoa possa ficar alguns dias, né? É com tranquilidade. E também pode é... questão de alimentação, fazer no eremitério, ou então ir até o mosteiro, aí dependeria de cada pessoa, né? Então, o projeto é esse, aproveitar todo esse espaço, né? Nós calculamos por volta de 15 ou 20 alqueires, é... para ser aberta as pessoas, nós temos isso assim, desde o início da fundação, nós estamos em Ponta Grossa, 30 anos. O mosteiro, um espaço religioso, mas ele deve ser um espaço aberto não só para quem professa a fé católica.

**Léo Passeti:** Para todas as pessoas, mas sabe, Dom Bento, hoje em dia, hoje em dia é... é nesse mundo que a gente vive aonde as pessoas buscam a cada momento, tentam, é buscar mais e mais e mais e nessa busca do mais elas acabam não buscando a si e ao não buscar a si elas ficam vazias, elas ficam solitárias. Elas ficam sempre com oco dentro delas. E eu acho que esse contato com a natureza porque veja, por exemplo, só deu uma pegada aqui. Olha, é, é Ederaldo (operador de câmera). Veja só esse momento aqui nós estamos aqui a sombra com aquelas árvores, a pessoa ali meditando, orando, lendo ou então usando um pouco do lago, vendo essa maravilha de lago. Quer dizer, eu acho que as pessoas podem se encontrar, acho que será um local como é. Você nos disse que muito mais do que processar qualquer fé. Eu acho que será um local aonde as pessoas vão poder se encontrar, é encontrando, assim, encontrarão a Deus.

**D. André:** Claro, Claro, muito bem. É, sabe que nós temos feito pequenos exercícios aqui, tenho feito com os irmãos, os novos. É, algumas vezes a gente vê até aqui, fica sentado próximo ao lago, olhando para o lago.

**Léo Passeti:** Só olhando para o lago.

**D. André:** É meia hora sem pensar em nada, só olhando para o lago. Basta isso para se sabe, uma pacificação interior, e daí você começa o contato com Deus e com o seu próximo.

**Léo Passeti:** Né? É verdade. Eu acho que para a gente buscar vamos. Vamos andando um pouquinho, porque eu quero ainda mostrar para o nosso telespectador vários momentos desse que eu tenho certeza daqui para frente e eu quero guardar esse DVD. Porque eu tenho certeza que daqui um ano ou um pouquinho mais um pouquinho menos, a gente vai estar aqui já. Talvez não vendo já a primeira, a primeira

edificação levantando bonita e já servindo, e tenho certeza que nós vamos estar acompanhando até o final dessa obra, porque assim eu tenho certeza que nós vamos guardar para os futuros que virão, os futuros monges, os futuros apresentadores, cinegrafistas, enfim, as pessoas, esse momento maravilhoso que Deus nos permitiu estar aqui para acompanhar desde o início, nós vamos ter certeza que esse momento a gente vai acompanhar com vocês.

**D. André:** Esse ano ainda nós vamos ter um evento que é muito importante. É... é em novembro, na primeira metade de novembro, nós vamos ter por volta de 16 abades do mundo todo. Porque a nossa ordem, a nossa Congregação, está espalhada no mundo todo. Certo? Então vem os abades que nós chamamos visitantes de várias partes do mundo, fazer reunião aqui, eles escolheram o nosso mosteiro esse ano. Cada ano, eles vão para um lugar. O ano passado, se não me falha a memória foi no Vietnã. Então esse ano escolheram Brasil, Ponta Grossa. E nós vamos parar um dia...

**Léo Passeti:** Para trazê-los aqui?

**D. André:** Claro, para conhecer toda essa riqueza, alguns já conhecem porque já tivemos... 4 ou 5 hospedados aqui, mas eu penso que isso vai ser um marco importante para nós. Se Deus permitir, nós gostaríamos de fazer alguma cerimônia aqui. Talvez a pedra fundamental, alguma coisa aproveitando a... a presença dos abates, porque a Ordem toda de São Bento, praticamente representada aqui.

**Léo Passeti:** Aí, então, isso aí, Ponta Grossa não é só em destaque no eu falei que nós teríamos destaque no cenário do turismo do Paraná, do Brasil, estamos já, isso já somos internacionais, já somos isso e, sem falsa modéstia, sem... sem nada, isso é uma maravilha para nós ponta-grossenses, porque na verdade a gente está aqui enaltecendo o quê? O trabalho maravilhoso, porque as pessoas, às vezes, assim, mas eles estão... estão lá. Eles estão orando, claro, a gente sabe do... do serviço de oração da, do, do momento de oração que essa oração é espalhada para o mundo. Toda hora que vocês estão cantando, toda hora que vocês estão orando, coisas que nós não fazemos. Às vezes vocês fazem todos os dias para nós por nós, por toda humanidade. Isso. Esse é enaltecer do nosso espírito. Não há como se pagar, não há como se não tem a forma sim, dinheiro para se pagar é só... fazendo ações e eu vou dizer para vocês o seguinte. Embora, a gente saiba do projeto embora a gente saiba que esse projeto depende de alguns outros projetos que venham, mas a gente vai precisar sempre estar do lado dos nossos queridos monges porque a qualquer hora, a qualquer momento, eles vão precisar da nossa ajuda e da nossa ajuda, talvez até ajuda financeira para que eles possam erguer essa maravilha e você desfrutar e você vir aqui encontrar essa paz que eu já estou encontrando hoje, mesmo sem estar ainda coberto por esse manto de Deus, embora esteja claro aqui toda hora, todo instante, então acho que nós precisamos contar com as pessoas de Ponta Grossa e região, né mesmo?

**D. André:** Eu agradeço muito e nós vamos contar. Aliás, sempre contamos, eu tenho que reconhecer e agradecer em nome de toda a comunidade. Deus nos abençoou muito aqui em Ponta Grossa, nós temos grandes amigos. Até porque temos grandes amigos. Num dado momento, a comunidade decidiu permanecer. Não foi só que esse local é magnífico, mas também porque nós temos grandes amigos que estão assim

do nosso lado desde o início, que nos apoiam, nos ajudam. Significa muito.

**Léo Passeti:** Bom, gente, por esse carinho que nós sentimos. Porque os irmãos todos têm Ponta Grossa e quando elas têm por eles é que eu quero dizer a vocês que hoje eu estou levando à sua casa essas imagens primeiras desse local, que será assim, dentro de breve, em breve esse grande centro do turismo religioso. Eu queria agradecer muito o carinho dos... de você ter nos recebido, ter lhe tirado um pouco dos seus afazeres, mas eu tinha que dar esse presente para Ponta Grossa. Muito obrigado.

**D. André:** Eu agradeço, inclusive agradeço sua amizade, que já é antiga. Você está sempre presente em alguns momentos da... da... da vida. Inclusive eu lhe peço, se você tiver possibilidades quando os abates estiverem aqui, eu acho que seria interessante.

**Léo Passeti:** Queria lhe pedir, eu ia lhe pedir, mas já que você já quis ser, convidou, está fechado.

**D. André:** Está bem. A gente pode se encontrar aqui, então em novembro vamos, né? É uma... vamos estar assim, uma situação internacional, porque tem gente da Ásia, da África, dos Estados Unidos, da Europa, mas eu... vai ser uma riqueza muito grande para todos nós.

**Léo Passeti:** Com certeza que está firmado nosso pacto, tá certo?

E você, meu querido, eu quero dizer o seguinte, sempre quando você vê qualquer evento, qualquer apelo, qualquer pedido que tenha assinatura do mosteiro, faça o faça, porque eles fazem muito pela gente, como eu já disse anteriormente. Só o fato deles se reunirem para rezar, para orar, para cantar, coisa que a gente não faz, eles já estão pedindo para Deus proteção a mim, a você, a todos nós, e essa proteção que a gente precisa para podermos viver nesse planeta bons momentos podemos viver nesse planeta momentos que quando a gente for, seja para onde for, acredito você aonde for que você acredita que vá, pelo menos se deixou plantado aqui segmentos da amizade e carinho como o dom Bento tem por todos nós em Ponta Grossa e nós temos por eles, a gente vai convidar você logo, logo para você vir aqui visitar esse... essa maravilha. Já na sua inauguração. A gente vai estar por aqui acompanhando tudo, fique com a gente.

## Apêndice C - Em Foco com monge Dom Ruberval

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Em Foco com monge Dom Ruberval
<b>Autor:</b>	André de Azevedo
<b>Canal:</b>	Unipar - Universidade Paranaense
<b>Upload:</b>	07/03/2012
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5NbBVw_Dw7M">https://www.youtube.com/watch?v=5NbBVw_Dw7M</a>
<b>Acesso:</b>	09/01/2023
<b>ABNT:</b>	UNIPAR – UNIVERSIDADE PARANAENSE. Em Foco com monge Dom Ruberval, 07 mar. 2012. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=5NbBVw_Dw7M">https://www.youtube.com/watch?v=5NbBVw_Dw7M</a> >. Acesso em 09 jan. 2023.

**Repórter André de Azevedo:** Olá. A arte é a manifestação dos recônditos da alma humana. Talvez seja ela justamente o espaço onde o homem encontra para descobrir se a si mesmo e sobre arte, arte cristã e especificamente arte cristã oriental o programa Em Foco hoje tem a grata satisfação de conversar com Dom Ruberval Monteiro.

Ele é monge beneditino do Mosteiro da Ressurreição em Ponta Grossa no Paraná e esteve aqui em Umuarama nos brindando com uma magnífica obra de arte o *pantokrator* da Igreja São José, ou seja, o Cristo Glorioso. Você que vai a celebrações da Paróquia São José deve ter percebido que realmente ali nós temos um exemplo de arte sacra. Dom Roberval, muito obrigado a tua presença entre nós aqui em nosso programa, fico muito contente em poder rever-te e podemos trocarmos algumas ideias, inclusive hoje na minha aula havia conversado com alguns alunos que iria entrevistar um monge, um aluno falou bem assim para mim: Professor como é que você vai conseguir arrancar alguma palavra de um monge? O monge não fez voto de silêncio? Porque no senso comum tem essa imagem do monge com a vida silenciosa e eu começo com uma pergunta Dom Roberval, primeiro o que significa a palavra monge e tem algum significado e depois que relação existe entre a vida monástica e a vida silenciosa?

**Dom Ruberval:** Bom, agradeço o convite e de partilharmos um pouco da nossa vida... a vida monástica ou vida do monge, ela tem esse nome, segundo algumas opiniões, por causa da palavra *monos*, que quer dizer um, então... isso do grego, monos é que faria desse caminho um caminho de unificação pessoal. Digamos que nós somos por conta do pecado, por conta da história humana de cada um, nós somos fragmentados, somos fragmentados também pelas pancadas que a vida dá ou fragmentados pela estrutura dividida nossa e o caminho da vida monástica, seria o caminho de unificação e esse caminho de unificação que se realiza é justamente no encontro consigo mesmo na luz de Deus.

**Repórter André de Azevedo:** E nesse sentido entra o silêncio?

**Dom Ruberval:** Nesse contexto que entra o entrou o silêncio, porque o silêncio proporciona a nós digamos a água onde o peixinho vai nadar, onde você pode se

encontrar consigo mesmo, nem sempre é agradável, nem sempre é fácil, talvez sobretudo descobri que talvez o pior, teu pior inimigo é você mesmo, né? Mas você percebe isso não no contexto de desespero, mas num contexto de que Deus te ilumina, te ilumina nessa descoberta e aí digamos em camadas mais profundas, você vai descobrindo, é para além do inimigo, você vai descobrindo também o amigo que existe dentro de você ou seja...

**Repórter André de Azevedo:** É um processo de reconciliação?

**Dom Ruberval:** É... justamente, um processo de reunificação, começando pelas partes mais difíceis, que seria pela parte do inimigo, a parte dos monstros que estão nas áreas mais superficiais e descendo mais profundamente vai descobrindo recantos paradisíacos ainda onde Deus passeia e dialoga com o homem, né? Isso é um processo de reunificação, é um processo e nisso é fundamental, é essencial a questão do silêncio e acrescentaria mais alguma coisa, a solidão, né?

**Repórter André de Azevedo:** E tem diferença silêncio e solidão para o monge ou não?

**Dom Ruberval:** As duas coisas estão juntas, porque é estranho nós vivemos em 32 monges mais ou menos lá em casa e mesmo assim estamos sozinhos, estamos sozinhos porque o silêncio ajuda nesse encontro, em função de que uma boa parte durante o trabalho, nas horas da noite, é nos períodos de oração, também durante o dia, nós silenciemos e isso digamos cria esses espaços de solidão, nos quais você dialoga com você mesmo, dialoga com Deus, né? E te prepara... São Bento, ele vai definir a nossa vida com uma vida de escuta, então eu diria o silêncio, o silêncio na perspectiva de São Bento, não é tanto uma ausência de palavras, né? Ainda que isso seja óbvio, mas é sobretudo uma escuta.

**Repórter André de Azevedo:** Atitude de ouvir.

**Dom Ruberval:** Uma atitude, existem pessoas que falam um pouco, mas que não escutam, né? Isso é muito, é muito diferente digamos calar e escutar, né? Então o monge é aquele que escuta e eu diria, o monge aquele que escuta com as orelhas, escuta com o coração, São Bento vai dizer escuta inclina o ouvido do teu coração e eu acrescentarei, digamos para puxar a brasa para minha sardinha, você escuta também com os olhos, né? Você escuta com os olhos porque olhando a realidade, é você capta a realidade e digamos decifrar a realidade.

**Repórter André de Azevedo:** Faz quanto tempo que você está nessa via nesse caminho de reunificação, de escuta. Faz quanto tempo que você é monge?

**Dom Ruberval:** Já fazem quase 30 anos.

**Repórter André de Azevedo:** 30 anos.

**Dom Ruberval:** O nosso Mosteiro fez 30 anos, eu entrei no Mosteiro quando o mosteiro tinha um ano e meio de idade, então.

**Repórter André de Azevedo:** Que te levou a buscar a vida monástica Dom Ruberval?

**Dom Ruberval:** O fascínio, o fascínio pela, por buscar Deus junto com outras pessoas. Eu sentia, eu estava no caminho que eu era seminarista palotino e...

**Repórter André de Azevedo:** Você já pertencia a uma comunidade religiosa?

**Dom Ruberval:** Eu pertencia uma comunidade religiosa há seis anos e eu gostava muito, estava muito feliz lá, mas a perspectiva de que eu, que meu, que eu fosse trabalhar numa paróquia é isso me, de alguma forma me assustava, pelo fato não de ficar sozinho, mas de caminhar sozinho, né? Eu sentia muito, mas não era digamos uma desilusão com os palotinos, absolutamente, mas era uma necessidade mais profunda que eu tinha de fazer esse encontro comigo mesmo, esse encontro com Deus e tudo aquilo se referir a mosteiro me fascinava, me fascinava. Só de pensar digamos em um claustro, no ambiente do mosteiro, né? É isso me fascinava muito e foi um longo percurso, foram pelo menos três anos de discernimento o e acompanhamento.

**Repórter André de Azevedo:** Para ingressar no Mosteiro?

**Dom Ruberval:** Para ingressar no Mosteiro e hoje eu estou contente, olhando para trás eu não voltaria nenhum segundo da minha vida.

**Repórter André de Azevedo:** A gente logo vai entrar, depois do nosso intervalo, na questão, além da sua vida de escuta de vida de monge, você também tem um diferencial e parece que é um monge artista, né? Tem algumas obras pintadas em igrejas do Brasil, da América Latina e da Europa também e agora inclusive também em Umuarama, você nos brindou com uma belíssima obra de arte. Dom Ruberval nós falávamos antes dessa tua vida de reunificação, vida no Mosteiro e como é que surgiu além da vida de silêncio, de unificação, vida monástica a vocação para a arte também, como é que surgiu esse teu lado artístico?

**Dom Ruberval:** Bom, é muito, é muito, não embaraçoso, mas digamos revela um pouco da humanidade, é pessoal, é a questão de que nos primeiros anos, eu tinha muito sono durante as orações, esses períodos longos de solidão na madrugada, sobre...

**Repórter André de Azevedo:** Acorda cedo no mosteiro?

**Dom Ruberval:** Nós acordamos sim às quatro horas da manhã.

**Repórter André de Azevedo:** Às quatro da madrugada.

**Dom Ruberval:** Isso, isso às quatro da madrugada, mas como eu tenho muita dificuldade pela manhã eu acordo 3:30 para poder, digamos às 4:20 estar mais ou menos desperto para as orações, as primeiras orações e eu sentia muito sono nas orações que nós temos depois das 4:20, é onde nós ficamos rezando com a Bíblia, nós chamamos *lectio divina* e eu dormia muito sobre a Bíblia, né? Rezando, chegava um ponto que lendo e rezando eu tinha muito sono e falando com meu mestre, mestre de noviços na época, atualmente é meu o meu abade, ele me sugeriu que eu unisse a oração, essa oração com algum tipo de atividade que eu escrevesse, copiasse um

texto é...

**Repórter André de Azevedo:** Para ficar um pouco mais desperto.

**Dom Ruberval:** Isso, que digamos, quando começasse a sentir sono que eu fizesse um desenho ou uma coisa e ali eu comecei a fazer pequenos desenhos dos textos que eu lia, digamos personagens.

**Repórter André de Azevedo:** A temática era os textos de meditação.

**Dom Ruberval:** Digamos os textos me davam a inspiração para representar o personagem bíblico ou a cena bíblica. É e eu comecei sobretudo inspirado na arte medieval que eu também a comecei a conhecer no Mosteiro, que é uma arte bem mais simples, não é naturalista, então de certa forma ela não desencoraja aquele que desenha, né? Porque se você vai copiar uma coisa naturalista, um retrato, evidentemente que isso te desanima, mas a arte medieval ela tem traços muito lineares, muito gráficos isso simplifica muito o trabalho de desenhar, eu comecei a desenhar...

**Repórter André de Azevedo:** E você nunca tinha desenhado antes ou não?

**Dom Ruberval:** Não, não digamos eu tinha desenhado quando criança como as outras crianças desenhavam e o que eu tinha e isso digamos pode ser uma, uma contribuição é... e eu tinha uma grande sensibilidade e que eu nunca soube muito bem lidar com ela, até esse momento, então eu gostava de arte, gostava de coisas bonitas, mas a sensibilidade era para mim mais um problema que uma solução, digamos como alguém que tem uma faca muito afiada e vive se cortando com ela, né? E foi nesse processo de reunificação, justamente que eu fui me dando conta de que aquilo que até certo ponto me soava, me pesava como uma maldição, né? Porque digamos você ter uma grande sensibilidade pode te fazer sofrer continuamente, porque tudo, tudo te toca de morte, como vai dizer Adélia Prado, né? Ela tem uma poesia que chama Anunciação do Poeta, ela fala "Ave adivido tudo te tocará de morte, a forma das mãos, à Catedral, o lixo". É, então é bonito dizer, mas digamos não é bonito viver isso, é... no prosseguir da questão, é que eu fui percebendo que esse dom, né? Iluminado por Deus é... era uma maravilha, era uma maravilha porquê...

**Repórter André de Azevedo:** Não era mais perdição, era uma salvação.

**Dom Ruberval:** Era uma salvação, para mim em primeiro lugar, porque digamos eu tinha, eu tinha ganho de Deus um olho que era capaz de ver coisas que outras pessoas não viam, primeiro lugar. Segundo lugar, a minha sensibilidade era um como um radar, um scanner, é que estava só direcionado errado, está voltado para mim mesmo, né? Essas são as coisas que acontecem no fim da adolescência, é devia ter meus 23, 24 anos quando comecei a me dar conta disso, que o meu escâner ele deveria ser usado para fora de mim e não para dentro de mim no sentido de que não tanto o perceber como o mundo me fere, como... como eu sofro, mas digamos percebia o que os outros sentem, o que os outros vivem, o que os outros sofrem e ali eu percebi que eu tinha um grande instrumento, seja um instrumento para as artes plásticas, né? Com os desenhinhos, digamos eu conseguia transmitir para os desenhinhos é alguma coisa que é bastante difícil que era a alma, digamos cada

personagem ele é o único, então eu comecei a fazer esses desenhinhos e fazendo muitos, nós vivemos na época o início da fundação do mosteiro, é vemos uma grande penúria econômica e tínhamos uma pequena lojinha e eu comecei a botar alguns desses desenhinhos sobre madeira e nós... eu fiz acho que uma série de seis, sete não me lembro quanto e foram vendidos todos no mesmo dia.

**Repórter André de Azevedo:** o mesmo dia?

**Dom Ruberval:** E aí nosso superior falou faça mais e aí começou, aí começou a coisa e eu percebi que digamos a pessoas dizia eu queria esse, eu não conseguia reproduzir, eu começava um e ele saía com uma cara nova, diferente e ali fui me dando conta que, digamos, isso era um dom, é um dom que não tinha nada que ver com o mérito, mas é um dom e digamos e essa consciência ela foi se expandindo é... em diversos níveis, a ponto de eu perceber que digamos o artista ele é sempre artista independente do que ele faça, né? Então ele se estendeu para arte culinária se estendeu para a arte de dar aulas...

**Repórter André de Azevedo:** Uma fissão nuclear então?

**Dom Ruberval:** Foi exatamente perceber que o artista ele vai ser sempre artista, né? Existe um filme A Festa de Babette na qual a artista é, artista que é uma cozinheira, ela vai dizer, né? O artista nunca é pobre porque ele tem sempre alguma coisa para dar, né? Porque de alguma forma é, eu posso mudar, eu posso trabalhar com palavras, eu posso trabalhar com cores, eu posso trabalhar com linhas, eu posso trabalhar com é pincéis e formas. Eu posso trabalhar com ingredientes culinários. Eu posso trabalhar com notas musicais, né? São muitas as possibilidades, né? As minhas são com a música, não em muito jeito, mas com as outras coisas, escutar as pessoas, por exemplo, eu acho que uma arte muito, muito incrível.

**Repórter André de Azevedo:** E depois você descobriu esse. Descobriu não, mas parece que veio à tona, né? Essa avalanche de possibilidades. Você fez algum curso? Não? Especializou-se?

**Dom Ruberval:** A especialização veio mais tarde. Eu comecei, digamos, de forma autodidata. É lendo nos livros, buscando receitas, buscando formas. Perguntando artistas como eles faziam. Assim foi, foi nascendo assim, mais tarde é me foi oferecido a possibilidade de ir para Europa a estudar e lá eu conheci uma escola de arte espiritual, onde havia... havia bons artistas e que me deram muito, muito, muito boas indicações. Então, eu posso dizer que veio, digamos, como um complemento veio com uma especialização, mais que, que isso, do ponto de vista técnico, do ponto de vista, mas me interessava muito mais que o ponto de vista técnico, me interessava a questão dos conteúdos, ou seja, digamos o que que essas obras antigas que me inspiravam tanto é, diziam no seu tempo, porque elas foram feitas dessa maneira e não de outras, né? Porque eu percebia no contemplar essas imagens e eu gosto muito de olhar imagens, é... eu percebia que havia padrões que se repetiam, ou seja, uma mesma imagem do século III, IV era feita nos mesmos padrões no século XII. Então, como é que digamos, nós estamos falando de muitos séculos e que não existe uma, entre aspas “evolução” do modelo, o modelo é o mesmo, só muda os materiais, mas a forma continua. Isso me intrigava muito e foi aí que, digamos, me veio muito interesse de estudar isso a fundo e por isso também a Europa, para mim foi realmente



um grande passo.

**Repórter André de Azevedo:** Dom Ruberval é, nós comentamos um pouquinho no bloco anterior da tua ida para a Europa para buscar essa especialização não técnica em si, mas outros fatores. Me parece que você fez doutorado em Teologia Oriental. Confere essa informação?

**Dom Ruberval:** Isto.

**Repórter André de Azevedo:** O que que te levou a buscar um pouco essa doutrina ou cultura oriental? Arte oriental cristã, explica pra gente tem diferença de cristianismo ocidental e oriental?

**Dom Ruberval:** É... sim e não. Sim, enquanto é caminhos, porque quando nós falamos de igreja oriental, nós estamos falando sempre a igreja, não a igreja do Japão. Nós estamos falando a igreja do Oriente Médio e da Rússia.

**Repórter André de Azevedo:** E os povos eslavos?

**Dom Ruberval:** Povos eslavos ou médio-orientais e digamos que as duas igrejas, elas antes eram uma só igreja. Então, praticamente até o ano, o ano 1050, elas são uma só igreja. Vai ser a partir desse momento que eu... vai ver, vai começar a haver uma ruptura muito forte. E que vai se intensificar em 1204, mais ou menos. É, e ali, digamos, os caminhos vão começar a divergir sempre mais e cada vez mais, antes havia diferenças que eram diferenças mais superficiais, né? Havia diferenças. Sempre houve diferença entre Oriente e Ocidente, mas, digamos, as diferenças dentro da igreja eram, eram menos... Porque é, havia um pontinho intercâmbio entre as duas, os dois lados do mundo. Monge, sobretudo os monges, é... mas também comerciante. Tudo aí iam de um lado para o outro. Os monges iam para copiar livros, é... e também para realizar trabalhos, né? Então, eu não sou o primeiro monge que viaja para pintar a igrejas.

**Repórter André de Azevedo:** É uma tradição.

**Dom Ruberval:** Digamos que bastante... bastante antiga. Já monges do Oriente vinham decorar é igrejas no Ocidente. E monges do Ocidente iam decorar igrejas no Oriente, ou então para copiar livros, né? É. Ou então, fazer cursos ou aprender coisas novas e tudo mais é... Então, a Oriente e Ocidente, as igrejas, é elas tinham o que nós chamamos, uma tradição comum, tá? Então para mim foi uma grande descoberta isso porque, até então, eu achava que a arte oriental era a arte, né? Que a arte ocidental era uma arte decadente a partir do século XIV e XV.

**Repórter André de Azevedo:** E foram teus estudos que te revelaram o núcleo comum.

**Dom Ruberval:** Exatamente, exatamente isso. Isso, de certa forma, você vai digamos é a nível intelectual para Oriente, para buscar suas raízes e depois você descobre que as suas raízes estão em baixo dos teus pés, né? Na verdade, é... a arte, o movimento todo da arte cristã. Ela está no Ocidente praticamente, digamos. Ela começa as obras de arte. Para você ter uma ideia, as obras de arte cristãs mais antigas que existem

estão em Roma. Estão em Roma, são, digamos, coisas do século IV, coisas do século V, coisas do século VI. É que no Oriente elas foram destruídas no período do iconoclasmo. E então elas desapareceram lá e foram. Foram conservadas no Ocidente, então de certa forma, essa foi uma grande riqueza. Descobri que a nossa igreja ocidental romana, ela tem, digamos, as mesmas raízes. E assim foi que, digamos, para entender alguma coisa é do século XII e XIII, era preciso dar passos para trás, para trás, para descobrir, digamos, o núcleo comum. É onde se formou a arte cristã como ela se, como ela, ela foi se organizando, como ela foi se criando o seu próprio vocabulário com a sua cintasse, isso, isso foi, digamos, é de uma riqueza muito grande.

**Repórter André de Azevedo:** E seria correto dizer, Dom Ruberval, que a tua missão, como um monge, um monge, artista, ela é uma missão de tentar mostrar isso para o lado ocidental do cristianismo que nós temos a um núcleo estruturante dos dois lados, Oriente e Ocidente?

**Dom Ruberval:** Aham, é isso exatamente. Eu acho que eu, eu sinto como uma missão pessoal, né? Por causa do dom e também por causa da oportunidade de ter podido estudar em Roma, e poder é... ter tido o privilégio de conhecer alguns professores, alguns autores importantes que estudam, estudaram é... toda essa temática, né? E ajudar os cristãos do Brasil, né? E descobrir suas raízes. E é interessantíssimo como as pessoas, na experiência que nós fizemos na paróquia São José, justamente é a de ter comunicado a eles alguma coisa que já era deles. Ou seja, a tradição, né? Que já existia isso, teve um efeito incrível. As pessoas gostaram muito, né? Nós comunicamos alguma coisinha, mas é com essa coisinha eles é ficaram muito satisfeitos, né?

**Repórter André de Azevedo:** Explica pra gente rapidinho Dom Ruberval, você produziu aquela obra belíssima lá no altar da paróquia São José, mas eu, quais são os significados que estão presentes naquele ícone que você pintou?

**Dom Ruberval:** Então, os significados são significados tradicionais, né? Aquilo que nós, eu costumo fazer uma distinção muito grande, Tradição com T grande, né? Um T maiúsculo e uma tradição com T minúsculo, né? Pela tradição, com T minúsculo, não vale a pena dar a vida, né? Mas pela Tradição, eu acho, a arte tradicional é essa, digamos, vale a pena consagrar uma vida. E ali nós usamos uma iconografia tremendamente tradicional, né? Repondo de formas mais modernas, mais contemporâneas, esses elementos que não mudam. Isso que eu dizia, existem elementos que não mudam, então o fato que o Cristo esteja sentado é... sobre um Arco-Íris, que o Cristo tenha em mãos um livro aberto que ele esteja, tenha o gesto da mão, que ele esteja numa mandala, que ele tenha os 4 seres vivos ao seu redor tudo isso são elementos tradicionais, né? E, então, eu posso, através desses elementos tradicionais, é fazer uma catequese, por exemplo, que seria impossível se eu fosse um... se eu tivesse optado por uma linguagem, é, entre aspas, "contemporânea", é no sentido de que inventar um Cristo que nunca ninguém pensou, né? Os artistas, muitos artistas que trabalham com arte sacra, às vezes, eles tentam isso, tentar pensar nunca ninguém pensou fazer um Cristo de ponta cabeça, né? É e inventam um significado para isso, né? E os significados são ridículos, mas, né? Hoje é o... temática da arte, da arte e, de modo geral, e da arte sacra, ela é um território muito delicado, justamente porque se deu tanta liberdade que se perdeu, se perdeu o senso, se perdeu o senso.

**Repórter André de Azevedo:** O padre Penalva de Curitiba e dizia que do sublime ao ridículo é um pulinho só.

**Dom Ruberval:** É um milímetro, um milímetro. Infelizmente nós temos muitas igrejas. Ridícula, né? E a questão não é questão de ter dinheiro, não ter dinheiro para fazer uma igreja bonita. A questão é realmente é, é o censo, o censo, o censo do sagrado que se perdeu, né? Então, a igreja de São José é um bom exemplo. Eu acho, de uma igreja, de uma comunidade, é... Que pensou os detalhes, pensou... os elementos que possam ajudar a criar um clima é sagrado dentro da igreja, né? E tem realmente surtido efeito, né? porque no processo muitas pessoas é se manifestaram e, sobretudo uma coisa muito agradável. O que aconteceu é que muitas pessoas foram ver a pintura enquanto eu pintava e ficavam lá em silêncio, olhando, olhando, olhando. É, inclusive, crianças, né? É que olhavam 20 minutos, meia hora e eu às vezes, do alto do andaime via lá uma criança olhando. E isso é uma grande satisfação para um artista, né? Não só não, não que não que eles, que ele seja o centro de um de uma contemplação. Eles estavam olhando a obra, até porque estava o Cristo que olha para cada um, né? É porque Adélia Prado de novo, para citá-la, ela diz, a verdadeira obra de arte ela provoca silêncio. Ela provoca silêncio, é os paroquianos mesmo notaram que depois da pintura feita, as pessoas entram na igreja e falam mais baixo...

**Repórter André de Azevedo:** É o clima é diferente.

**Dom Ruberval:** Elas falam mais baixo porque elas têm a sensação de uma presença, né?

**Repórter André de Azevedo:** O ícone seria isso, uma presença, uma janela?

**Dom Ruberval:** O ícone é uma é uma, é justamente, digamos, a palavra mais apropriada seria a presença, a presença, então, essa digamos quando nós falamos ícone, sempre parece que alguma coisa do Oriente, né? Por isso eu quis ressaltar anteriormente que não, digamos também no ocidente, nós tínhamos a mesma concepção.

**Repórter André de Azevedo:** De patrimônio comum?

**Dom Ruberval:** Isso de que a imagem ela torna presente de uma forma simbólica, de uma forma misteriosa, aquele que é representado. Por isso, por exemplo, os cristãos nunca faziam, é figuras humanas nos pavimentos, porque eles, eles acreditavam que de alguma forma era um desrespeito, que a gente pisasse sobre o sinal da Cruz ou outro, outros elementos no pavimento, né? Então, é... esse é o senso que talvez nós perdemos muitas vezes as igrejas até bonitas arquitetonicamente, mas a sensação que se tem quando se entra é que ali não tem ninguém. Digamos, porque ninguém te olha. A sensação da presença vem, sobretudo, do olhar... do um olhar direcionado para você. Isso que acontecia nas igrejas antigas, que havia sempre um *pantokrator*, sempre a Virgem Maria, que olhava o espectador, né? Então mesmo da porta, é por isso os olhos eram grandes. Quase como no Lobo Mau, né? A questão do Lobo Mau, porque os olhos grandes, porque, né? Eles foram feitos para te ver e a boca é pequenininha também pelo mesmo motivo, porque, digamos, eu não estou aqui para...

**Repórter André de Azevedo:** Devorar.

**Dom Ruberval:** Né? Para te devorar, né? Eu estou aqui, digamos, pra te olhar. Esse olhar é um olhar sério, é um olhar profundo. Não é olhar piegas, é um olhar profundo é que salva, que salva. E, de fato, é um pouco, é um pouco isso.

**Repórter André de Azevedo:** Dom Ruberval, infelizmente o nosso tempo estourou, foi muito agradável conversar contigo, aproveitar a presença. E você que está em casa, que ainda não tem a oportunidade de ir à Igreja São José para verificar essa belíssima obra de arte que ficou marcado em Umuarama. Pode fazer isso nas celebrações, pode passar por lá. E, como disse Dom Ruberval, contemplar ser olhado e olhar também e aproveitando a deixa a questão, um olhar que nos salva para a gente pensar um pouquinho aquela belíssima citação do Dostoiévski, né? Que é beleza salvará o mundo, que realmente nos salva. Obrigado, Dom Ruberval, a você que nos acompanhou um forte abraço e até o próximo programa.

## Apêndice D - Videoreportagem Em visita ao Mosteiro da Ressurreição - Ponta Grossa/PR - Parte 01

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Videoreportagem Em visita ao Mosteiro da Ressurreição - Ponta Grossa/PR - Parte 01
<b>Autor:</b>	Arildo Carvalho
<b>Canal:</b>	Arildo Carvalho
<b>Upload:</b>	12/03/2012
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=khauHLkPQXs">https://www.youtube.com/watch?v=khauHLkPQXs</a>
<b>Acesso:</b>	23/12/2022
<b>ABNT:</b>	Arildo Carvalho. Videoreportagem Em visita ao Mosteiro da Ressurreição - Ponta Grossa/PR - Parte 01. 12 mar. 2012. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=khauHLkPQXs">https://www.youtube.com/watch?v=khauHLkPQXs</a> >. Acesso em: 23 dez 2022.

**Arildo Carvalho (repórter):** Eu fui acompanhar a vida monástica no mochilão e foi muito interessante conhecer todo o processo, a disciplina, oração, a fé que... que tem dentro do mosteiro e também a conheci um pouco também, um pouquinho sobre a hierarquia que tem no mosteiro, né? Vamos acompanhar agora?

Depois de quase 17 horas de viagem, finalmente cheguei ao Mosteiro da Ressurreição, em Ponta Grossa, no Paraná. Eu estou falando um pouquinho mais baixo, porque os monges já estão dormindo às 4:00 da manhã, começam as atividades e eu vou participar de todas elas.

Ao som dos sinos, fui com um pouco de sono acompanhar a primeira oração do dia. Já amanhece e minha curiosidade é tanta para saber o objetivo da vida monástica que fui logo à procura de dom Bento.

**Dom Bento:** O objetivo da vida monástica é viver para procurar e provocar, não só dentro daqueles... daqueles que vivem na comunidade, mas a gente fora também um desejo mais ardente de Deus. Nós, monges, não somos nem diferentes, nem melhores que qualquer outro cristão, porque você é um batizado, não, nós somos cristãos que procuram viver de maneira mais intensa, essa busca de Deus num lugar na igreja.

**Arildo Carvalho (repórter):** Para não ficar perdido, é melhor saber um pouco como funciona a rotina do mosteiro, afinal, acordar às 4:00 da manhã tem algum sentido!

**Dom Bento:** Todo aquele que veio para passar alguns dias de nossa hospedaria, que vem, que frequenta o nosso mosteiro está sempre convidando a participar de todos os momentos de oração. Nós acordamos às 4:00 da manhã, às 4:20 iniciamos a oração de Vigílias, que é uma oração que deve ser rezada quando ainda é noite. Então, nesse sentido, o monge antecipa a aurora, justamente para adorar o Senhor.

**Arildo Carvalho (repórter):** E diante de tantas atividades que participei, encontrei um tempinho para falar com o abade sobre a história e hierarquia do mosteiro.

**Dom André:** Nós éramos um grupo de 10 que saímos do mosteiro de São Paulo, lá do mosteiro de São Bento. E quisemos é... fazer um tipo de vida monástica beneditina alternativa no Brasil e nós iniciamos em Ponta Grossa em 1981. Esse ano fizemos 30 anos de existência aqui em Ponta Grossa. A hierarquia funciona assim: o abade, ele é o superior da casa, o superior maior, mas abade é uma palavra, não é que é usada como superior, mas na verdade está muito ligada à tradição monástica da paternidade espiritual. Prior é o monge encarregado da disciplina do mosteiro da organização, é... em geral...

**Arildo Carvalho (repórter):** Hoje de manhã, né? Depois que eu acordei da clausura... Na clausura, é... Eu cumprimentei alguns monges, mas eles não me cumprimentaram. Que foi o que aconteceu?

**Dom Bento:** Justamente, naquele momento de manhã, quando você apareceu, era o nosso momento do Grande Silêncio. Não que os irmãos não cumprimentaram, talvez não foram tão efusivos como normalmente se cumprimenta alguém, “como vai? de onde você é?” todo esse discurso, assim de boas-vindas. Então, o que acontece no momento do Grande Silêncio? Nós cumprimentamos, sim. Inclusive nos olhamos e um gesto de cabeça, uma pequena inclinação é suficiente para compreendermos que houve ali um cumprimento, uma acolhida.

**Arildo Carvalho (repórter):** Qual é o significado da clausura que eu, eu não senti diferença pra mim era um quarto normal e se chamam de cela... explica melhor isso pra gente.

**Dom Bento:** A cela para o monge, do latim, o que vai significar? A porta de entrada para o céu. A cela, nós temos a imagem de cela da prisão. Só que nós não estamos presos jamais. Nós estamos aqui livremente. Então, o objetivo do mosteiro é oferecer esse espaço de conversão. Para nós, para aqueles que batem à nossa porta, e nós temos muitas experiências assim bonitas de pessoas que mudaram, tiveram mudança de vida assim, radical em contato com nosso mosteiro.

**Elaine Dias (professora):** É a simplicidade realmente do lugar, né? Você pode ver ali a capela, a forma, né? O canto gregoriano é uma coisa muito linda e que nos realmente nos emociona...

**Iguês Figueiredo (professora):** Você pode ver que todos que entram aqui, né? Que seja simples ou uma pessoa assim, né... ela, ela, ela se vê identificada, porque o que nos identifica é a simplicidade...

**Dom Bento:** Então, um monge vai procurar fazer constantemente esta oração contínua e isso pacifica o monge. Isso pacifica o coração do monge. Se o monge está pacificado, claro que ele vai pacificar também aqueles que estão ao seu redor.

**Arildo Carvalho (repórter):** Não é fácil mostrar a história de um mosteiro em apenas uma matéria, então dividimos em duas partes. Semana que vem você acompanha todo o restante da minha trajetória aqui no mosteiro da ressurreição, Ponta Grossa,

Paraná.

## Apêndice E - Conheça o Mosteiro da Ressurreição

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Conheça o Mosteiro da Ressurreição
<b>Autor:</b>	Vida Melhor
<b>Canal:</b>	Vida Melhor
<b>Upload:</b>	25 jul. 2013
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=7BGt2gCAQPo">https://www.youtube.com/watch?v=7BGt2gCAQPo</a>
<b>Acesso:</b>	20 dez. 2022
<b>ABNT:</b>	VIDA MELHOR. Conheça o Mosteiro da Ressurreição. 25 jul. 2013. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=7BGt2gCAQPo">https://www.youtube.com/watch?v=7BGt2gCAQPo</a> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

**Repórter:** Ao contrário de alguns mosteiros, que Vida Melhor já te apresentou lá em Portugal, que estavam desativados, o Mosteiro da Ressurreição, aqui em Ponta Grossa, está em pleno funcionamento e aqui é o claustro. Poucas pessoas é... tem autorização para visitar o claustro, então perceba que isso é uma oportunidade, mesmo que a gente está tendo de conhecer por dentro o mosteiro e até de entender um pouquinho melhor o que é o mosteiro, qual é a finalidade, não é verdade, Dom Bento?

**Dom Bento:** Exato. O mosteiro tem, então, esse espaço chamado claustro, que é um lugar, deve ser de silêncio, de oração. Nós vivemos trabalhando e rezando, então para nós, o claustro, ele é fundamental e é necessário para nossa vida como monges beneditinos.

**Repórter:** No seu valor agora de trabalhando, né? E eu estou vendo que tem um monge trabalhando o tempo todo e esse trabalho é todo dia, todo dia tem essa limpeza é impecável, aqui é limpo demais, é assim?

**Dom Bento:** Então, nós temos alguns horários durante a semana para o trabalho. Mas os sábados à tarde, especialmente, se faz a grande faxina do mosteiro durante a semana manutenção, mas a faxina grande mesmo é no sábado.

**Repórter:** Tem alguma hierarquia ou todos trabalham?

**Dom Bento:** Todos trabalham, do abade até o último irmão. Todos têm uma função na casa e um trabalho.

**Repórter:** Como é que é a rotina de um monge?

**Dom Bento:** Nós acordamos às 4:00 da manhã. Então nós temos 4:20 a primeira oração, depois nós temos café da manhã e *Lectio Divina* até 6 horas. 6:15 a missa. Depois, nós temos... continuamos à leitura, continuamos no silêncio. 8:30, temos oração novamente e, em seguida, às vezes tem ensaio para os novos na capela, ensaio do canto gregoriano e os que não estão ensaiando já estão trabalhando até o



meio-dia. Depois temos almoço, oração, almoço. Temos um tempo de descanso aí 2:15 de novo, toca o sino e nós temos oração 2:30. No período da tarde, mas tem aula de formação que a formação monástica. 5:30 oração de novo, jantar em seguida, depois temos o recreio ou alguma conferência ou ensaio, ainda à noite e em seguida cantamos completas. Então, o dia do monge termina por volta de 8:00 da noite.

**Repórter:** Temos artistas aqui, não é?

**Dom Bento:** É, temos vários artistas aqui, né? Então, cada um na sua arte, mas tem as pinturas, o canto, música que tem alguns de música que tocam muito bem. Também, arte culinária que não podia faltar e mosteiro, né?

**Repórter:** O que a pessoa precisa fazer para tornar-se monge, para vir para o mosteiro?

**Dom Bento:** O primeiro lugar é chamado, não é? É um chamado misterioso, que até para nós se perguntar porque aqui nós não temos como responder. É algo que acontece assim, misteriosamente, mesmo, então a gente, em contato com o responsável pelas vocações, marca a data para conhecer. E aí, depois, então vem para fazer a experiência.

**Repórter:** Depois de quanto tempo a pessoa vivendo aqui, ela já pode ser considerada ou é... chamada monge?

**Dom Bento:** Para nós é assim, quando começa o noviciado, então você já deu um passo para a vida monástica, você já é noviço da ordem. Depois disso, depois do noviciado, vai fazer os votos, os primeiros votos. Isso já são quase 4 anos passados. Depois, vai fazer... depois de 3 anos, os votos solenes. Aí definitivamente monge, né?

**Repórter:** Também falando que alguns monges são padres, mas nem todos e aqui, como não tem paróquia, o que que acontece?

**Dom Bento:** Então, nós por opção então de não ter paróquia, de viver na zona rural, nós somos um número menor de padres. Hoje nós somos cinco já monges e padres, e temos também um padre diocesano que está fazendo a experiência conosco que é da arquidiocese de São Paulo.

**Repórter:** Eu já estava indo embora, mas eu não aguentei. Falei... Dom Bento, tenho algumas dúvidas que são bem... peculiares até do meu estilo de vida. Eu sempre fico pensando um pouco, porque o monge tem um estilo de vida completamente diferente do meu, que sou muito falante. Vocês são muito silenciosos, né? Aí minha primeira pergunta é assim, apesar do silêncio, vocês são alegres?

**Dom Bento:** Sim, a nossa comunidade tem uma característica muito forte, muito positiva, que é justamente a alegria. É muito bonito, porque os cristãos testemunham Jesus Cristo, exatamente pela alegria. Então eu não acredito num monge numa monja no religioso, num padre, numa religiosa que vive o tempo todo azedo. Ele está dando um contra testemunho e a alegria é o maior testemunho que nós podemos dar de que estamos aqui livremente que fomos realmente chamados, que aceitamos o convite do senhor para viver livremente na sua casa.

**Repórter:** O senhor está aqui há quanto tempo?

**Dom Bento:** Eu estou aqui há 21 anos passado já.

**Repórter:** Quantos anos o senhor tem?

**Dom Bento:** Hoje tem 42.

**Repórter:** Então são 21 anos aqui, 21 anos fora daqui. É diferente, né? E se... se desse para pontuar, qual é a vida que é mais valiosa? Mesmo no sentido de... de convívio, de alegria, de... de riqueza pessoal, não, não financeira.

**Dom Bento:** Olha, eu entrei no seminário antes de vir para cá, eu fui seminarista palotino, São Vicente Pallotti tem série de São Paulo na Vila Carrão. E eu morava em Curitiba. Fiquei 6 anos de seminário, eu entrei com 15 anos. Hoje, como eu comentava com um religioso a semana passada, se tivesse que voltar tudo de novo, eu começaria de onde eu comecei.

**Repórter:** Quando eu vi que chegou uma família aqui, quando as famílias chegam aqui, que vocês olham para o marido, a mulher, os filhos, dá aquela vontade humana de ter tido uma família também ou não? Como é que tá... como é que fica o coração?

**Dom Bento:** Eu sempre costumo dizer aos pais a única desvantagem na vida do padre é não poder ter um filho para abraçar e dizer se é meu filho, não é? Mas, por outro lado, eu penso, não, mas eu tenho todos são meus filhos.

**Repórter:** E na família original, pai, mãe, vocês visitam com que frequência?

**Dom Bento:** A cada 15 dias, uma vez por ano, nós vamos para casa, podemos ir para casa. Quando falece os pais, então, já é a casa do meu irmão, é a casa da minha irmã e da minha cunhada, do meu cunhado. Não é mais a minha casa. Então a nossa opção como monge já há muito tempo aqui foi a de ter um apartamento na praia. É um luxo? Não, não é um luxo, é uma necessidade, porque às vezes o irmão tem que sair um pouco para descansar mesmo, sair da rotina. Não descem 5 ou 6 irmãos, ficam 15 dias juntos, não é bom, é o grupo aqui da comunidade. Mas então não tem férias, tem porque lá muda completamente o ritmo. As conversas são outras, se veem coisas diferentes.

**Repórter:** Essas férias com essas conversas diferentes, com coisas diferentes que se vem... não volta, se contaminado com desejos de coisas materiais ou de uma vida com esses valores materiais?

**Dom Bento:** Não. Bem pelo contrário, quando a gente sai, o grande desejo que impera do começo até o fim do tempo que a gente está fora e voltar pro mosteiro.

**Repórter:** Elas são silêncio, mais uma vez eu pergunto, vocês ficam em silêncio o tempo todo ou tem um horário que não pode falar? Como é que é isso?

**Dom Bento:** Isso nós temos horários de silêncio. Então, por exemplo, depois do

almoço, é pedido que todos fiquem na cela. Cela é o quarto do monge, né? Para quê? Para descansar ou para rezar ou para fazer alguma leitura. À noite, depois da oração de completas, então, começa o chamado Grande Silêncio, que já é previsto na Regra. Os monges vão falar só no dia seguinte depois da missa. Porque? Porque é um momento de estar com Deus, na expectativa de que o Senhor volta a qualquer momento.

**Repórter:** Relação como no exterior notícias, o que está acontecendo por aí, vocês acompanham?

**Dom Bento:** Acompanhamos muito assim hoje pela internet, né? Internet ao mesmo tempo que traz o mundo para dentro, nos tira de dentro e nos põem em relação com o mundo também.

**Repórter:** Mas aí vocês têm acesso à internet livremente?

**Dom Bento:** Tem horários que nós podemos usar.

**Repórter:** O que na internet?

**Dom Bento:** Passar e-mails, às vezes, responder alguma coisa, fazer alguma pesquisa.

**Repórter:** Rede social?

**Dom Bento:** Alguns têm.

**Repórter:** Facebook, Twitter, Instagram?

**Dom Bento:** Alguns têm, mas nem todos, e assim quem tem, tem. Quem não tem também não tem necessidade.

**Repórter:** Como é que o senhor vê isso?

**Dom Bento:** Olha, eu acho que se é bem usado, tudo é muito bom. Até o veneno. Veneno em pequena quantidade não vai fazer mal, toma bastante para... você acaba morrendo.

**Repórter:** Muito obrigada por abrir as portas da sua casa, contar coisas do seu coração e de outros monges para que a gente possa conhecer e entender um pouquinho melhor. Foi uma alegria estar aqui hoje. Eu vou tentar ficar em silêncio até sair, tá bom?

## Apêndice F - Vozes do Silêncio - Mosteiro da Ressurreição

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	Vozes do Silêncio - Mosteiro da Ressurreição
<b>Autor:</b>	Art in Movie
<b>Canal:</b>	Art in Movie
<b>Upload:</b>	24 dez. 2014
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TCVj84iEpzk">https://www.youtube.com/watch?v=TCVj84iEpzk</a>
<b>Acesso em:</b>	20 dez. 2022
<b>ABNT:</b>	ART IN MOVIE. Vozes do Silêncio - Mosteiro da Ressurreição. 24 dez. 2014. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=TCVj84iEpzk">https://www.youtube.com/watch?v=TCVj84iEpzk</a> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

**Narradora:** A cada manhã ele me desperta os ouvidos para que escute como discípulo.

**D. Leandro Gouvêa:** Ser monge é um chamado, né. É um chamado a algo, a viver de maneira... de maneira mais perfeita, né, se assim podemos dizer, a vocação cristã, né. Meu primeiro chamado, minha primeira vocação é ser cristão e o espaço do mosteiro, viver nesse espaço do mosteiro é esse encontrar espaço para poder viver bem esta... esta vocação, né?! de ser cristão, de ser batizado.

**Narradora:** a vossa palavra é uma luz para os meus passos, uma lâmpada luzente em meu caminho.

**D. Leandro Gouvêa:** Não tive drama nenhum em sair de casa, muito pelo contrário foi muito tranquilo até porque já num... já saí de casa com 23 anos pra ir para o seminário. Antes de vir para o mosteiro, passei quatro anos no seminário. Depois que eu saí do seminário vim para o mosteiro com uma consciência do que eu realmente queria viver, do que eu queria fazer da minha vida e minha família, católica praticante, não criou o problema, mas que ficou muito contente muito feliz de eu poder fazer essa entrega. Então, muito, muito rápido, muito muito simples se desfez, é... o apego né? da família e o mosteiro e agora é minha nova família à minha nova vida não tem mais como voltar atrás.

**Narradora:** Voz lhes dais o que comer e eles recolhem voz a brisa a vossa mão e eles se fartam.

**Narradora:** Em todas as vezes que eu busquei, ele me ouviu.

**D. André:** É claro que nós somos humanos, temos defeitos, dificuldades e fragilidades humanas, mas o contato fraterno aqui no mosteiro é muito bom. Isso nos une muito e nós temos um voto que se chama estabilidade então a gente não tem transferência de casa. E isso vai criando um laço afetivo entre nós muito forte, então, isso me encanta porque eu convivo, por exemplo, convivo com um dos irmãos aqui que vivemos juntos de São Paulo há 30 anos, há 31 anos. então nós temos nosso afetivo

é muito mais forte do que com a família. Isso me encanta.

**Narradora:** Saciamo-nos dos bens de Vossa casa e do Vosso templo santo. Quando eu amo ó Senhor a vossa lei permaneço o dia inteiro a meditá-la. Ele me guia no caminho mais seguro, pela honra do seu nome.

**D. Leandro Gouvêa:** É uma vida muito, muito dura, no sentido de desapego de viver em comunidade é o ideal, mas também não é tão... tão simples assim de imediato pra quem chega o horário do mosteiro, cotidiano do mosteiro é uma atmosfera é especial é diferente do mundo afora. Eu costumo pensar que quem chega no mosteiro tem que puxar o freio de mão nenhuma vem uma velocidade do mundo lá fora chega aqui tem que puxar o freio de mão que você não tem mais é... a vida que tinha lá fora tem que mudar tem que fazer um sacrifício de... de entrar nessa atmosfera e poder viver o máximo possível.

**D. André:** eu diria que a dificuldade maior é consigo mesmo, sabe? Precisa de muitos anos pra gente conviver quase que pacificamente com a gente mesmo. Há uma ilusão no ser humano e também no monge de que a gente seria aquilo que a gente não vai ser nunca. Mais ou menos assim, é o que normalmente eu falo para os novos: Se Deus me fez diamante, Ele vai burilar essa pedra, mas vou ser sempre diamante, nunca ele vai me fazer um topázio. Quer dizer, eu sou o que eu sou e a graça de Deus vem exatamente para me lapidar, me deixar melhor, mas a gente tem uma ilusão no início, sobretudo, que a gente vai chegar no patamar num lugar onde a gente não foi convidado. Isso é uma grande dificuldade, aceitar a si mesmo, mas se isso eu penso que a gente supera em grande. Eu diria que é..., não só viver consigo mesmo, mas conviver com o outro. A gente precisa descobrir o sagrado que o outro traz dentro de si para a gente se deslumbrar e a gente viver em harmonia. é muito difícil conviver com, sobretudo, com pessoas que você não escolheu, no nosso caso.

**Narradora:** Ele formou o coração de cada um e por todos os seus atos se interessa.

**D. Leandro Gouvêa:** Eu já gostava muito de desenhar desde criança mas quando cheguei no mosteiro eu me deparei com a iconografia que era algo que eu não conhecia já tinha visto alguma coisa mas não... não me chamava a atenção eu percebo que a iconografia surgiu na minha vida junto com a vocação monástica minha vida no mosteiro me atraiu para a iconografia e vice versa, porque a iconografia é a oração e oração com a palavra de Deus e o monge dentro do mosteiro ele é um homem impregnado da palavra de Deus não pintar ícones e pintar a palavra de Deus é só uma forma é especial né é um dom que Deus me deu para poder provar que quando cheguei aqui eu me deparei com essa realidade e aos poucos fui aprendendo, fui me abrindo e hoje é o que costumo dizer que era me que a minha a minha forma de... de louvar a Deus, minha forma de rezar, minha forma de estar em contato com a realidade que interior é que Deus me comunica e eu posso expressar da melhor forma possível.

**Narradora:** Vinde e vede como é bom, como é suave os irmãos viveram juntos bem unidos.

**D. Leandro Gouvêa:** No mosteiro eu estou completo né? É a vida que eu escolhi, é a vida que eu fui chamado a viver e eu amo a rotina do mosteiro. O cotidiano do

mosteiro é pra mim é salutar e faz bem me com um me preenche e põe no centro como dizer que se eu não tivesse os horários se no mosteiro me chamando para a oração eu me tornaria um lago, porque o mosteiro me oferece imagens para no rio correr até Deus né e lá fora não teria essa oportunidade, eu tenho certeza, lá fora não teria é essa dinâmica de vida né tranquila e... e calma todos os dias no mesmo horário que essa disciplina que me... me oferece é esse crescimento interior que eu posso perceber em mim e cada vez que eu percebo que o quanto o quanto eu amo essa vida que eu levo percebo que estou crescendo e as raízes estão crescendo no solo certo.

**Narradora:** eu tranquilo vou deitar me na paz e logo adormeço pois só voz o senhor da insegurança minha vida.

## Apêndice G - PGM 20 04 15 Entrevista - Dom Bento e João da Cruz

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	PGM 20 04 15 Entrevista - Dom Bento e João da Cruz
<b>Autor:</b>	Flávio Moura
<b>Canal:</b>	Arquidiocese de Teresina
<b>Upload:</b>	20 abr. 2015.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=MpqCJxHOiAM">https://www.youtube.com/watch?v=MpqCJxHOiAM</a>
<b>Acesso em:</b>	09 jan. 2023.
<b>ABNT:</b>	ARQUIDIOCESE DE TERESINA. PGM 20 04 15 Entrevista - Dom Bento e João da Cruz. 20 abr. 2015. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=MpqCJxHOiAM">https://www.youtube.com/watch?v=MpqCJxHOiAM</a> >. Acesso em: 09 jan. 2023.

**Flávio Moura:** Olá, irmãos, bom dia. Está começando o programa Em Tuas Mãos desta segunda-feira, dia 13 de abril, mais uma semana que o Senhor nos dá de presente, uma oportunidade de recomeçarmos, de darmos um passo novo na nossa caminhada. Não é, Carla? Bom dia.

**Carla Nery:** Bom dia Flávio, bom dia pra você que nos acompanha, como ele disse, a cada dia nós vamos dando um passo, realizando coisas novas na nossa vida e que nós possamos colocar então nas mãos de Deus todos os nossos projetos, todos os nossos sonhos, porque os sonhos deles são melhores do que os nossos. E assim nós podemos realizar muito mais coisas.

**Flávio Moura:** Quem deposita a sua confiança no Senhor certamente, meus irmãos, não vai se arrepender. Por isso, coloque os seus planos e seus projetos, aquelas atividades que você programou para realizar nessa semana, entregue tudo nas mãos de Deus, peça a intercessão de Nossa Senhora, que certamente melhor intercessora não há.

**Carla Nery:** A gente escuta muito as pessoas brincando, né, que lembram do programa Em Tuas Mãos quando estão em alguma situação difícil. Eu coloco em tuas mãos, já lembro logo do programa aqui de manhã cedo começa levando para você um pouco mais dessa espiritualidade, proporcionando para você nesse início de manhã esse encontro pessoal com Deus, esse momento para conhecer mais a nossa Igreja, é isso que nós fazemos aqui a cada manhã, é essa nossa missão.

**Flávio Moura:** E hoje um convite especial para você. Antes de chamarmos as atrações do nosso programa, nós vamos fazer agora uma pequena oração, a oração que nós já conhecemos pedindo a nossa mãe que nos abençoe, que nos proteja nesse começo de semana, né? Nossa Senhora nos proteja e interceda por cada um de nós, as pessoas que nos assistem nesse momento. Nós, nós te pedimos, minha mãe.

**Juntos:** Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as

mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém.

[Vinheta]

**Flávio Moura:** Nós temos a alegria de receber dom Bento e dom João da Cruz, que são membros da Abadia da Ressurreição, e o tema da entrevista, pessoal, é mostrar para vocês como funciona a vida monástica, o que significa um mosteiro e as pessoas que são interessadas de repente, como participar, como adentrar nesse tipo de vida religiosa. Bom dia para vocês sejam bem-vindos.

**Dom Bento:** Bom dia. Muito obrigado

**Flávio Moura:** Então, Dom Bento, Dom João da Cruz é uma alegria tê-los aqui no programa Em Tuas Mãos. Muito obrigado, começa a entrevista explicando para as pessoas o que é o mosteiro que significa a vida monástica?

**Dom Bento:** O mosteiro... mosteiro beneditino, sobretudo, é um lugar, na Igreja onde nós vivemos como consagrados e onde homens e mulheres, não só católicos, mas homens e mulheres de boa vontade podem entender, participar da nossa vida através das orações que nós rezamos, dos Salmos e também do silêncio que o mosteiro oferece. O mosteiro beneditino é um lugar de acolhida, antes de mais nada.

**Flávio Moura:** Precisa... as pessoas podem visitar, as pessoas podem visitar...

**Dom Bento:** Sim, podem visitar. Nós temos hoje uma pequena hospedaria também. Sim, e cabem somente 6 pessoas, infelizmente bem pequena, mas nós temos muita procura, pessoas que passam o dia, que passam algumas horas no mosteiro e que param para rezar conosco.

**Flávio Moura:** Vocês têm vida de oração plena, vida em silêncio também, mas também tem trabalhos externos, trabalhos sociais, como que funciona essa questão?

**Dom Bento:** Todo o nosso trabalho acontece dentro do mosteiro. Então, nós não temos um trabalho externo, tudo o que nós fazemos é do portão do mosteiro para dentro. Claro que, às vezes, por necessidade, nós... Eu que sou padre ou outros padres do mosteiro. Saímos, por exemplo, para atender o hospital ou funerária, por exemplo, é... funeral. Às vezes, as pessoas não encontram o padre disponível, não tem um diácono e pedem no mosteiro...

**Flávio Moura:** ...podem ter acesso ao mosteiro...

**Dom Bento:** Sim, não é o normal, mas fazemos. Esse é um trabalho já extraordinário.

**Flávio Moura:** Ao lado de Dom Bento, a gente recebe Dom João da Cruz, que é piauiense, né? teresinense, que está há um bom tempo já na vida consagrada, no Mosteiro de São Bento, lá de Ponta Grossa, no Paraná. Como surgiu esse chamado na sua vida para adentrar o mosteiro?

**Dom João da Cruz:** Eu trabalhava com a Paulinas né, trabalhava com a Paulinas



aqui em Teresina e surgiu a oportunidade de ir a Ponta Grossa para conhecer um monge que residia lá. E eu fui sem compromisso nenhum. Assim, há 10 anos atrás, cheguei para ficar duas semanas, fiquei, fiquei mais de 15 dias, fiquei uns 20 dias.

**Flávio Moura:** Mudou a programação, né?

**Dom João da Cruz:** Nesta ida, né? Eu convivendo com a comunidade, eles haviam acabado de gravar um CD pela Canção Nova chamado... é... Minha Casa É Casa de Oração e nós fomos a Canção Nova, gravar é... lançar esse CD. A ida com a comunidade, o retorno, clima de fraternidade, não é, rezar com os irmãos foram é mexendo comigo e me chamando atenção ao vazio que tinha, né? Eu lembro muito de um grande bispo da nossa, da nossa, da nossa região, que eu tenho um carinho muito especial, que é o Eduardo Zielski. Eu cheguei para ele uma vez, assim onde eu tenho tudo o que um jovem quer. Tenho dinheiro, ajudo os meus pais, tenho grandes amigos, mas por dentro eu sou tão infeliz, né? Tenho um grande vazio. E aí ele disse isso é vocacional, você tem que fazer uma experiência. Eu falei do mosteiro. Ele...

**Flávio Moura:** Assim como você, muitas pessoas, não é Dom João da Cruz? Com certeza sentem a mesma coisa.

**Dom João da Cruz:** É graças a Deus, jovens batem a nossa porta, fazem experiência e muita gente está sendo chamado, né? Isso é um presente muito feliz.

**Flávio Moura:** Dom João da Cruz e Dom Bento estão aqui presentes no nosso estúdio também trouxeram algum... alguns objetos, né, que fazem parte dessa vida consagrada no mosteiro que vocês fazem parte. Que objetos são esses que vocês trouxeram para a gente? As pessoas acompanham agora nas imagens, enquanto a gente pode falar certo, quais são os...

**Dom Bento:** Se você puder explicando *chotki*, né?

**Dom João da Cruz:** Nós temos o *chotki*, que que é o cordão de nós certas...

**Flávio Moura:** As pessoas estão acompanhando.

**Dom João da Cruz:** Essa é uma tradição ortodoxa, né? *Chotki* de 33 nós, lembrando a idade do Cristo, sim, de 50 e de 100 nós.

**Flávio Moura:** Outros produtos que vocês também estão comercializando, né? São... são livros, é um vinho também, que mais que vocês trouxeram para a gente?

**Dom João da Cruz:** Temos o incenso e uma coisa que nós queríamos destacar como nosso produto o nosso informativo, nós estamos mensalmente enviando para todo o Brasil o boletim informativo da Abadia da Ressurreição, contendo artigos de espiritualidade que atualmente faz... estão fazendo muito bem a paróquia, a seminários, a conventos que nós levamos através deste informativo a nossa espiritualidade.

**Flávio Moura:** As pessoas que nos assistem neste momento, como conhecer melhor? tem algum endereço de internet, algum telefone de contato? Deixem por favor pra

gente.

**Dom João da Cruz:** Nós temos a *home page*, que é [www.abadiadaressurreicao.org](http://www.abadiadaressurreicao.org). E lá na nessa *home page*, você tenha como como poder agendar para ficar na hospedaria...

**Flávio Moura:** Informações sobre a missão de vocês...

**Dom João da Cruz:** ...o horário das orações...

**Flávio Moura:** ...todos os detalhes...

**Dom João da Cruz:** é, todos os detalhes.

**Flávio Moura:** Você encontra na... [www.abadiadaressurreicao.org](http://www.abadiadaressurreicao.org) você encontra nesse endereço na internet. Mais informações sobre o Mosteiro de São Bento, lá de Ponta Grossa, no Paraná.

## Apêndice H – Quem é Dom André Martins

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	QUEM É DOM ANDRÉ MARTINS @AbadiadaRessurreicao [CC]
<b>Autor:</b>	Padre Anísio José
<b>Canal:</b>	TV Evangelizar
<b>Upload:</b>	17 de dezembro de 2017
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=eSG9kgalQbs">https://www.youtube.com/watch?v=eSG9kgalQbs</a>
<b>Acesso em:</b>	30 nov. 2022.
<b>ABNT:</b>	TV EVANGELIZAR. QUEM É DOM ANDRÉ MARTINS @AbadiadaRessurreicao [CC]. 17 dez. 2017. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=eSG9kgalQbs">https://www.youtube.com/watch?v=eSG9kgalQbs</a> >. Acesso em: 30 nov. 2023.

**Padre Anísio José:** Chegamos em Ponta Grossa, Paraná, no Mosteiro da Ressurreição, Abadia, e hoje nós vamos conhecer a vida do abade Dom André Martins. Ele tem muita história pra contar. Vem comigo!

[Vinheta]

**Dom André:** Olá, padre. Satisfação.

**Padre Anísio José:** Como vai? Obrigado por nos acolher aqui no Mosteiro da Ressurreição... abadia!

**Dom André:** Abadia, sim.

**Padre Anísio José:** E qual é o lugar que o senhor escolheu...

**Dom André:** Bom, eu escolho...

**Padre Anísio José:** (Para) um passeio...

**Dom André:** Itaiacoca, que é um distrito aqui de Ponta Grossa onde nós estamos construindo nosso novo mosteiro. Nós vamos ter a nova abadia.

**Padre Anísio José:** Vamos lá então. Vem comigo!

**Padre Anísio José:** Dom André, abade do Mosteiro da Ressurreição. A pergunta chave do nosso programa: quem é você?

**Dom André:** Bem... Eu sou Dom André, abade do Mosteiro da Ressurreição aqui de Ponta Grossa, monge beneditino e eu sou natural de São Paulo, mas apenas nasci e fui pra uma cidade próxima à capital que se chama Atibaia, que hoje é bastante

conhecida. Naquele tempo era uma cidade barroca, menor, muito encantadora. Hoje cresceu muito, mas a minha família toda estava lá naquele momento...

**Padre Anísio José:** Quantos irmãos? Desculpe...

**Dom André:** Eu sou filho único...

**Padre Anísio José:** Ah, sim... já peço desculpas que eu vou interromper o senhor durante o programa.

**Dom André:** Eu sou filho único e na minha primeira fase de adolescência eu não estava nem muito ligado à Igreja apesar da minha família ser bastante católica. Mas eu comecei a sentir... não sei, não sei explicar bem... uma busca um pouco maior, um pouco mais profunda. E aí eu fui fazer o primeiro ano de Química no Liceu Coração de Jesus de São Paulo...

**Padre Anísio José:** Nos salesianos...

**Dom André:** Nos salesianos e como eu não, não dava pra voltar todo dia pra casa e eu fiquei em pensionato...

**Padre Anísio José:** Em pensionato... e sua família pressionado, os pais...

**Dom André:** Então eu fui criado por tios. A minha mãe morreu, era muito pequenininho e meu pai constituiu uma outra família.

**Padre Anísio José:** Quantos anos eu tinha quando sua mãe morreu?

**Dom André:** Ela tinha 6 anos, mas é o seguinte, desde que eu nasci, ela estava gravemente doente, nunca saiu do hospital. Então, durante 6 anos, ela ficou no hospital e eu já fui criado pelos tios. Os tios paternos. E eu estava no liceu, gostava muito de química. Hoje eu dou risada, porque eu sou muito estabonado, né? Acho que não seria bom químico, é...

**Padre Anísio José:** é técnico?

**Dom André:** Técnico, não é bom, enfim. E um dia, voltando do colégio.

**Padre Anísio José:** O que idade?

**Dom André:** Eu tinha 18 anos e voltando do colégio. Eu passei na frente no largo de São Bento, passei na frente do mosteiro. Eu vi os sinos tocando lá. Tem sido os grandes bonitos. E aí decidi. Eu vou entrar. Nunca me chamou atenção a igreja ali na praça, né? Até porque eu fazia parte da pastoral é... que o colégio é que o colégio oferecia... isso mesmo. Era um pouco acompanhado vocacionalmente.

**Padre Anísio José:** Salesianos, né?

**Dom André:** É, eles são eficientes e bons, muito bons, enfim. E aí entrei quando entrei na igreja, os monges estavam entrando em fila para celebrar as vésperas. Muito

solene, órgão, tudo e aquilo me tocou profundamente e eu disse “é aqui, é isso que eu procuro”. E me marcou até hoje. Eu assim eu sei a data, 6 de agosto, 5:20 da tarde...

**Padre Anísio José:** Sabe até o horário

**Dom André:** É porque o horário das vésperas naquela época, mas me tocou profundamente...

**Padre Anísio José:** Na volta, na volta tranquilo, não tinha pressa.

**Dom André:** Exatamente aí. Eu, nos dias seguintes, eu fiz a mesma coisa, aí eu vi que era mais simples, mas os monges entravam, cantavam a oração da tarde, saíam... Depois, na semana seguinte, lá havia um sacristão que era conhecido no centro da cidade, porque ele deixava a igreja em ordem. E ele me via com a pasta do colégio e aí ele não se aguentou...

**Padre Anísio José:** Todos os dias?

**Dom André:** Todo dia... ele vem me perguntar quem eu era, eu disse que era aluno dos... dos salesianos e perguntou, por que que eu vinha todo dia à tarde? Eu disse, olha, eu gostei muito, gostaria de ser padre, ela está, então eu vou lhe apresentar um padre. E no dia seguinte, veio um padre, que na época era muito jovem, então tinha facilidade.

**Padre Anísio José:** Do nome dele?

**Dom André:** Dom Lucas. Ele tinha muita facilidade de trato, de trato com os jovens, né? E ali começamos, né? Eu entrei com 25 anos...

**Padre Anísio José:** Criação dos seus tios, desculpe...

**Dom André:** Eles... Eles não se opuseram.

**Padre Anísio José:** Né? Não se opuseram.

**Dom André:** Não é. Nunca perguntei se eles gostaram. É diferente, né? A família não acreditava muito em mim, é verdade. Eles não acreditavam. Eles foram acreditando à medida que eu fui ficando, né? Permanecendo, perseverando, mas ninguém acreditava muito, não. E entrei no São Bento, tive a formação inicial toda lá.

**Padre Anísio José:** Concluiu o Ensino Médio?

**Dom André:** Sim, e quando eu ia fazer os votos solenes? O abade, com conselho, capítulo, achou melhor que nós fizessemos aqui na fundação.

**Padre Anísio José:** Fizer uma fundação, é.

**Dom André:** Porque é o seguinte, nós fazemos um voto que se chama estabilidade.

**Padre Anísio José:** Estabilidade.

**Dom André:** Não faria sentido fazer estabilidade para o mosteiro que nós estávamos partindo, né? Então nós viemos... renovamos os votos e ficamos mais seis anos.

**Padre Anísio José:** Em quantos? (Como?) Em quantos membros?

**Dom André:** Nós éramos em dez.

**Padre Anísio José:** dez...

**Dom André:** E daqui aqui ficamos dois. É, de dez, ficamos dois aqui? Não, mas tem um que ficou a base na Bahia, outro ficou abade no Rio, depois deixou, um e padre na Alemanha, um casou. Alguns nós não temos notícias.

**Padre Anísio José:** Daquele grupo dos 10 grupo, mas eu já fiquei sabendo porque eu já li um pouco da história de vocês que vocês tiveram muitas dificuldades no início da fundação aqui e sobre essas dificuldades, nós vamos falar daqui a pouco depois do intervalo. Fique com a gente.

[Vinheta]

**Padre Anísio José:** Quem é você?

**Dom André:** Bem... Eu sou dom André, abade, do Mosteiro da Ressurreição, aqui de Ponta Grossa. Monge beneditino.

**Padre Anísio José:** Dom André, uma questão ficou lá dentro do carro, nós deixamos, o senhor, então, aos 25 anos de idade, junto com um grupo de monges. É... tiveram que sair de São Paulo e vieram para uma nova fundação, com muitas dificuldades no início. Conte para nós.

**Dom André:** Então, eu preciso para responder, contextualizar um pouquinho. Os monges, eles são independentes, uma casa, um mosteiro independente do outro e há dois tipos de fundações, uma fundação abadia-mãe assume... há outro tipo de fundação que foi a nossa fundação, a abadia não assume. Quer dizer, o grupo que deseja fazer a fundação, o abade abençoa os irmãos e os irmãos vão, e a abadia-mãe não tem compromisso nenhum com esse...

**Padre Anísio José:** É o senhor fez parte do grupo que quis uma nova fundação.

**Dom André:** Exatamente, então o vocês São Paulo não teve compromisso algum conosco...

**Padre Anísio José:** Mas não eram os rebeldes?

**Dom André:** Éramos chamados. (risos) Eram chamados bons rebeldes, até porque na época é... isso foi em 81. Nós usávamos calça jeans com uma jaqueta. Isso era, né? Imagina o monge usar calça jeans? Mas, enfim, nós éramos chamados...

**Padre Anísio José:** Hoje se falam dos santos de calça jeans...

**Dom André:** Nós éramos chamados de rebeldes. E nós viemos com muita dificuldade do ponto de vista econômico, muito mesmo, e ficamos três anos no santuário de Vila Velha, aqui no parque estadual. Nós nunca chegamos a passar fome, mas, assim, quase no limite, né? Quando ia acontecer, Deus mandava sempre alguém uma visita às religiosas, enfim, e nos abasteciam e assim nós vivemos por longos anos.

**Padre Anísio José:** E tinha algum trabalho para o sustento?

**Dom André:** Não, nós não conseguimos desenvolver, a não ser artesanato, mas artesanato é... Não é? Quando nós deixamos Vila Velha, fomos para onde nós estamos, aí nós começamos organizar em termos de horta e aí que começou também a fábrica de velas, não é? Então nós somos é tendo um pouco mais...

**Padre Anísio José:** A fábrica de vela, então, está nas origens... da fundação?

**Dom André:** Está, isso é, foi presente desse mosteiro que nós fizemos depois contato com ir [inaudível] na Holanda. Eles têm uma fábrica de vela lá. E nós iniciamos naquela época, nós fazemos essas velas pequenininha que a gente chama de cemitério. (Aham). Então é um trabalho medonho. Nós colocávamos no mercado, mas não conseguimos... concorrência, obviamente e tal e aí nós partimos para velas é... litúrgicas, né? Ligadas a...

**Padre Anísio José:** Círio Pascal.

**Dom André:** Círio Pascal ...

**Padre Anísio José:** talvez a vela mais conhecida do mosteiro.

**Dom André:** É, nós vendemos até pro Roraima, né isso... E aí nós fomos criando uma estrutura melhor é... Aí tivemos a ajuda de instituições europeias como [inaudível, mas cita duas instituições] tem na época, né? E, por fim, no bum do gregoriano nós gravamos e aí nós subimos...

**Padre Anísio José:** Na década de 90...

**Dom André:** Isso... a ala nova que nós precisávamos, porque tinham vocações, nós construímos com dinheiro dos CDs.

**Padre Anísio José:** Se tornaram conhecidos no Brasil por causa da foi da música e também da mídia que...

**Dom André:** É exatamente, mas tinha uma peculiaridade, porque nós começamos a musicar e a compor é... em português, não é? Com a melodia gregoriana, quer dizer, nós respeitamos o modo gregoriano, mas na língua portuguesa. Eu tinha visto isso na Alemanha, tinha visto isso é na Holanda, sabe? Na Espanha, então, pensar “mas, por que que em português não podemos fazer?”, não é? E aí começamos e temos esse trabalho, é praticamente trinta anos já fazendo, não é?

**Padre Anísio José:** Voltando àquele grupo, ainda. O senhor se tornou então o prior, superior, já daquele grupo, ou ainda não?

**Dom André:** Não. Conosco, veio o que era o nosso mestre. Ele ficou por dez anos prior, que...

**Padre Anísio José:** O nome dele?

**Dom André:** Dom Lucas.

**Padre Anísio José:** Aquele que o acolheu?

**Dom André:** Exatamente.

**Padre Anísio José:** Aos 19 anos.

**Dom André:** Isso depois ele deixou e em 91 eu assumi como prior. E depois de 97, eu... Eu fui... Eu me tornei abade.

**Padre Anísio José:** O senhor tinha quantos anos quando assumi como prior?

**Dom André:** 34, não, desculpe, é ia completar 35 é...

**Padre Anísio José:** Tinha... quantos monges na época, eram quantos?

**Dom André:** Eu não me recordo, mas não passávamos de 15 com certeza é...

**Padre Anísio José:** Se tornaram conhecidos no Brasil. E aí o número de vocações também aumentou?

**Dom André:** Aumentou, aumentou... É... Nós temos sempre vocações, sempre tivemos. Obviamente, a vida monástica bastante exigente pelo estilo de vida, então nem todos chegam à profissão solene não é, e nós vivemos numa cultura do descartável, do instável, enfim, nós também tivemos irmãos que deixaram, lamentavelmente...

**Padre Anísio José:** Aham, muitos passaram...

**Dom André:** Muitos.

**Padre Anísio José:** É... momentos auge, assim importantes da fundação?

**Dom André:** Pois é, meu irmão. Foi quando a Santa Sé nos reconheceu como mosteiro beneditino, que nós viemos e não tínhamos segurança nenhuma. Nós não tínhamos...

**Padre Anísio José:** Os rebeldes, né?

**Dom André:** É, os rebeldes, não é? Esperávamos a documentação da Santa Sé, né? E quando chegou foi uma grande alegria. Quer dizer, a Igreja nos reconheceu...



**Padre Anísio José:** Reconhece depois de quantos anos?

**Dom André:** É, depois de 3 anos, nós ficamos 3 anos *ad experimentum* é, e isso foi uma grande alegria mesmo, porque corria o risco de nós não sermos aceitos, não é?

**Padre Anísio José:** Poderiam voltar atrás?

**Dom André:** Não. É... olha, o abade nos disse e eu entendo hoje quando era jovem, não entendia...

**Padre Anísio José:** Agora que o senhor é abade...

**Dom André:** Entendo, ele tinha que tomar a sua posição em relação à comunidade na qual ele comandava, né? Então ele nos disse, está muito bem, eu dou a benção, vocês vão, mas não há retorno. Certo?

**Padre Anísio José:** Ah, por isso vocês estavam aguardando aquele documento da Santa Sé.

**Dom André:** Nós poderíamos ter desistido cada um e ter ido para casa retomar a vida. Eu não sei... eu sei hoje é a vontade de Deus, nós ficamos, né? E depois de muitos anos... nós tivemos sempre dificuldade com essa palavra do abade, né? E um dia nós entendemos. Nós dizemos em casa que fazemos leitura ou sacramental, isto é uma leitura de fé da história, não é? Se ele nos dissesse “olha, vocês vão...”

**Padre Anísio José:** Certo? bom, portas estão abertas.

**Dom André:**... Nosso mosteiro não existia, não existia. Nós teríamos voltados todos. Verdade, verdade teríamos voltado. Isso é...

**Padre Anísio José:** E foi importante, aquela palavra do abade.

**Dom André:** Mas nós entendemos depois, mas tem uma imagem bíblica que me ajuda a entender assim muito bem essa realidade. Israel quando saiu do Egito, atravessou o mar na manhã seguinte, quando o Sol vai despontar toda Israel já está do lado de lá e vê que o mar subiu, não tem volta, não tem...

**Padre Anísio José:** Volta, o mar subiu.

**Dom André:** O mar subiu daqui pra frente, né? Que foi a nossa história.

**Padre Anísio José:** E um momento de dificuldade nesse período?

**Dom André:** Muita dificuldade. Muita dificuldade.

**Padre Anísio José:** Dessa nova fundação, agora...

**Dom André:** Sim muita dificuldade, porque nós não tínhamos recursos para viver, às vezes até... com o necessário, nós não tínhamos a estrutura do mosteiro, não é.

Faltavam espaços, é, não tínhamos muitas vezes assim, condições de celebrar bem, sabe? Então foi muito sofrido mesmo, os irmãos mais velhos, tiveram uma experiência muito dura.

**Padre Anísio José:** Aqui parece uma nova fundação, parece que o abade continua sendo rebelde ainda?

**Dom André:** Pois é.

**Padre Anísio José:** Essa pergunta o abade vai responder daqui a pouco depois do intervalo, fique com a gente.

[Vinheta]

**Dom André:** Muita dificuldade, porque nós não tínhamos recursos para viver, às vezes até com o necessário. Nós não tínhamos a estrutura do mosteiro. Faltavam espaços. Então, foi muito sofrido.

**Padre Anísio José:** Dom André, porque um novo mosteiro?

**Dom André:** Então, meu irmão, nós tínhamos uma proposta, o grupo, quando saímos de São Paulo de é... constituir, organizar um mosteiro rural. Poucas origens, de São Bento, Monte Cassino é muito distante numa região rural

**Padre Anísio José:** Que aqui lembra muito o Monte Cassino.

**Dom André:** Exatamente. É, e nós fomos a Vila Velha que nos foi oferecido. Não pudemos é permanecer porque é um parque estadual. Enfim, aí conseguimos adquirir... o lugar onde nós estamos, onde o mosteiro está construído. Já na época, achávamos que a cidade ia se expandir e crescer, que é o que acontece, é que nós ficaremos num bairro. É o que está acontecendo. Nós não temos absolutamente nada contra um bairro, enfim, mas a forma de vida monástica muda. É, então nós dizemos assim, para não mudar de ideal, vamos mudar de local, né? E aí decidimos, decidimos, já tem mais de 10 anos essa decisão, mas nós não tínhamos ainda condições de dar o primeiro passo. Até o dia que Deus permitiu, por isso escolhemos esse local, né? que é bastante preservado e de maneira que o motivo pelo qual nós estamos construindo é esse, né? Manter o ideal.

**Padre Anísio José:** Quais foram os critérios para a escolha deste local desse terreno?

**Dom André:** Olha, nós criamos, é o critério. Era muito simples: distante, mas com fácil, de fácil acesso. Nós não queremos um lugar onde as pessoas não cheguem. Nós queremos que as pessoas venham mosteiro, mas a relativa distância para quem vive no urbano é exatamente né? Na, na cultura urbana, possa ter uma alternativa. Por exemplo, no fim de semana, passar alguns dias, mosteiro ou mesmo fim de semana você, mudar de ambiente, né? E o mosteiro pode deve oferecer isso, não é? E então nós queríamos um lugar distante, mas com fácil acesso, e eu estava com mais um irmão, eu gostei sempre dessa região, não é? Já conhecia, por causa da altura e tal, e nós passamos ali embaixo e eu disse para ele: "Será que aquele morro faz parte dessa desse sítio?" Precisávamos estar a perguntar. E aí entramos,

perguntei. Ele diz, faz, falei, mas se o dono ele disse, quem era o proprietário, não está vendo? Falou de jeito nenhum. Puxa vida, né? Mas nós insistimos, nós fomos atrás do proprietário e aí conseguimos. Nós vendemos uma parte do terreno que nós tínhamos. Aí nós tivemos um bom benfeitor que cobriu a outra parte.

**Padre Anísio José:** E conseguiram comprar um terreno?

**Dom André:** Conseguimos comprar, não é esse bom feito, bom feito, bem feito.

**Padre Anísio José:** E bom feitor também

**Dom André:** Bom feitor, exatamente, foi exatamente é os Irmãos Maristas, que são muito amigos nossos, não é? Eles foram muito generosos conosco na época. Não tem. Então?

**Padre Anísio José:** Agradecimento aos irmãos maristas, então.

**Dom André:** Sim, sim, não é? Nós fizemos. Nós vamos ainda construir uma Capela Champagnat.

**Padre Anísio José:** Ótimo, ótimo, ótimo. E aqui, então vocês aumentam também o número para os monges e também para os hóspedes. Será um mosteiro maior?

**Dom André:** Não, não sei se maior nós não temos igreja e nós queremos ter a igreja e portaria que nós não temos lá é a nossa capela é pequena. Agora, a hospedaria de fato é grande. Lá são 4 quartos que são 16. A não é há muito pedido de pessoas, sobretudo na Semana Santa.

**Padre Anísio José:** Do Brasil inteiro?

**Dom André:** Brasil inteiro. Brasil inteiro. Insistem para algumas celebrações. Nós não temos espaços, pequenos grupos que gostariam de ir assim, um fim de semana de retiro. Por isso nós fizemos a sala, né pra isso, né? Os irmãos podem orientar um retiro ou um pequeno curso, enfim.

**Padre Anísio José:** Né? E silêncio.

**Dom André:** Silêncio e a beleza toda.

**Padre Anísio José:** natureza exuberante.

**Dom André:** É, e viemos é praticamente próximo da onde nós começamos, que é Vila Velha, né? Aham, então. Parece que estamos voltando às origens de novo.

**Padre Anísio José:** Dom André se um jovem está inquieto nos seus 18 ou 19 anos, talvez vai ouvir também o som do sino ou talvez um outro, um outro chamado. Como que ele deve fazer para procurar os monges beneditinos?

**Dom André:** Hoje é pelo site hoje, ninguém mais escreve carta. Nós temos que escrever a carta, não é hoje pelo site, nós temos um site, é só procurar

abadiadaressurreicao.org e lá tem um link de vocacionados. Então nós temos um irmão no mosteiro que o trabalho dele é esse. Ele é muito dedicado, é alguém que se dedica a escrever, responder, enfim.

**Padre Anísio José:** Esse alguém é quer ajudar como bom e bem feitor desta obra, o que deve fazer?

**Dom André:** É agora eu passo a palavra para esse meu irmão.

**Padre Anísio José:** Irmão Atanasio, então como que eu posso me tornar um bom e bem feitor desse novo mosteiro e também desta obra tão bonita?

**Dom Atanásio:** Pois é, a gente tem várias maneiras de receber ajuda, não é? É uma delas seria através da conta, né, pessoa, afetar o depósito que eu nós vamos, vamos colocar aí e outra seria através de materiais é,

**Padre Anísio José:** A pessoa pode trazer material para cá?

**Dom André:** a pessoa, pode trazer material, a pessoa pode da gente pode até ir buscar, dependendo do que de material for, etc., se a gente tiver condições, né? Então é cimento, às vezes tijolo, a gente, usa um tijolo específico não é, às vezes uma carga de tijolo, então é essa é um caminhão, não é de tijolo, é então a gente tem várias maneiras de ajudar aqui. Não é só financeiro, não é a questão de materiais também...

**Padre Anísio José:** e pode entrar em contato também pelo site,

**Dom André:** Exatamente, pelo site. Ali tem um e-mail, né? geral, é do site. Os irmãos entram em contato, aí passam para nós e a gente entra em contato com a pessoa

**Padre Anísio José:** Que legal, eu já sou um benfeitor desta obra.

**Dom André:** Obrigado, padre.

**Padre Anísio José:** Chegou o momento tão esperado de quem já segue o programa: Pingue-pongue. Nós vamos para um outro ambiente e eu vou fazer algumas perguntas fundamentais para o abade do André. Caro abade, Dom André, este é o momento mais esperado do programa Pingue-pongue. Algumas perguntas breves com respostas Breves também a primeira. Deus?

**Dom André:** É tudo na nossa vida.

**Padre Anísio José:** O oposto, o mal, o demônio?

**Dom André:** É o que nós devemos afastar o tempo todo, fugir.

**Padre Anísio José:** Com o pecado?

**Dom André:** Com o pecado, nós devemos pedir a graça e extirpá-lo da nossa vida.

**Padre Anísio José:** O senhor é um homem sonhador, sonho?

**Dom André:** Sou.

**Padre Anísio José:** Fale algo sobre sonho.

**Dom André:** Eu sou sonhador, sim, eu sempre sonho alto. E eu acredito que Deus me abençoa quando é um projeto bom, um bom sonho.

**Padre Anísio José:** Vocação?

**Dom André:** Vocação é uma benção de Deus. Mas a comunidade monástica precisa estar bem para receber.

**Padre Anísio José:** Vou mais para o lado pessoal. Mãe?

**Dom André:** Eu não tenho experiência da mãe biológica, por favor, porque foi criada por uma tia que foi minha mãe, não é? E nós trazemos marcas, eu digo boas, da maternidade.

**Padre Anísio José:** Pai?

**Dom André:** O pai também, eu não tive o pai, mas tive meu tio como pai, mas ele me ensinou pelo menos responsabilidade. E faz muito bem.

**Padre Anísio José:** O senhor é filho único. Depois foi criado por tios, que também não tiveram filhos, tiveram filhos, mas faleceram antes e agora tem uma grande família de irmãos...

**Dom André:** A vida monástica me ensinou a deixar de ser filho único e saber repartir tudo. Filho único tem dificuldade em repartir coisas, pessoas, afetos, né?

**Padre Anísio José:** Deixou de ser filho, irmão, para ser pai.

**Dom André:** Exatamente, mas. Isso é. É muito bom ser pai.

**Padre Anísio José:** Muito obrigado, obrigado por nos acolher nesse pedaço do sonho. Nós viemos visitar o seu sonho é... que muitos outros jovens também se tornem também rebeldes para o bem, para construir.

**Dom André:** Obrigado.

**Padre Anísio José:** Sonhos e ajudar também os outros a sonharem, assim como irmão Atanásio e tantos outros. Muito obrigado por nos acolher no mosteiro e sua benção para todos nós.

**Dom André:** Eu agradeço muito padre Anísio pela... por essa oportunidade, porque sempre uma forma de evangelizar não é.

**Padre Anísio José:** Evangelizar é preciso.

**Dom André:** Evangelizar é preciso. Um abraço.

**Padre Anísio José:** *Abá, pai, papaizinho, abade.* O pai de uma comunidade. No programa de hoje, nós conhecemos a vida de Dom André, abade de uma comunidade monástica. Mosteiro da ressurreição, em Ponta Grossa. Veja, não obstante, ele não foi criado pela sua mãe, pelo seu pai, pelos seus tios. E aprendeu a responsabilidade. Depois se sentiu chamado e respondeu com coragem. A sua rebeldia foi uma rebeldia positiva. Seu sonho foi confundido com rebeldia. E hoje ele é exemplo. Exemplo na igreja, exemplo para todos nós. Que você também, olhando este bonito exemplo do programa de hoje, consiga investir nos seus sonhos. Eu sempre me pergunto quem sou eu? Quem é você?

## Apêndice I - Mosteiro da Ressurreição

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Entrevista2016-01
<b>Título:</b>	Mosteiro da Ressurreição
<b>Autor:</b>	Marcelo Almeida Cultura
<b>Canal:</b>	Marcelo Almeida Cultura
<b>Upload:</b>	23 de fevereiro de 2016
<b>Link:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=O2-7nia7fdQ">https://www.youtube.com/watch?v=O2-7nia7fdQ</a>
<b>Acesso:</b>	15 de setembro de 2022

### Transcrição

Início: Canto Gregoriano em Português

**Irmão Eduardo:** Ressurreição significa "vida nova",

**Entrevistador:** Ressurgir

**Irmão Eduardo:** ... "ressurgir" da morte

**Entrevistador:** para a vida.

**Irmão Eduardo:** para a vida né?! E a vida monástica, quando acolhe um peregrino que vem até ao nosso encontro, esse peregrino fazendo essa experiência de silêncio, de recolhimento, participando da liturgia, percebemos que ele faz essa experiência, né?!, da morte para a vida, essa ressurreição. O Mosteiro da Ressurreição é vida de muitas pessoas que vêm participar conosco, que estão aqui conosco, e são os nossos amigos e que até os monges mesmo. Tem sido ressurreição na vida de todos.

**Entrevistador:** Acho que estou no lugar mais amado aqui do lugar. Esse é o claustro?

**Irmão Eduardo:** É. Esse espaço que, realmente, ele é muito bonito e é bem significativo, né?!

**Entre:** Ele fala sozinho.

**Irmão Eduardo:** O claustro, ele tem esse significado de fazer a unidade entre a capela. Aqui nós temos o capítulo, a sala de capítulo nós temos o refeitório. [sinos interrompem]

**Entrevistador:** Chama de irmãos ou chama de monges?

**Irmão Eduardo:** A gente chama de irmão. Irmão Eduardo. Aqueles que já têm os votos solene nós chamamos de dom.

**Entrevistador:** Eu tô aqui em Ponta Grossa. O que esse ambiente aqui para você?

**Irmão Eduardo:** este espaço este espaço, a gente chama de mosteiro. Mosteiro é um lugar onde vivem monges, né?! Que vivem uma vida unicamente para buscar a Deus. Esse é objetivo. Todas as características que nós podemos aqui detalhar, ela tem um objetivo que é buscar a Deus.

**Entrevistador:** Você como um irmão, como monge, você não tem um papel de evangelizar pessoas? Não?

**Irmão Eduardo:** O nosso papel de evangelizar pessoas é aqui no mosteiro. É, então nós temos a hospedaria.

**Entrevistador:** Posso dizer que isso é um retiro? Posso vir aqui e ficar cinco dias aqui?

**Irmão Eduardo:** Pode. É uma casa de retiro, para retiro. De terça a domingo.

**Entrevistador:** Você hoje está no papel...

**Irmão Eduardo:** de irmão hospedeiro.

**Entrevistador:** de irmão hospedeiro.

**Irmão Eduardo:** De irmão hospedeiro.

**Entrevistador:** Na conexão hoje aqui quem dá uma auxiliada é você.

**Irmão Eduardo:** Exatamente. É essa conexão do mosteiro e hóspede, são os irmãos hospedeiros que fazem esse trabalho.

**Entrevistador:** Hoje foi um dia diferente. Agradeço a Deus de ter vindo aqui gravar hoje.

**Irmão Eduardo:** Que bom.

**Entrevistador:** É um dia que emociona a gente.

[Canto Gregoriano em Português].

**Irmão Eduardo:** O que os monges fazem? Um outro monge respondeu "Nada. Mas é nesse nada que Deus manifesta".

**Entrevistador:** É nesse nada que está tudo.

[Irmão Eduardo consente com um gesto.]

**Ambos:** um abraço.

[Finaliza com Canto Gregoriano em Português];



## Apêndice J – D. André, OSB, para os acadêmicos do Curso de Canto Gregoriano e Polifonia Sacra

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Profissional
<b>Título:</b>	D Andre´, OSB, para os acade^micos do Curso de Canto Gregoriano e Polifonia Sacra
<b>Autor:</b>	D. André Martins
<b>Canal:</b>	Delphim Rezende Porto
<b>Upload:</b>	31 jan. 2019
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fBomUSvVJHU">https://www.youtube.com/watch?v=fBomUSvVJHU</a>
<b>Acesso em:</b>	20 dez. 2022.
<b>ABNT:</b>	DELPHIM REZENDE PORTO. D Andre´, OSB, para os acade^micos do Curso de Canto Gregoriano e Polifonia Sacra. 31 jan. 2019. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=fBomUSvVJHU">https://www.youtube.com/watch?v=fBomUSvVJHU</a> > Acesso em:20 dez. 2022.

**Dom André:** Meu caro Delphim e amigos do curso de gregoriano e de polifonia da PUC de São Paulo. Meu abraço fraterno a todos vocês.

A pedido do Delphim, eu vou falar um pouco da história ou, digamos, da origem do trabalho, do canto gregoriano aqui nosso mosteiro. Esse trabalho iniciou-se quando nós chegamos aqui em Ponta Grossa, praticamente em 1981. Mas de uma maneira muito tímida e sem grandes técnicas.

Mas quando eu tive a oportunidade de ir a Roma estudar, numas férias, eu fui passar o Natal com as nossas irmãs, [inaudível], na Baviera. E lá nas primeiras vésperas de Natal, as irmãs cantaram o hino de Natal na melodia gregoriana, com a letra em alemão. Naquele tempo, eu sabia um pouquinho do alemão e vi que não era a tradução do latim.

E quando terminou ofício de vésperas, eu perguntei à sacristã. E ela me disse: “olha, tem um monge da abadia de [inaudível] que compõem em gregoriano e compõem texto para melodias do hinário do gregoriano tradicional. E aí eu pensei, se em alemão é possível, em português, muito mais sendo a língua é neolatina mais nova, não é?

E muito próximo... a sonoridade é muito próxima do latim. Então, naquela noite, eu sentei me na escrivaninha vendo a neve cair, porque estavam uns 15° abaixo de zero, e escrevi a primeira letra do hino que nós temos, que é do hino de Natal.

E de lá nós começamos um trabalho de compor os hinos. Então eu usava o texto, ou melhor, a melodia gregoriana e compunha a poesia. Outras vezes eu compus a melodia e o texto também.

Quando eu cheguei, em (19)87, em (19)88, eu comecei a musicar as antífonas e... E o meu critério foi o seguinte: Usar os modos gregorianos do primeiro ao oitavo modo. E ter a sensibilidade de colocar a tônica da melodia, não é?, exatamente na tônica da frase ou da palavra e assim nós, musicamos praticamente todo o Ofício Divino que nós temos.

Muita coisa foi refeita porque a gente só percebe se está uma antífona boa ou não. Na hora de cantar no coro, não. Quando nós fazemos sozinhos, não é?! E hoje

nós temos todo esse material, temos todo antifonal musicado que temos o hinário todo feito. E agora nós estamos terminando o trabalho das missas, isto é, o introito, responsa... salmo responsorial, o Aleluia, ofertório e antífona da comunhão. Nós temos todos os domingos e também todas as solenidades, e eu estou terminando agora o ferial de segunda a sábado. Com isso, meus irmãos, nós temos todo o ofício e toda a missa, não é musicado em português.

Eu não posso avaliar se o trabalho é bom ou não. São outras pessoas que devem avaliar. Mas a minha comunidade, ela naturalmente faz essa avaliação quando ouve músicas que não eram boas. É, eles se manifestavam e eu modifiquei, ou então, quando um texto do hino não era bom, eles me diziam e eu trabalhei em cima.

Agora, este trabalho todo é exatamente para nossa vida de oração, não é?! A vida beneditina, ela é centrada toda a nossa celebração do Ofício Divino, sete vezes ao dia. E como nós aqui, em Ponta Grossa, em 1981, já fazíamos a opção para cantar em português, e não em latim, então havia necessidade de música, tudo para não empobrecer a celebração. E assim foi feito. E aí está o nosso trabalho.

Nós temos um canal no *YouTube*, Abadia da Ressurreição, que os irmãos uma vez ou outra gravam, é... Do nosso ofício, não é do jeito que cantamos, até com as falhas que surgem. Então se vocês tiverem interesse de conhecer um pouco mais a fundo o nosso trabalho, procure no canal da Abadia da Ressurreição.

E hoje nós temos o saltério todo e o hinário editados. E os outros livros, as antífonas, as missas ainda não temos nada editado, a não ser uma edição muito caseira e quer só que o nosso uso lamentavelmente ainda não estamos colocando à disposição.

Mesmo assim, há muitas pessoas que nos pedem e nós mandamos assim de uma maneira um pouco provisória por Correios as melodias é que eles têm interesse. De maneira que eu lamento muito não estar com vocês, mas de qualquer maneira, eu agradeço o interesse por nosso trabalho aqui de Ponta Grossa e convido-os a nos conhecer pessoalmente e participar da nossa celebração e escutar o nosso canto gregoriano em português, que hoje se diz, naogregoriano aqui em Ponta Grossa. Então, um grande abraço a todos vocês.

## Apêndice L - Mosteiro ou Abadia? Conversa com Dom Mateus de Salles Penteadado, OSB.

Ficha Catalográfica	
<b>Registro:</b>	Oficial
<b>Título:</b>	Mosteiro ou Abadia? Conversa com Dom Mateus de Salles Penteadado, OSB.
<b>Autor:</b>	Dom Mauro
<b>Canal:</b>	Abadia da Ressurreição
<b>Upload:</b>	05 nov. 2022
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VBuPj6n_cwg">https://www.youtube.com/watch?v=VBuPj6n_cwg</a>
<b>Acesso em:</b>	20 dez. 2022.
<b>ABNT:</b>	Abadia da Ressurreição. Mosteiro ou Abadia? Conversa com Dom Mateus de Salles Penteadado, OSB. 05 nov. 2022. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=VBuPj6n_cwg">https://www.youtube.com/watch?v=VBuPj6n_cwg</a> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

**Dom Mauro:** Caros seguidores, eu sou Dom Mauro, da Abadia da Ressurreição e motivo de nossa conversa hoje deve-se ao fato, neste ano de 2022, nós comemorarmos 25 anos de elevação de mosteiro à condição de abadia e ninguém melhor do que do Mateus que viveu durante todo esse tempo conosco há 41 anos, desde a fundação, sendo 16 mosteiro e 25 anos de Abadia da Ressurreição.

Dom Mateus integra o grupo de 10 monges oriundos da cidade de São Paulo, do Mosteiro de São Bento, que em 1981 fundaram nossa Abadia da Ressurreição em Ponta Grossa, Paraná. Dom Mateus, é patrólogo de formação, estudou os padres da igreja no Pontifício Instituto Patrístico Agostiniano, em Roma, e desde 1988 leciona Patrologia no IFTEME Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* de nossa diocese.

Além disso, dedicou grande parte da vida ao estudo, bem como a pesquisa da vida monástica e há anos leciona aos nossos novíços um riquíssimo e aprofundado curso sobre tradição monástica. Dom Mateus, agradecemos sua presença e compartilhar com nossos seguidores nesse momento. Uma pergunta que frequentemente nos é dirigida é a seguinte, mosteiro ou Abadia da Ressurreição? Como devemos referirmos a vocês quais as diferenças existentes entre mosteiro e abadia? Podemos ser chamados de mosteiro?

**Dom Matheus:** Podemos ser chamados de mosteiro. Toda abadia é um mosteiro, embora nem todo o mosteiro seja uma abadia, então se chamar nosso mosteiro de Mosteiro da Ressurreição ou Abadia da Ressurreição está certo de toda maneira. É... como assim todo o mosteiro, toda abadia é um mosteiro? Porque os mosteiros beneditinos, para falar dos beneditinos, eles podem ser de várias categorias. Então, um mosteiro, quando ele é fundado normalmente, né? Ele é um priorado simples, se chama simples, porque ainda não há um ser autônomo, ele ainda está dependente da abadia fundadora ou, no nosso caso, dependente diretamente do abade presidente da antiga congregação, que era a Congregação Beneditina do Brasil. Depois que o mosteiro já caminhou um pouco, já tem uma certa condição, seja financeira, seja de

vocações, né? De estrutura, o mosteiro, então aí é elevado a condição de priorado conventual, ou seja, o mosteiro agora é o mosteiro autônomo, mosteiro independente. Não é ainda uma abadia, mas já não é mais um mosteiro que dependa da abadia fundadora. Então, o superior local já é o superior que nós chamamos de superior maior. Ele é autoridade do mosteiro e finalmente, abadia. Aí, quando a comunidade já tem pelo menos 12 professos perpétuos, né? Profissão definitiva, ele pode ser elevado à condição de abadia ou se é, é um título. Mas não é só um título meramente jurídico, porque aí o mosteiro vai ter um abade. O abade, que é, desde a Idade Média, ele é um prelado também, né? Então, ele tem certas prerrogativas na Igreja e é um pai espiritual no mosteiro e ele é eleito pra pra vida até até os 75 anos, como se fosse um bispo.

**Dom Mauro:** Qual a razão de nós trazermos o nome do mistério da ressurreição?

**Dom Matheus:** Aí é bem simples, é... os mosteiros, sobretudo orientais antigos, né? Eles têm uma tradição que receberam como título um mistério da fé. Às vezes eles são dedicados os mosteiros em geral e, os orientais em particulares, são dedicados à Virgem, ou a um Santo ou a mistério da fé. Como, no Brasil, na época da nossa fundação, praticamente, não todos, mas praticamente todos os mosteiros tinham um padroeiro santo, à Virgem ou um santo, São Bento sobretudo. Nós decidimos dar a nossa fundação do título do mistério, que é o central da nossa fé, que é a ressurreição. Esse é...

**Dom Mauro:** Esse é o grande motivo.

**Dom Matheus:** Né? Do grande motivo foi que a ressurreição é o é o mistério central da fé cristã.

**Dom Mauro:** Nosso mosteiro foi fundado em 1981, a tendo sido classificado ao longo de 16 anos, somente com um mosteiro. Quais foram os estágios que nós, mosteiro, passou até tornar-se abadia?

**Dom Matheus:** Foram esse que eu mencionei primeiro, na verdade, antes, o nosso mosteiro começou por conta da peculiaridade dos inícios. Foi uma decisão da Santa Sé. E o mosteiro começou como como *ad experimentum*, mosteiro por experiência por 3 anos. Então, não era nem [inaudível], então por 3 anos, se deveria acompanhar para ver se o mosteiro de fato estava progredindo. Finalizado esses 3 anos, se tomaria a decisão de continuar ou não. E a Santa Sé decidiu que sim. Então terminar esses 3 anos de mosteiro foi aí oficializado como priorado simples, ligado diretamente ao abade presidente, nós nunca fomos ligados com canonicamente como uma fundação do mosteiro de São Paulo. Isso durou até 1987, quando o mosteiro foi elevado à condição do priorado conventual, ou seja, um mosteiro já autônomo independente. Primeiro prior é nomeado, pelos nomes que foi nomeado, dom Lucas Torrel de Almeida Costa, o nosso primeiro prior, até 1991, ele foi o prior conventual 1991 pro, mostrando o priorado conventual. Aí houve a eleição, aí sim, a partir do segundo prior. Aí a eleição e o nosso atual abade dom André foi eleito o segundo prior conventual até a elevação do mosteiro, a condição de abadia. Em 1997, ele foi novamente aí ter outra eleição e ele foi eleito primeiro abade até agora o único.

**Dom Mauro:** Qual o panorama geral de nosso mosteiro nos primeiros 16 anos de

fundação? Houve dificuldades nesse primeiro período?

**Dom Matheus:** O que não faltaram foi dificuldades, mas também muita fé, muita, muita luta, né? Porque o mosteiro passava toda toda a fundação no início é assim, frágil, né? Então, na composição comunitárias são das pessoas frágeis, como também na questão econômica. Como nós, não, não fomos uma fundação é normal, entre aspas, do mosteiro fundador e nós tivemos que nos arranjar desde o início, economicamente. Então nós não tínhamos nada. O mosteiro passou por um período de muita penúria nos primeiros anos, mas nunca faltou. Nunca passamos fome, né? Sobretudo graças a bem-feitores também a congregações religiosas que nos ajudaram. Devo mencionar a Servas do Espírito Santo, que nos ajudaram bastante. Isso... é... a Congregação da Sagrada Família, das irmãs também [inaudível]. E outras conversações que também, algumas instituições europeias que nos ajudaram, auxiliaram pra gente poder construir o mosteiro atual, então mosteiro para construir, com a ajuda muita gente que acreditou no projeto. Essas irmãs, essas instituições, no mosteiro pode continuar para frente. Teve muitas dificuldades também comunitárias, nem todos tinham muito claro o ideal, né? Que o mosteiro deveria seguir até que se se definiu esse ideal, sobretudo com nosso abade atual.

**Dom Mauro:** Nosso Pai São Bento, em sua Santa Regra, diz que os monges cenobitas são aqueles que militam sob uma regra e uma barra que significa a palavra abade e qual sua importância para uma comunidade monástica?

**Dom Matheus:** Abade, *abá* a palavra vem daí e abate quer dizer, pai. O abade é o pai espiritual da comunidade. Ele é o superior, mas é um pai também. O pai é aquele que gera filhos. Então a finalidade do abade é, não é, não é apenas de administrar o mosteiro, missão superior canônica, mas é também de dirigir os monges pessoalmente. Cada monge tem que ser o filho espiritual do abade. Ele faz o discernimento dos espíritos, né? E que é um dom de Deus para poder orientar cada um na sua caminhada espiritual. Então, o abade tem essa dupla finalidade. Ele é um administrador no sentido de dar a orientação prática de manter o ideal firme fundador, mas também de conhecer mais profundamente cada irmão e ajudar esse irmão a sua caminhada espiritual.

**Dom Mauro:** Por isso a necessidade da abertura de cada irmão, de cada monge... ao abade, não é?

**Dom Matheus:** É, os primeiros, os primeiros que a gente chama de abades na tradição monástica, eles não eram superiores canônicos. Eram aqueles eremitas do Egito, chamava-se *abá*, então, por exemplo, não, eles não eram superiores no sentido jurídico. Mas eram pais espirituais e isso já se fazia desde o início. Discípulo é... tinha que se abrir, manifestar ao abade, ao *abá* os seus pensamentos, as suas dificuldades, as suas paixões, as suas tentações para que o abade desse um remédio espiritual e essa tradição é que nós não temos até hoje.

**Dom Mauro:** Inúmeras são as vezes que São Bento em sua Santa Regra, se manifestam a respeito da pessoa da base, havendo escrito dois capítulos acerca de seus deveres. No capítulo segundo em prega uma expressão muito significativa, ele diz. "Crês que no mosteiro ele faz as vezes do Cristo". O que São Bento pretende transmitir com tais palavras?

**Dom Matheus:** É o que nós denominamos divisão sacramental, ou seja, isso vale para a Igreja Católica toda, sabe? Dimensão sacramental, significa aqui para falar de superior e vida religiosa, né? Aqueles que são súditos, aqueles que têm acima destino superior, devem ver no superior não apenas um superior jurídico, mas vê nesse superior alguém que ocupa o lugar de Cristo. Nós, católicos, por exemplo, olhamos o bispo local não apenas como alguém que aqui nós devemos obediência porque é o superior, mas porque ele é a cabeça da igreja e, portanto, ele ocupa o lugar do Cristo. A Igreja é um organismo visível. De carne e osso, então se encarna isso em pessoas concretas que Deus coloca ali numa maneira ou de outra. Aquilo que vale para os diocesanos em relação ao bispo, vale também para o monge em relação ao abade, o abade é alguém que nós temos que ter essa visão de fé que está falando ali em nome de Cristo. Nós, portanto, o obedecemos, ouvimos as suas orientações, como se viesse pelo próprio Jesus Cristo.

**Dom Mauro:** E isso faz uma grande diferença, Dom Mateus, porque se você coloca a sua confiança em alguém que está sendo usado por Deus você com certeza você vai caminhar livremente e com segurança na vida monástica, porque Deus está conduzindo o abade, né? está conduzindo a vida do discípulo através do abade, não é isso?

**Dom Matheus:** É isso mesmo, mas ninguém é bom juiz em causa própria também nas questões espirituais. Sim, porque o grande perigo da vida espiritual é a ilusão que a gente se muda muita coisa. E o abade, ele tem também essa finalidade de nos mostrar a realidade tal como ela é. Então a gente é ouvindo a palavra do abade, a gente e obedecendo, nós evitamos essas ilusões e de andar no caminho errado na vida espiritual

**Dom Mauro:** Há 25 anos na solenidade da Assunção da Virgem Maria, no ano de 1997, nosso mosteiro foi elevado à condição de abadia pelas Sé Apostólica. Qual era a situação da comunidade na época e como se desenvolveu esse processo de transição de mosteiro para a abadia?

**Dom Matheus:** A mudança ou melhorar elevação do mosteiro da condição de priorado conventual para abadia é um ato da Santa Sé, conforme a congregação beneditina, a qual nós pertencíamos. A congregação que nós pertencemos hoje que a Sublacense-Cassinense, essa decisão cabe à própria congregação. Não depende da Santa Sé. Na época, a gente dependia da Santa Sé para a elevação. Então, no momento que o que o que a comunidade chegou a 12, até por iniciativa do abade presidente que era na época com abade presidente da congregação beneditina do Brasil na época, era o abade emérito de São Paulo, que é o abade, que nos recebeu de um abade, eu no mosteiro de São Paulo e nós entramos nós temos 1976, ele era o abade lá. E em 1997, ele era o abade presidente, não era mais o abade de regime em São Paulo e ele que tomou a iniciativa de elevar o mosteiro abadia e nós, claro, aceitamos, porque abadia é a plenitude no mosteiro beneditino. Mosteiro beneditino pode se dizer que chegou a sua estabilidade e a sua plenitude como comunidade, no momento em que é levado a abadia.

**Dom Mauro:** Do André Martins, foi eleito prior. Eleito prior em 1991 e em 1997, eleito primeiro abade. De todos os fundadores, nós notamos que o senhor tenha uma ligação

peculiar com ele. Poderia falar um pouco a esse respeito, Dom Mateus?

**Dom Matheus:** É, eu conheci o dom André quando ele e eu ainda éramos candidatos no Mosteiro de São Bento de São Paulo. Ele estava terminando o Ensino Médio e eu também. Então nós dois morávamos em São Paulo, frequentávamos o mosteiro nos fins de semana, ajudávamos na nas celebrações da da missa, né? Então nós já nos encontramos. Já uma afinidade muito grande já desse nesse momento antes de ingresso antes do ingresso no mosteiro, afinidade não só do ponto de vista humano, né? Mas também e sobretudo, uma afinidade do ponto de vista do ideal monástico e conforme nós fomos avançando na formação e dentro do mosteiro de São Paulo, né? E foi se clareando um ideal de fundação. Esse é nós dois, então tivemos uma união ainda maior, porque nós tínhamos esse mesmo ideal, então nós temos uma proximidade muito grande não só é porque somos amigos, né? Mas também por conta do ideal forte que ele e eu temos desde, desde que nos conhecemos, então a nossa fundação, ela é alicerçada, não vou dizer que nem em mim, nem nele, né? É, é Deus, o alicerce é Deus que incute esse ideal naqueles que buscam nosso respeito e esse ideal para o mosteiro ser vivo tem que ser muito forte. É um ideal que está voltado a tradição do nosso mosteiro nasceu assim, né? Como uma volta com pediu o Concílio Vaticano II uma volta às origens, uma volta às suas raízes. Pediu isso para a igreja inteira e pediu isso também para os religiosos, para os monges. Então nosso mosteiro nasceu como uma não como a negação do mosteiro, do qual nós viemos ao contrário, né? A tradição nós recebemos lá, mas como um passo à frente na volta às nossas raízes monásticas de São Bento e do dos monges e monjas anteriores a São Bento até.

**Dom Mauro:** É durante esse período todo que o senhor mencionou você que caminham juntos, né? Foram feitos os momentos de noviciado profissão juntos, é o seu caminho falar um pouco...

**Dom Matheus:** nós entramos no mosteiro no mesmo dia, primeiro de março de 1976, que era uma segunda-feira de Carnaval e de lá para cá nós fizemos uma caminhada também, tudo juntos, porque nós começamos a noviciado no mesmo dia. Fizemos a profissão temporária no mesmo dia, depois viemos para a fundação aqui em Ponta Grossa juntos. Fizemos a profissão perpétua juntos, fomos ordenados diáconos depois, presbíteros juntos, né? Fomos pra Roma, ele foi estudar a liturgia e eu fui estudar os pais da igreja, nós fomos juntos, moramos juntos lá em Roma. Daí nós voltamos. Ele ficou prior, depois abade, aí não ficamos juntos, isso ele ficou abade, eu não fiquei, mas é continuo dando o apoio que ele merece para exercer o seu cargo.

**Dom Mauro:** Tudo isso que o senhor acabou de falar é um crescimento muito grande, né? Diante de uma sociedade que a gente vê que muitas vezes não é possível uma amizade duradoura, um próprio relacionamento entre casais que a gente vê muitas vezes, né? Desfalecendo? Então, é uma amizade Bela. Tudo isso testemunho que o senhor deu uma amizade de 41 anos, né? E que é...

**Dom Matheus:** Amizade de 47 anos.

**Dom Mauro:** Pois é. Mais do que 41.

**Dom Matheus:** Tá vendo? 41 tem o mosteiro.

**Dom Mauro:** Exatamente. Então, é de fato um testemunho para que aqueles que estão nos seguindo, que tudo é possível, né? Quando Deus está no centro e que ele conduz toda a nossa vida. Dom André desenvolve o serviço da autoridade há 31 anos e junto à festa dos 25 anos dessa de abadia, celebraremos também o Jubileu de prata de sua bênção abacial. Se eu poderia destacar alguns dos aspectos desse abaciado?

**Dom Matheus:** Olha, Dom Abade André. Ele primeiro que se deve dizer é que ele, na minha visão, acho que na dos irmãos também, ele é desses homens que... desses abades que cumpriram de fato o que o nome indica de ser pai. Eu, apesar de ser amigo dele há 47 anos, mas ele é um pai também para mim, me conhece a fundo, o que me abro bastante com ele também. Então aí também exerce comigo assim seu papel de ser pai. Mas, além desse lado espiritual, administração do mosteiro, não é fácil a base, né? Porque tem que lidar como diz São Bento, com muitos temperamentos diferentes. As pessoas estão buscando a conversão, mas também tem problemas na... no... é difícil, mas também dom abade se destacou pelo seu amor a liturgia, ele estudou a liturgia já porque amava demais a liturgia católica, né? Então ele, ele se dedicou já antes, até de vir para o mosteiro, por exemplo, a questão da música litúrgica. É um trabalho que ele vem exercendo há mais de três décadas para musicar a liturgia das horas, o Ofício Divino como denominamos e no mosteiro e é um trabalho que ele tá ainda não concluiu completamente tipo dá um trabalho que ele está fazendo há muito tempo, né? Mais de 30 anos. E também como pai espiritual, como formador da comunidade, né? Ele, por exemplo, escreveu um livro que é fruto de um curso que ele dá para os formandos, falando da vida de São Bento, baseado nos diálogos, livro segundo os diálogos de São Gregório. Esse livro foi editado aqui pelo próprio mosteiro. Editamos também homilias dele recentemente. Então é alguém que se destaca pregar, pregando retiros, né? Alguém que atua bastante não só dentro da comunidade, mas também na irradiação que a comunidade tem para fora. Para monges, monjas e leigos.

**Dom Mauro:** A regra de São Bento e a vida monástica nunca deixaram de ter um sentido e uma mensagem, mesmo havendo atravessado tantos, é qual mensagem da vida monástica para os nossos dias?

**Dom Matheus:** É a mensagem é ainda é a mesma de sempre, a busca de Deus... São Bento na regra, né? Ele já é um herdeiro de uma tradição anterior. Ele, quando no capítulo 58 da regra, o capítulo que é destinado como é que se deve receber alguém que procura a vida monástica. Ele disse primeiro que não se deve receber tão facilmente, mas provar se o... é... se o candidato realmente busca a Deus. O que que é um monge? É alguém que dedica sua vida a buscar a Deus. Claro que isso vale também para qualquer cristão batizado. Busca de Deus é obrigação de qualquer cristão, mas um monge, a monja, faz da busca de Deus a sua forma de vida. Então renuncia coisas boas, porque aquilo que não é bom, entregamos no batismo, né? Sim, mas renunciamos aspectos, até santos da vida cristã, como um matrimônio, né? A ter propriedade, trabalho honesto para fora, né? Isso tudo o monge renuncia em função de um bem maior que é a busca de Deus, isso em comunidade. Então, o sentido da vida monástica é basicamente a busca de Deus. Isso para um beneditino feito em comunidade, mas também a gente tem que lembrar que a vida de oração que deve pautar a vida do monge, não é apenas para o próprio monge individualmente. A oração, sobretudo litúrgica, porque a oração litúrgica é eficaz, porque a oração do



próprio Cristo e oração da igreja, né? Naquele momento, quando os monges estão no couro, estão celebrando a liturgia, seja a Santa missa, seja a Liturgia das Horas, o próprio Cristo está agindo. Então, alguma coisa está acontecendo no universo, porque o Cristo está agindo naqueles monges que estão escondidos, então a Igreja é o é um organismo vivo, são membros, né? Do mesmo corpo, então, os monges, eles ocupam na igreja, sobretudo esse de rezar, de orar, porque sem oração, a vida da igreja, ela é vazia. Então nós, como monges que nos dedicamos mais tempo, pelo menos, a oração. Nós estamos elevando ao pai as angústias, os problemas do mundo inteiro da Igreja, de cada um ao céu que a gente tem que ter fé só no céu que a gente vai saber exatamente como é que aquilo foi eficaz. Mas a gente tem fé que de fato alguma coisa acontece.

**Dom Mauro:** E, de fato, como o senhor acabou de falar, Dom Mateus e o coração, ela tem que estar em primeiro lugar, né? É isso que a gente faz, rezar pela, pela humanidade inteira, por aqueles que nos pedem suas orações e o próprio Jesus antes de realizar qualquer coisa, eles colocavam diante de Deus, né, pra rezar. Então é, é.

**Dom Matheus:** A oração é fundamental. Lembro sempre daquela passagem para ilustrar um pouco que ela. Agora, sobretudo essa de intercessão. Naquela passagem de Moisés o povo hebreu está em luta com a malícia e Moisés sobe no Monte e fica lá com as mãos estendidas e começa a cansar as mãos, a mãos abaixo e o povo de Deus começa a perder a batalha, né? Quer dizer, quem que vence a batalha é Deus através dos seus combatentes, mas quem vence é Deus mesmo. Então vem lá os dois ajudantes, segura, bota uma pedra em baixo da mão, pega na mão dele poder ficar elevada, intercedendo e o povo és a nossa função de monges também é de ficar constantemente diante do Deus, não só pela alma de cada um, mas pela alma da Igreja inteira de cada um, enquanto nós estivermos rezando, nós sabemos que a Igreja está vencendo uma batalha.

**Dom Mauro:** Dom Mateus o senhor viveu 46 anos de vida monástica e tem participação singular na vida, na história de nossa comunidade, em nome de nossa comunidade, nós o agradecemos por sua perseverança. Sabemos que o senhor teve grande colaboração para que a nossa abadia aqui chegasse. Agradecemos igualmente por esse momento formativo que o senhor nos proporcionou.

**Dom Matheus:** Eu quero, inclusive convidar todos, né? Porque nós vamos fazer a celebração dos 25 anos de abaciado, né? De abadia e do e de abade de do André do novo mosteiro, na igreja que está sendo ainda erguida, o lado de Itaiacoca, no dia 26 de novembro, às 16:30, né? Sim, então estão todos convidados. Deus nos abençoe a todos, amém.